Parnaso Lusitano

ou

Poesias Selectas.

Parnaso Lusitano

OU

Poesias Selectas

DOS

AUCTORES PORTUGUEZES ANTIGOS E MODERNOS,

ILLUSTRADAS COM NOTAS.

PRECEDIDO
DE UMA HISTORIA ABREVIADA DA LINGUA
E POESIA PORTUGUEZA.

TOMO V.

PARIS,
EM CASA DE J. P. AILLAUD,
QUAI VOLTAIRE, Nº 11.

M DCCC XXVII.

PARNASO LUSITANO.

Epistolares.

CARTA. *

Rei ** de muitos rêis, se um dia,
Se uma hora so mal me atrevo
Occuparvos, mal faria,
E ao bem commum não teria
Os respeitos, que ter devo.
Que em outras partes da sphera

* Pedes tu por ventura ás castas musas
Em didactico stylo puro e bello
Poetica moral? na clara Lysia,
Inda muito melhor que em Grecia e Roma,
Monumentos te off'recem, consagrados
A's instrucções do homem: lê as *cartas*
Do grave e docto Sá.

A. R. dos Santos.

** El-rei D.João III.

Em outrôs ceos differentes,
Que Deus té-gora escondera,
Tanta multidão de gentes
Vossos mandados espera.

Que sois vós tal, qu'elles sós,
Justo e poderoso rei,
Ou lhe desdais os seus nós,
Ou cortais; porque entre nós
Vós sois nossa viva lei.

Onde ha homens ha cubiça,
Ca e la, tudo ella empeça,
Se a sancta, se a igual justiça
Não corta, ou não desempeça
O que a má malicia enliça. *

Senhor, que é muito atrevida,
E onde ella nós cegos deu,
Cortar é cousa devida;
Exemplo o jugo de Mida,
Que el-rei vosso avô fez seu.

Ora eu, que respeito havendo
Ao tempo, mais que ao estilo,
Irei fugindo ao que intendo;
Farei como os cães do Nilo,
Que correm, e vão bebendo.

A dignidade real,
Que o mundo a direito tem,
Sem ella ter-se-hia mal,

* Tece.

É sagrada, e não leal
Quem limpo ante ella não vem.
  Não fallemos nos tyranos,
Fallemos nos rêis ungidos;
Remedeiam nossos danos;
Soccorrem os affligidos;
Cortam pelos maus enganos.
  As vossas vélas, que vão
Dando quasi ó mundo volta, *
Raramente contarão
Gente d'outro algum rei solta;
Sem cabeça o corpo é vão.
  Dignidade alta e suprema,
Quem ha que a não reconheça?
Viu-se em Marco Antonio Thema
De pôr real diadema
A Cesar sôbre a cabeça. **

* Os Lusitanos, passando aos reinos da China, se atreveram olhar aquelle tam recatado imperio, que nunca soffreu a communicação de gentes estrangeiras, e la fundaram a cidade de Macau. D' aqui se divertem pera as innumeraveis ilhas do Japão; de sorte que as vélas portuguezas, com incançavel navegação, rodeiam a mor parte do mundo em distancia de mais de nove mil leguas.

Faria, *Vida de D. J. de Castro.*

** Certo dia, em que se celebravam as festas Lupercaes, quiz Marco Antonio pôr o diadema na cabeça de Cesar: o que deu causa a este ser apunhalado no mesmo anno.

Que o nome de imperador
D'antes a Cesar se dera
Sem suspeita, e sem temor;
Que inda então muito mais era
Ser consul, ser dictador.

Um rei ao reino convem;
Vemos que alumia o mundo;
Um sol, um Deus o sostem:
Certa a quéda, e o fim tem
O reino onde ha rei segundo.

Não ao sabor das orelhas,
Arenga studada e branda;
Abastam as razões velhas:
A cabeça os membros manda;
Seu rei seguem as abelhas.

A tempo o bom rei perdoa;
A tempo o ferro é mezinha:
Fôrças e condição boa
Deram ao leão coroa
Da sua grei montezinha.

Ás aves, tammanho bando
D'outra liga, e d'outra lei,
Por vencer todas voando,
A aguia foi dada por rei,
Que o sol claro atura olhando.

Quanto que sempre guardou
David lealdade e fé
A Saul, quanto o chorou!

Quanta maldição lançou
Aos montes de Gelboé!
  Onde caíra o escudo
De seu rei, indaque imigo,
Indaque ja mal sesudo
Saíndo de tal perigo,
E subindo a mandar tudo.
  O senhor da natureza,
De quem ceo e terra é cheia,
Vindo a ésta nossa baixeza,
Do real sangue se preza:
Por rei na cruz se nomeia.
  Sôbre obrigações tammanhas
Velem-se comtudo os reis
Dos rostros falsos, das manhas
Com que lhe querem das leis,
Fazer teias das aranhas.
  Que senão póde fazer
Per arte, per fôrça ou graça,
Salvo o que a justiça quer;
Senhor, não chamam valer,
Salvo ao que lhes val na praça.
  E por muito que os rêis olhem,
Vaõ per fóra mil inchaços,
Que ante vós, senhor, se encolhem
D'uns gigantes de cem braços
Com que dão, e com que tolhem.
  Quem graça ante el-rei alcança,
E hi falla o que não deve,

Mal grande da má privança,
Peçonha na fonte lança,
De que toda a terra beve.

Quem joga, onde engano vai,
Em vaõ corre e torna atrás;
Em vaõ sôbre a face cai:
Mal hajam as manhas más
D'onde tanto damno sai!

Homem de um so parecer,
D'um so rostro, uma so fé,
D'antes quebrar, que torcer,
Elle tudo póde ser,
Mas de côrte homem não é.*

Gracejar ouço de cá
De quem vai inteiro e são;
Nem se contrafaz mais lá;
Como este vem aldeão,
Que cortezão tornará?

As sanctidades da praça,
Aquelles rostros tristonhos,
C'os quais este, e aquelle caça;
Para Deus, senhor, é graça;
Para nós tudo são sonhos.

E os discursos que fazemos,
Póde ser, não póde ser,
Mais diante o intenderemos:

* Ésta *quintilha* é citada per todos os conhecedores, e corre hoje como proverbio.

Agora mortos por ver;
Então todos nós veremos.
Senhor, hei-vos de fallar
(Vossa mansidão me esforça)
Claro o que posso alcançar;
Andam para vos tomar
Per manhas, que não per força.
Por minas trazem suas azes
Os rostos de tintureiros,
Falsas guerras, falsas pazes;
De fóra mansos cordeiros;
De dentro lobos roazes.
Tudo seu remedio tem,
E que assi bem o sabeis,
E ao remedio tambem;
Querei-los conhecer bem,
No fruito os conhecereis.
Obras, que palavras não:
Porêm senhor, somos muitos,
E entre tanta multidão
Tresmalham-se-vos os fruitos,
Que não sabeis cujos são.
Um que por outro se vende,
Lança a pedra, e a mão esconde;
O damno longe se estende;
Aquelle a quem doe e intende,
Com so suspiros responde.
A vida desapparece,
E entretanto geme e jaz

O que caíu: e acontece,
Que d'um mal, que se lhe faz,
Outro mor se lhe recrece.
Pena e galardão igual,
O mundo a direito tem,
A uma regra geral;
Que a pena se deve ao mal,
E o galardão ao bem.
Se algum' hora aconteceo
Na paz, muito mais na guerra,
Que a balança mais pendeo,
Faz-se engano ás leis da terra;
Nunca se faz ás do ceo.
Entre os Lombardos havia
Lei escripta, e lei usada,
Como se sabe hoje em dia;
Que onde a prova fallecia,
Que o provasse a espada.
Alli no campo ás singellas,
Emfim morrer ou vencer,
Fosse qual quizesse d'ellas:
Não era melhor morrer
A ferro, que de cautellas?
Ao nosso alto e excellente
Dom Diniz, rei tam louvado,
Tam justo, a Deus tam temente,
Falsa e maliciosamente,
Foi grande aleive assacado.*

* O principe D. Afonso publicou um manifesto

Elle pôsto em tal perigo,
Rei que rêis fez e desfez;
Contra o malicioso imigo,
Foi-lhe forçado ésta vez
Chamar-se a ésta lei que digo.
E junctamente ás cidades
A quem cumpriu de accodir,
Polas suas lealdades:
Que tam más são as verdades
A's vezes de descobrir!
N'este tempo quem mal cai,
Mal jaz; e dizem que á luz
Per tempo a verdade sái;
Entretanto poem na cruz
O justo, o ladrão se vai.
Da mesma casa real,
Em verdade um grande Ifante
Tractado ás escuras mal,
Bradava por campo igual,
E imigos claros diante.
Emfim vendo a industria e arte

contra seu pae, no qual o accusava de haver pedido ao Papa a legitimação de Afonso Sanches seu filho natural, a fim de o declarar seu successor. Mas el-rei protestou— « que tal cousa nem somente lhe lembrara. » E o Papa declarou solemnemente, — « que nunca se lhe pedira graça similhante:» e deu-se por muito offendido do que se dizia a este respeito.

MORAES.

Quanto que podem, chamou
Um leal conde de parte;
So co'elle se apartou;
Foi viver a melhor parte.

Onde tudo é certo e claro,
Onde são sempre umas leis;
Principe no mundo raro,
Sôbre tanto desemparo
Foram tres seus filhos reis.

Ó senhor! quantos suores
Passa o corpo e alma em vão
Em podêr d'involvedores!
Emfim, batalhas que são?
Salvo desafios mores.

Com a mão sôbre um ouvido
Ouvia Alexandre as partes,
Como quem tinha intendido,
Por fazer certo o fingido,
Quantas que se buscam d'artes.

Guardava elle o outro inteiro
Á parte não inda ouvida:
Não vai nada em ser primeiro:
Quem muito sabe duvida;
So Deus é o verdadeiro.

A tudo dão novas cores
Com que enleiam os sentidos:
Ah maus! ah enliçadores! *

* Enredadores.

Ante os rêis, vossos senhores,
Andais com rostros fingidos!
Contais, gabais, estendeis
Serviços e lealdades:
Olhai que nan os daneis:
Fallai em tudo verdades
A quem em tudo as deveis.
Senhor, nosso padre Adão
Peccou, chamou-o o juiz,
Tenha que dizer ou não;
Hi sua fraca razão,
Porêm livremente diz.
Sempre foi, sempre ha de ser,
Que onde uma so parte fala;
Que a outra haja de gemer:
Se um jogo a todos iguala,
As leis que devem fazer?
Vidas e honras guardais
Debaixo de vosso emparo
D'estranhos e naturais;
Suspiram, não podem mais,
E ás vezes não muito claro.
Tambem após aquella arde
A cubiça da fazenda
Por mais que se vele e guarde;
Tinha ella melhor emenda
Senão fosse mal e tarde.
Geralmente é presunçosa
Espanha, e d'isso se preza,

Gente ousada e bellicosa,
Culpam-na de cubiçosa:
Tudo sabe vossa alteza.*
Pensamentos nunca cheios,*
Não teem fundo aquelles sacos;
Inda mal, porque tem meios
Para viver dos mais fracos,
E dos suores alheios.
Que eu vejo nos povoados
Muitos dos salteadores,
Com nome e rostro de honrados,
Andar quentes e forrados
Das pelles dos lavradores.
E senhor não me creais
Se as não acham mais finas,
Que as de lobos cervais,
Que arminhos, que zebelinas,
Custam menos, cobrem mais.
Ah senhor! que vos direi
Que acode mais vento ás velas;
Nunca se descuide o rei;
Que inda não é feita a lei,
Ja lhe são feitas cautelas.
Então tristes das mulheres,
Tristes dos orphãos coitados,
E a pobreza dos mesteres,

* Versos de um laconismo admiravel.

Que nem fallar são ousados
Diante os mores poderes.
Os quais quem os assi quer,
Quem os negoceia assi,
Que fará quando os tiver?
Nossos houveram de ser;
Tomaram-nos para si.
Ora ja que as consciencias
O tempo as levou comsigo,
Venhamos ás penitencias,
Senhor, se eu vira castigo
Boas são as residencias.
Mas eu vejo ca na aldeia
Nos enterros abastados,
Muito padre que passeia,
Emfim, ventre e bolsa cheia
Absoltos de seus peccados.
Si se hão de reconciliar,
Uns c'os outros teem seu trato;
Basta-lhes so acenar:
Não nos fazem tam barato
Ao tempo de confessar!
Senhor, ésta vossa vara
Em quais mãos anda, tal é:
A boa é ave mui rara;
Sabei que ésta nunca é cara,
Que seja muita a mercé.
Livre de toda cubiça,
A Deus temente, e a vós,

Sem respeito, e sem priguiça,
Vara direita sem nós,
Se quereis que haja hi justiça.
Tomai senhor o conselho
Do bom Gethro ao genro amigo:
É verdade, é evangelho,
(Como disse aquelle velho)
Humildemente vos digo.
Que éstas leis justinianas,
Senão ha quem as bem reja,
Fóra de paixões humanas,
São um campo de peleja
Com razões francas e ufanas.
Morre o nobre Conradino
C'o parceiro em tudo igual:
Cadaum de tal morte indino,
Polo pesado ou malino
Doctor, que interpreta mal.
Diz o texto: «O sangue cesse;
Per batalha a guerra finda.»
Vem com grosa outro interesse;
Diz que ande o cutelo, ainda
Que em prisão certo o tivesse.
Mas, senhor, melhor o temos
Sendo vós o que mandais:
Todos nos revolveremos,
Os que tanto não podemos,
E aquelles que podem mais.
Que por amor se encadeia,

(Não é nome errado ou novo)
Se por livre se nomeia;
Não tem rei amor de povo
Tanto, em quanto o mar rodeia.
Aqui não vemos soldados;
Aqui não soa atambor;
Outros rêis, os seus estados
Guardam de armas rodeiados,
Vós rodeiado de amor.
Achar-nos-hão as divinas
No meio dos corações
Entalhadas vossas Quinas:
Estas são as guarnições
De vós, e dos vossos dinas.
Tem na verdade o Francez
A seu rei amor acceso;
Não lh'o nega o Portuguez;
Porêm traz guarda Escocez,
Que não é de pouco peso.
O Padre-Sancto assi faz,
A quem certo se devia
Alto assocego, alta paz;
Mas tem guarda, todavia,
Com que vai seguro e jaz.
Que se póde ir mais ávante,
Com quanto alcança o sentido
Sem ferro, ou fogo que espante:
Com duas canas diante
Is amado, e is temido.

Uns sobr'os outros corremos
A morrer por vós com gosto:
Grandes testimunhas temos
Com que mãos, e com que rosto
Por Deus, e por vós morremos.

Outrosi para os reveses
(Queira Deus que não releve)
Em vós teem os Portugueses
O bom rei de Athenieses *
Codro, que outrem algum não teve.

Do vosso nome um gran' rei **
N'este reino lusitano,
Se poz ésta mesma lei:
Que diz o seu Pelicano
Pola lei, e pola grei.

Mas eu sou d'uns guarda-cabras
Que se vão de ponto em ponto;
Querem so duas palavras;
Que dos gados, que das lavras
Depois não teem fim, nem conto.

Assi que seja aqui fim;
Tornem as prácticas vivas;

* Rei dos Athenienses, o qual por salvar sua patria, se entregou á morte.

** D. João II. amava muito o seu povo; e por empresa d'este amor que lhe tinha, escolheu um Pelicano, ferindo com o bico o peito, para alimentar com o seu sangue os seus filhinhos.

A. Pereira.

Perdestes meia ora em mim,
Das que chamam *successivas*
Estes que sabem latim.

SA' DE MIRANDA.

* Ésta *carta* a el-rei D. João III. é considerada pelos doctos e intendedores como a obra prima de Sá de Miranda. Outras tem excellentes, e bem assi Antonio Ferreira e Diogo Bernardes; mas não pude inseri-las n'ésta escolha, porque me faltava logar para outras peças igualmente estimaveis.

CARTA. *

Fez fôrça ao meu intento a doce e branda
Musa tua, Bernardes, ** que a meu peito
Dá novo sprito, novo fogo manda.
Como um juizo queres que sujeito

* Não são menos credoras dos maiores louvores as *cartas* de Ferreira; por se encontrarem n'ellas os documentos mais solidos da moral, correndo parelhas na fôrça com a suavidade da poesia. Todas as excellencias de Horacio (seu original) se acham alli exacta e felizmente desempenhadas. Seriam sem número os logares, se houveram de apontar-se, em que o nosso poeta se apropría os pensamentos d'este principe dos lyricos latinos. A imitação de Horacio, que é a mais ordinaria, como a de todos os antigos poetas gregos e romanos, se ve sempre em Ferreira feliz e acertadissima. Os que souberem adverti-lo, poderão aprender de tam admiravel exemplar o modo, porque ésta deve fazer-se exempta d'aquella servidão e baixeza, que de commum a desfigura e envilece.
P. J. da Fonseca.

** Diogo Bernardes.

Vive a tantos juizos, se não guarde
De tanto riso e rosto contrafeito?
  Quanto em mi mais das musas o fogo arde,
Tanto trabalho mais por apagalo:
Quanto o silencio val, sabe-se tarde.
  A mêdo vivo, a mêdo screvo e falo;
Hei mêdo do que fallo so comigo;
Mas inda a mêdo cuido, a mêdo calo.
  Encontro a cada passo c'um imigo
De todo bom esprito; este me faz
Temer-me de mi mesmo, e do amigo.
  Taes novidades este tempo traz,
Que é necessario fingir pouco siso,
Se queres vida ter, se queres paz.
  Vida em tanta cautela, tanto aviso,
Quando me deixarás? quando verei
Um verdadeiro rosto, um simples riso?
  Quando a mi me crerão, todos crerei
Sem dúvidas, sem côres, sem enganos,
E eu, que de mi mesmo seja rei!
  Ah tantos dias tristes, tantos anos
Levados pelos ares em desejos
De falsos bens, e nossos tristes danos!
  A quem os deixa e foge, quam sobejos
Lhe parecem mais bens que os que so bastam,
Desviar da virtude os cegos pejos.
  Quantos as vidas, quantos almas gastam
Em buscar seu perigo, e sua morte,
E trás ella seus jugos crueis arrastam!

Aquelles vivem so, a que coube em sorte
Ao som da frauta, que dos hombros pende,
O mundo desprezar com sprito forte.
Toda minh'alma em desejar se estende
A doce vida, que tam doce cantas,
Que quasi a fôrça quebra, que me prende.
Mas ajuncta a éstas fôrças outras tantas,
Todas quebraria eu, se azas tivesse
Com que chegasse onde me tu levantas.
S'eu podesse, Bernardes, se eu podesse
Ser senhor so de mi, eu voaria
Onde do vulgo mais longe stivesse.
Alli quam livremente me riria
De quanto agora chóro! alli meu canto
Livre per ares livres soltaria.
Em quanto me ves prêso, amigo, em quanto
Sem esprito, sem fôrças, não me chames
Com teus versos, que a ti so honram tanto.
Por mais que me desejes, mais que me ames,
Não empregues em mi tam cegamente
Teu canto com que é bem que heroes afames.
Mas tractarei comtigo amigamente
Do conselho que pedes, juizo e lima
Tem em si todo humilde e diligente.
Quem tanto a si mesmo ama, tanto amima,
Que a si se favorece, e se perdoa,
Que sprito mostrará em prosa ou rima?
Taes são alguns a que triste a hera croa
Roubada do vão povo ao claro sprito

Que esconder-se trabalha, e então mais soa.
Aquelle dá de si publico grito:
Este cala, e s'encolhe: o tempo emfim
Um apaga; immortal faz d'outro o scrito.
A primeira lei minha é, que de mim
Primeiro me guarde eu, e a mi não creia,*
Nem os que levemente se me rim.
Conheça-me a mi mesmo: siga a veia
Natural, não forçada: o juizo quero
De quem com juizo, e sem paixão me leia.

* *Sumite materiam vestris qui scribitis æquam*
Viribus, et versate diù quid ferre recusent,
Quid valeant humeri. Cui lecta potenter erit res
Nec facundia deseret hunc, nec lucidus ordo.

HORACIO.

Não basta fazer bem uma *decima*, para haver arrôjo de intentar um *soneto*; nem compor bem um *soneto*, para desempenhar uma *epopeia*. Conheço pessoa, que por fazer uma *loa* passageira, emprendeu logo uma *comedia*, que fez como esperavam os que conheciam as poucas fôrças de seu auctor. Póde ser que Virgilio fizesse mal uma *ode*, e Horacio um *poema*. Com effeito o nosso Francisco Rodrigues Lobo foi felicissimo no *pastoril*, e infelicissimo no *epico*: de sorte que mais honra lhe faz uma sua *ecloga*, que todo o seu *Condestabre*. Todos os dias stamos vendo d'estes exemplos, e facilmente os apontariamos, se nos quizessemos fazer odiosos. Tudo se evitava se cada um pesasse suas fôrças com o pêso da materia que toma para discorrer.

F. J. FREIRE.

Na boa imitação e uso, que o fero
Ingenho abranda, ao inculto dá arte,
No conselho do amigo docto espero.
Muito, ó poeta! o ingenho póde dar-te; *
Mas muito mais, que o ingenho, o tempo e studo;
Não queiras de ti logo contentar-te.
É necessario ser um tempo mudo:
Ouvir e ler somente: que aproveita
Sem armas, com fervor, commetter tudo?
Caminha per aqui. Ésta é a direita
Estrada dos que sobem ó alto monte
Ao brando Apollo, ás nove irmans acceita.
Do bom screver, saber primeiro é fonte:
Enriquece a memoria de doctrina
Do que um cante, outro ensine, outro te conte.
Isto me disse sempre uma divina
Voz á orelha; isto intendo e creio;
Isto ora me castiga, ora m'ensina.
Cadaum para seu fim, busca seu meio:
Quem não sabe do officio, não o trata;
Dos que sem saber screvem o mundo é cheio.
Se ornares de fino ouro a branca prata
Quanto majs e melhor ja resplendece,
Tanto mais val o ingenho, s'á arte se ata.
Não prende logo a planta, não florece

* *Scribendi rectè, sapere est et principium, et fons.*
HORACIO.

Sem ser da déstra mão limpa e regada,
C'o tempo e arte flor fruito parece,
  Questão foi ja de muitos disputada *
Se obra em verso arte mais, se a natureza?
Uma sem outra, val ou pouco, ou nada.
  Mas eu tomaria antes a dureza
D'aquelle que o trabalho e arte abrandou,
Que d'est'outro a corrente e van presteza.
  Vence o trabalho tudo: o que cançou
Seu esprito e seus olhos, algum' hora
Mostrará parte alguma do que achou.
  A palavra que sai uma vez fora,
Mal se sabe tornar: é mais seguro
Não tê-la, que escusar a culpa agora.
  Vejo teu verso brando, stylo puro,
Ingenho, arte, doctrina: so queria
Tempo e lima d'inveja forte muro.

* *Natura fieret laudabile carmen, an arte,*
Quæsitum est. Ego nec studium sine divite vena
Nec rude quid prosit video ingenium.

HORACIO.

Ferreira parece, que se declara mais pola *arte*, do que pola *natureza*: a sentença mais segura é a de Horacio, em que diz: « Que uma ha de adjudar a outra; porque a *arte* sem a *natureza* é rude, esteril e sêcca; e a *natureza* sem *arte* é uma nau sem piloto, que so per milagre, não padecerá naufragio. »

F. J. FREIRE.

Ensina muito, e muda um anno e um dia: *
Como em pintura os erros vai mostrando
Despois o tempo, que o ôlho antes não via.
Corta o sobejo, vai accrescentando
O que falta, o baixo ergue, o alto modera,
Tudo a uma igual regra conformando.

* . . . . *Nonumque prematur in annum.*
Membranis intus positis delere licebit
Quod non edideris.

HORACIO.

Este costume tiveram sempre os grandes poetas, gastando muito mais tempo em reter as *obras* em sua mão do que em compo-las. De Helvio Cinna, famoso poeta, nos diz seu intimo amigo Catullo, que nove annos gastara em compor o seu poema intitulado—*Smyrna*—, e outros tantos o retivera em seu podèr sem o publicar, a fim de sempre o podèr corrigir. O célebre Sannasaro, vinte annos gastou em compor e limar o seu pequeno poema —*de Partu Virginis*— Tam difficultoso era em publicar seus scriptos, que até um *epigramma* ou *ode* não publicava, senão depois de longo tempo que gastava em emendas. O mesmo practicava Angelo Bergeo, negando longos annos a luz publica ao seu poema *de Venatione*, e á sua *Syriada*, que começou sendo mancebo, e publicou-a tendo settenta annos. Fui alguma cousa prolixo em apontar mais de um exemplo, porque vejo que este conselho de Horacio é muito desprezado n'êsta idade, dando-se á luz scriptos com tanta pressa, que mais tempo levaram a imprimir, do que a compor.

F. J. FREIRE.

Ao escuro dá luz, e ao que podéra
Fazer dúvida, aclara: do ornamento
Ou tira, ou põe: c'o decoro o tempéra.
Sirva propria palavra ao bom intento;
Haja juizo e regra e differença
Da práctica commum ó pensamento.
Damna ó stylo ás vezes a sentença;
Tam igual venha tudo, e tam conforme,
Que em dúvida estê ver qual d'elles vença.
Mas diligente assi a lima reforme
Teu verso, que não entre pelo são,
Tornando-o, em vez de orna-lo, então disforme.
O vicio que se dá ó pintor, que a mão
Não sabe erger da tábua, fuge: a graça
Tiram, quando alguns cuidam que a mais dão.
Roendo o triste verso, como traça
Sem sangue o deixam, sem esprito e vida:
Outro o parto sem fórma traz á praça.
Ha nas cousas um fim, ha tal medida,
Que quanto passa, ou falta d'ella, é vicio:
É necessaria a emenda bem regida.
Necessario é, confesso, o artificio,
Não affeitado: empeçe á tenra planta
O muito mimo, o muito beneficio.
Ás vezes o que vem primeiro, tanta
Natural graça traz, que uma das nove
Deusas parece que o inspira e canta.
Qual é a lingua cruel, que inda ouse e prove

Em vão alli seus fios? deixe inteiro
O bem-nascido verso, o mau renove?
Não mude, ou tire, ou ponha, sem primeiro *
Vir ós ouvidos do prudente experto
Amigo, não invejoso ou lisonjeiro.
Engana-se o amor proprio, falso e incerto;
Tambem s'engana o mêdo de aprazer-se;
Em ambos êrro ha quasi igual e certo.
Para isto é bom remedio ás vezes ler-se
A dous ou tres amigos; o bom pejo
Honesto adjuda então melhor a ver-se.
Alli como juiz então me vejo:
Sinto quando igual vou, quando descaio,
Quando d'outra maneira me desejo.
Quando eu meus versos lia ao meu Sampaio, **
« Muda (dizia) e tira. » Ia, e tornava:
« Inda (diz) na sentença bem não caio. »
O que mais docemente me soava,
O que m'enchia o esprito, por mau tinha;
O que me desprazia me louvava.
Então conheci eu a dita minha
Em tal amigo, tam desenganado
Juizo e certo, em que eu confiado vinha.

* . . . . *Si quid tamen olim*
Scripseris, in Metí descendat judicis aures,
Et patris, et nostras.

HORACIO.

** *Quinctilio si quid recitares, etc.*

HORACIO.

Quem d'olhos tantos lido, quem julgado
De tanto imigo ás vezes ha de ser,
Convem tempo esperar, e ir bem armado.
Isto me faz, Bernardes meu, temer
No teu, como no meu: não val escusa;
Doe muito ver meu êrro, e arrepender.
Quem louva o bom? quem bom e mau não accusa?
Mas tu não tens razão de temer muito,
Assi te alça, e te leva a branda musa.
Deixa so madurar o doce fruito
Um pouco: deixa a lima contentar-se:
Inventa e escolhe então o melhor do muito.
Eu vejo cada dia accrescentar-se
Em ti fogo mais claro, e o ingenho teu
Cada dia mais vivo levantar-se.
Então darás, com glória tua, o seu
Gran' prémio ás musas, que te tal crearam,
Vida a teu nome, qual a fama deu
A muitos, que da morte triumpharam.

Antonio Ferreira.

Quanto Antonio Ferreira fundamente conhecesse as especulações da arte, com evidencia o mostra ésta *carta* escripta a Bernardes, na qual depositou quanto sôbre as regras geraes da poesia encerra a epistola de Horacio aos Pisões. Era por ésta causa consultado como o melhor critico pelos seus contemporaneos, a quem a sua falta se fazia n'ésta consideração muito sensivel.

P. J. da Fonseca.

CARTA. *

Antonio,** quando vejo o ingenho raro,
O puro sprito que nos vás mostrando,
O stylo facil, alto, limpo e claro;
Vejo que vas em tudo renovando
Aquella antiguidade, qu'inda agora
Com grande nome e fama stá spantando.
Vejo em ti sempre maravilhas, ora
Cantes da viva, da amorosa chamma
Que um' alma faz captiva, outra senhora:
Ou nos mostres do que baixamente ama
Amores em baixezas so fundados,
Destruidores maus da limpa fama:
Ora sejam teus versos entoados
Ó som da doce frauta, a cujo som

* As *cartas* do poeta Caminha não são sem merecimento; ellas teem o genero de calor que convem á poesia didactica, e um colorido agradavel no stylo; mas ellas são menos ricas em pensamentos que as de Ferreira.

** Antonio Ferreira.

Foram os do gran' Tityro cantados :
  Ou, em outro mais alto e triste tom ,
Nos mostres da fortuna as variedades,
Mais vezes polo mau, mais contra o bom :
  Ora chores a perda das idades,
Em que o bem tinha prémio, o mal castigo
E mostres de mil erros as verdades :
  Ora consoles o teu triste amigo,
Ou congratules quando stá contente,
Accodindo ós prazeres, e ó perigo :
  Agora te levantes altamente
A altos feitos, a empresas, que gloriosa
Fama, mas merecida, deixa' á gente :
  Ou temas a suberba, a perigosa,
A van, a ingrata côrte a almas, a vidas,
A honras, a bons spritos tam danosa :
  Ou desejes as fontes so bebidas
Dos que passam quietamente a vida,
Não invejando as aguas mais seguidas :
  Ou te alces sobretudo áquella crida
Vida de nós, de todos desejada,
De muitos mal, de poucos bem seguida :
  Quando tudò isto vejo, quando a estrada
Que té-gora seguiste, e o cuidado
De per ti nossa lingua ser honrada : *

* A fôrça de razões com que Antonio Ferreira convence vigoroso aos que se dão a screver em linguage estrangeira, a ingratidão de que os argue,

E vejo d'outra parte ja acabado
(Com mágoa o digo assi) o tempo que usava
Os ingenhos honrar de que era honrado:
Que não hei de sentir? Tudo levava
Phebo após si, movia com seu canto
Condições feras, gente dura e brava.
É tido agora em pouco, grande espanto
D'espritos raros, de que n'ésta terra
Nunca houve tantos em que houvesse tanto:
Mas conhecidos mal, fazem-lhes guerra;
Captivam-nos com serem mal ouvidos;
E assi vemos qu'em si cad'um se encerra.
Mas se os vemos assi mal recebidos,
(Não sei se é isto mágoa ou phantasia)
Cuido qué porque são mal intendidos.
Se nos ja manhecesse um alvo dia,
E após elle outros muitos, que tirassem
A este enganado tempo sua porfia;
Que muitos zelos maus desenganassem,
Que muitos zelos bons favorecessem,
Porque assi maus temessem, bons ousassem:
Quem duvída qu'então cad'hora erguessem

os exemplos que lhes allega, e a viveza com que insta a seus amigos, para que volvam da errada carreira que levavam, indicam ser este o ponto que mais tinha a peito, e que com mais interêsse o disvelava.

P. J. da Fonseca.

Ó ceo novos espritos, novos cantos,
Que iguais ó canto antigo se fizessem.
Poderiamos ter menos espantos
D'ingenhos peregrinos, que os dará
(Quando pouco) ésta terra tais e tantos.
Se algu' hora tal tempo nos virá
Que veja levantados bons espritos?
Que derribada estê a condiçaõ má?
Que despreza bons versos, bons escritos,
Por mau zêlo, por odio, ou por inveja,
Qu'estes tais entre os cegos sejam scritos?
Tempo em que levantado assi te veja
Qu'em ti s'alegre Apollo, em ti das nove
Irmans o casto côro alegre seja:
E em mi, a quem agora o peito move
Teu alto canto, qu'eu vou mal seguindo,
Outro mais alto canto então renove,
Com que me pouco a pouco va subindo
Trás as Musas com tua guia clara,
Que pera ellas meus olhos vai abrindo.
Musas, com que se um' alma tanto empara
De todo golpe, com que se defende
Na van fortuna, ou prodiga ou avara.
O tam ditoso que por ellas vende
Todo outro gôsto vão, de vãos desejos
Livre, n'outros melhores alma accende.
Os suberbos estados, os sobejos
Despreza, o campo mais que o povo estima;
Não sofre suas solturas, seus despejos.

Conversações de livros põe acima
De quantas ha entre a gente, tam buscadas
Do tam cego que aquellas desestima.
Horas ditosas, doces, bem gastadas,
As que longe da gente e povo cego
N'uma san liberdade são passadas!
Livres de tanto mau desassocego,
De tanta inquietação, que so a lembrança
Tirará ó socegado seu socego:
D'uma esperança van n'outra esperança
Não se anda alli, seguro o sentimento
Está alli de sentir tanta mudança.
Alli os olhos não dão ó pensamento
Tanto a que se abaixar; alli o desgosto,
S'acerta de vir, dura um so momento.
Alli do sol nacido té o sol posto,
E d'elle pôsto té outra vez nacer,
Não esconde a alegria seu bom rosto.
Alli se ve mais cedo amanhecer,
Mais tarde a noite, que em mil lumes arde:
Quam poucos este bem sabem escolher,
Que por cedo que se ache, acha-se tarde!

CAMINHA.

CARTA I. *

Lume das nove irmans, mais que o sol claro,
Francisco,** em cujo peito Apollo inspira
Um saber peregrino, um cantó raro.
  Ha muito ja, se tam alto subira
O baixo ingenho meu, que no gran' Pindo,
Com Febo mão por mão cantar te vira.
  Que fôra a minha musa descubrindo

*. . . Lê as *cartas*
Do grave e docto Sá : torna a Bernardes ;
Que gran' riqueza n'elles! que doctrina!
Que profundo saber do mundo! quanta
Do coração humano alta sciencia!
Quantas regras de bem viver se encerram
Na rica lingua, no sisudo metro,
Que a nenhum ja de Lusos, ja d'estranhos,
Antigos ou modernos, dão vantajem!
« Separae estes livros d'ouro (disse
Um dia ás Musas Phebo) ponde-os ambos.
Nas sacras aras da immortal virtude. »
A. R. dos Santos.

** A Francisco de Sá de Miranda.

A sua pobre veia em teu louvor,
Outros versos tecendo, outros urdindo.
Julguei sempre o silencio por melhor,
Por fugir da peçonha, que derrama
A lingua má do mau murmurador.
O bom esprito, que pretende fama,
Ser louvado do povo não deseja;
Que sempre ao menos sabe-o mais a fama.
Queres que de meus versos juiz seja
Um mau, um ignorante? d'ambos temo;
A ignorancia d'um, d'outro a inveja.
Trabalho por saír a véla, e a remo
D'antre Scylla e Caribdes: não queria
Por fugir d'este, dar n'aquelle extremo.
O doce stylo teu tómo por guia;
Escrevo, leio e risco: vejo quantas
Vezes s'engana, quem de si se fia.
Se guardo téus preceitos, que t'espantas
De não me conhecer? mais certo espanto
Recebe o mundo todo do que cantas.
Eu ja um novo templo te levanto
Dentro na minha ideia, onde offereço
A teu immortal nome este meu canto.
Não te contarei n'elle de começo
Qual minha vida foi, por não cançarte;
Contrario effeito de quanto ás Musas peço.
Isto so te direi; a melhor parte
D'ella levou amor, la onde o Tejo
Perde o sabor das aguas, com que parte.

Alli me convertia o vão desejo
Em agua, em fogo, em fera, em pedra, em planta:
Agora vejo tudo, porque vejo.
Amor não usa d'hervas quando incanta;
Nem cura das palavras, nem dos signos
De Circe, de quem tanto Homero canta.
Ja livre de tammanhos desatinos,
O fogo morto, rotas as cadeias,
Canto alegre ao ceo odas e hinos.
Cobrei (desque bebi n'éstas Leteias
Aguas do patrio Lima) o ser perdido;
Ésta verdade quero que me creias.
Do tempo mal-gastado, arrependido,
Queria (se podesse) o que me fica,
Que fosse em melhor uso despendido.
Por isso não s'afaste a tua rica
Musa de dar a mão á minha pobre,
Que no caminho do Parnaso embica.
Que se fez das medalhas d'ouro e cobre?
Das estátuas de pedra, e de metal?
O tempo gasta tudo, tudo cobre.
No mundo aquelles teem fama immortal
De quem nos canta um peregrino ingenho:
O mais bem sabes tu que pouco val.
D'alguns cantarei eu, se por ti venho
A levantar-me tanto, que na fonte
Castalia mate o grande ardor que tenho.
Cingida de louro verde a branca fronte
Então ouvirás tu mais alta rima

Ledo, que por ti cante, e por ti conte.
Agora rio abaixo, rio acima,
Que vai suavemente murmurando,
So me vou pela beira do meu Lima.
Ora enganos d'amor lhe vou contando;
Outr'hora de sereno, claro e puro,
O vou, como costumo, celebrando.
Da loura e branda nympha o pastor duro
No bosque ouço queixar; sem lhe valer,
D'ambos me rio ja, pôsto em seguro.
Que mor contentamento póde ver,
Que ver-se livre quem no mundo vive,
Sem ter ja que sperar, nem que temer?
O cubiçoso e cego se cative
De seu ouro, sem Deus, ajunote e guarde;
Que nunca guardar muito por bom tive.
É peito sem ventura, aquelle que arde
N'este fogo cruel, que tanto lavra
Que mata cedo, e quando morre é tarde.
Emfim, por não gastar tanta palavra
Na traça do desejo, no retrato,
Que tu Francisco ves, sem que mais s'abra;
Queria boamente, sem mau trato,
Passar per ésta vida de maneira
Que fosse ao ceo acceito, á terra grato.
Tu que seguindo vas a verdadeira
Via, que do ceo mesmo te faz dino
Com fama sempre clara, sempre inteira;
Diz-me per onde va; o peregrino

Quando pizando vai terras estranhas
Ha mister certa guia, certo ensino.
Não te deram os ceos graças tammanhas
Pera so as lograres, mas por seres
Bom mestre d'artes boas, boas manhas.
Se te roubou a morte os teus prazeres,
O tempo (como dizes) fôrça e gôsto,
O melhor te deixaram, que mais queres?
Em rico diamante scrito e pôsto
No templo da segura eternidade
Teu nome vejo a todos anteposto.
Nem morte contra ti, nem longa idade
Tem ja poder nenhum; pódes te rir
Das suas fôrças, da sua crueldade.
Podem-se derrubar, podem cair
Os edificios de que tu m'escreves,
Teu nome não, que sempre s'hade ouvir.
Se te devem as Musas, se lhe deves,
Não sei determinar; tu as honraste;
Ellas não te negaram azas leves,
Com que da terra ó ceo te levantaste.

CARTA II.*

Musa de Lusitania; pouco digo,
Das nove do Parnaso a principal,
Que menos não partiu o ceo comtigo.
Indaque sei que pouco ou nada val
Natureza sem arte, e sem doctrina,
Que póde, com amor, parecer mal?
Se tal razão em tal materia é dina,
Bem te podem meus versos parecer,
Pois m'os inspira amor, pois m'os ensina.
Ha n'elles que cortar, ha que stender;
Vão como parto d'Ursa, buscam vida;
Outra fórma melhor, um novo ser.
Que lhes podes dar tudo, quem duvida?
Eu que lhes posso dar senão amor,
Suspiros tristes, dor mal intendida?
Soberbo me fazia o teu louvor,
Se me esquecera o môço, que caindo
Deixou o mar com nome, o pae com dor.

* A Antonio Ferreira.

Este me fez temer, e o que subindo
No carro, que pediu, morto deceu,
Inda debaixo d'agua ardor sentindo.
Pôstoque logo então tanto s'ergueu
A van presumpção minha sôbre si,
Que mal seu desengano recebeu.
Digo, quando meu nome scrito vi
D'aquella penna, que com raro ensino
A nós prudencia dá, dá fama a ti;
O louvor traz comsigo desatino,
Altera e cega a quem é cubiçoso
D'elle, por tal respeito, mais indino.
O que fama não quer por virtuoso;
O que de todo a vicios s'entregou,
Não póde (ainda que lembre) ser famoso.
Senão vejam a fama, que deixou
O que poz fogo ao templo por memoria,
Que nem somente o nome conservou.
Outros conselhos dás na triste historia
Da triste dona Ignez, outras lembranças
Dignas de fama ca, no ceo de gloria.
As nossas bem-fundadas esperanças
Virtude devem ter por seu objeito,
Pera firmes estarem nas mudanças.
Quem viu o virtuoso andar sujeito
A successos do mundo duvidosos?
Quando não foi seu bem firme e perfeito?
Os que chegam a termos tam ditosos
Que mais teem que sperar, ou que temer?

De que podem na vida andar queixosos?
Não ouso de fallar, póde-se crer;
As musas livres de sua natureza,
Um mêdo vão as faz emmudecer.
Pêza-me de vir dar n'ésta certeza:
Mas quem póde escusar tristes queixumes
Vendo que o bem s'engeita, o mal se preza?
Pouco presta screver grandes volumes
Por parte da virtude, contra o vicio:
Vencem boas palavras maus costumes?
Se buscas Alexandre, se Fabricio,
Achas tu senão Elios, senão Midas,
Que fazem, com dor nossa, seu officio?
Quanto melhor sería ver perdidas
Éstas vans pretenções atrás que andamos
Aventurando as almas polas vidas.
Mil cousas, que no publico tachamos,
Seguimos no secreto á redea solta;
Cuidando d'enganar, nos enganamos.
Em tanta confusão, n'ést'agua envolta
Faremos da vontade nossa guia:
Mas onde vai parar quem não dá volta?
Que dizes tu d'aquelle que confia
Do seu juizo tanto, que vanmente
Screve quanto lhe vem á phantasia?
Este tal sente tudo, ou nada sente:
Extremos perigosos, pera quem
Seguindo o fio vai da cega gente.
Que gôsto dás na vida, que mor bem,

Que ter homem de si conhecimento;
Quem isto so alcança, tudo tem.
Não se deixa virar de cada vento;
Não morre por viver; não lisonjeia;
Não faz em peito alheio fundamento.
Rocolhe com prazer; o que semeia,
Com gôsto come; dorme descançado:
Da sua vida vive, e não d'alheia.
Dos antigos Romãos, foi perguntado
Apollo,, qual dos homens d'ésta vida
Julgava por mais bemaventurado?
Respondeu á pergunta referida,
« Que Giges » cousa mais não declarando;
O que a resposta fez mal intendida.
Elles, que d'elle stavam esperando,
Que nomeiasse algum mui conhecido
Dos grandes, que no mundo tinham mando;
Querendo conhecer quem preferido
Fôra em ventura á regia dignidade,
Acharam, tendo ja muito inquirido,
Ser um homem, que fóra da cidade,
No campo cultivava uma horta pobre;
O qual era mais pobre da vontade.
Parece que ja então era de cobre
A idade, que télli fôra de prata,
E d'antes de metal muito mais nobre.
O tempo tudo gasta e desbarata:
Acabou, começou ésta de ferro,
Onde tractam melhor quem peior trata.

A terra, que nos deram por desterro,
Esquecidos nos faz da patria propria,
Que má desculpa tem tammanho erro.
Emfim, ésta materia é-me impropria;
É pêso d'outros hombros, d'outro sprito,
A quem Phebo de si dá maior copia.
Por tanto meu desejo, e não meu dito
Recebe com amor e attenção pura,
Que chega, onde não chega o curto scrito.
E se tua clara luz, que a nevoa scura
Dos bons ingenhos vai alevantando,
E do Pindo lhes mostra a mór altura;
Me for per ésta selva lumiando,
Onde amor me metteu, alta e sombria,
Per onde vou a mêdo caminhando;
Inda eu spero que vejas algum dia
Com novo louvor teu mais doce canto;
Porque tendo tam certa e fiel guia,
Não é muito de mi prometter tanto.

BERNARDES.

CARTA. *

Qual sordido pedreiro, que doente
De um hospital jazeu no leito pobre,
Quando torna d'alli convalescido,
Mais esbelto, pellado e macilento,
Em casa não acerta com a trolha,
Picareta e colhér; tudo lhe falta:
Assim depois de tantos negros dias,
E noites longas, mais que as de Lamego
Em funebres ideias mal-gastadas,
Com pennas e papel não sei haver-me.
Quero grasnar em verso, mas não posso:
Dos olhos me fugiu o sancto lume
Que me guiava ao cume do Parnaso.
Por fatuo me tivera, se a Fortuna,
Em cambio da alegria que me rouba,
Me désse dous rabões com tres lacaios
Brilhantes, rendas finas e velludos,

* Ao doctor João Evangelista.

Mas de Poeta, amigo, so me resta
Desastres e miserias; filhos rotos;
De valadío o tecto; a vinha calva;
Caseiros, architectos e criados
Mais duros que as catastas de Perillo:
E n'este bom estado me provocas
A cantar e tanger na doce lyra?
Que ha de fazer um cysne desazado?
Um cançado rocim, qûe ja não chega
Á méta desejada, sem mil vezes
Caír, dando aos ilhaes na lisa areia?
Mas se pragas me rogas, que mais queres
Que ver Heitor dos férvidos cavallos,
Do cholerico Achiles arrastado,
Tingindo a dura terra o negro sangue?
Supponho que a metaphora percebes?
O Nadegas, que viste esfrangalhado
A passapello vir da pobre aldeia;
Porque lhe devo ja uns tantos mezes,
Me ralha, e me governa fucinhudo;
C'o rabo agasalhado ja capeia
As aias, as rascoas da cuzinha:
Eu d'elle me recato, so me falta
Lucrecia vir a ser d'este Tarquino.
Agora te ris tu; e Manuel Gomes,
O nariz encrespando, te pergunta
Que fabulas são éstas? Não lhe expliques
O sentido moral; deixa-o confuso:
Não convem que criados tudo saibam.

Dize-lhe que sou doudo, que desprézo
Opulentas heranças; que inflexibil,
Com semblante sereno e socegado,
Não me cança soffrer a mão pesada
Da fome, e da penuria; não me espanta
A carregada nuvem da desgraça,
Que aos olhos me fuzila ha ja dés annos.
Nem sonho com perdizes, nem lampreias:
Com mui pouco se calam meus desejos:
A males sempre afeito, não se accende
Na torpe phantasia a luz brilhante
De fartas mentirosas esperanças.
Nem com legados, quintas, beneficios,
Promessas e presentes póde um velho
O curvo anzol cevar, para pescar-me.
O peixe ja sangrado desconfia,
Se ve surdir a isca á tona d'agua.
Eu que o trapo mordia, e que inda tenho
As cicatrizes da farpada ponta,
Nunca mais cairei em esparrellas.
Antes quero jazer na estreita lapa,
Que embrulhado ficar em negras redes.
Mas para que poeta não me chames,
Quero o ponto explicar-te; attento escuta:
N'aquelles priscos tempos que fallavam
Os animaes, as árvores, as pedras;
O cerval lobo a calida raposa,
Em juizo accusava, e lhe pedia
Restituição do furto que fizera:

Um mono petulante, mas sisudo,
Era o juiz, que as partes escutava,
E, lançando a sentença, disse ao lobo:
« Não julgo que te falte o que tu pedes;
Porêm creio, ó raposa! que roubaste
O que negas com tanta subtileza. »
Ésta fábula, amigo, nos ensina,
Que quem mente per genio, e per costume,
Quando diz a verdade, não é crido.
Agora applica o conto, e la comtigo
Pésa bem as razões, as vans promessas,
Com que um astuto velho marralheiro
(Até que lêste Tacito e Comines)
Te fez estar quieto, e hallucinado,
Tirando-te per arte de Berliques,
Do nariz cascaveis, fitas da boca.
O prazo de Valdeste são os philtros
Com que ésta Circe torna em leões fulvos,
Em sedeúdos porcos grunhidores
Do sabio Grego os fortes companheiros,
Que em falsas apparencias embebidos,
Entram nos paços da famosa bruxa.
Não julgues tam boçal este moleque,
Que saia da cenzala por missanga.
Ao Minho passarei, se tu quizeres,
Nos altos tectos, onde ja brilharam
Preciosos rubís, a agasalhar-me;
E sem mais esperança, que o desejo
De ver-te, de tractar-te, e de passarmos

Bocejando a miudo as frias noites
Do enregelado hinverno, que ja chega:
Ároda da fogueira aqueceremos
As engelhadas mãos: d'entre o brazido,
Saltando as rebordans, que na deveza
O Domingos colheu inda orvalhadas.
Alli te contarei como em Lisboa
Se douram os carrinhos sem dinheiro;
Como tufa o José; como o Lourenço,
Que duque foi no pateo, e conde em Cintra,
Agora se vai pôr a chapeleiro;
E a pallida infeliz Sebastiana
Condemnada a torcer negras presilhas:
E se d'isto me ouvires, te enfadasses,
Tangendo a doce lyra em brando verso,
Mil hymnos cantaria á tua Laura,
Á tia Catherina, Dulcinea
Por quem venças chymeras e gigantes:
E tomando no lar um carvão liso,
Te pintara o retrato na parede
D'aquelles olhos onde tu suspiras;
Por quem vives e morres de saudade.
Que facil é sonhar felicidades!
Tu ja rico me crês; eu ja supponho,
Agora que te screvo, e que te fallo:
Mas ésta scena subito se muda:
O Chico mostra rotos os sapatos;
Uma quer lenços, outra quer roupinhas;
O Nadegas dinheiro para a ceia;

Á porta está batendo o alfaiate.
Se alguem aos cães lançou os patrios ossos,
Se foi traidor á patria, se é falsario,
Seja lançado a filhos e credores.

Garçaõ.

CARTA I.*

Senhora, tambem um dia
Entrarei c'o a frente erguida
Não serei na vossa meza
Dependente toda a vida.
Nem sempre abatido pejo
Dirá n'ésta cara feia,
Quanto doe a um peito altivo
Matar fome em casa alheia.
Airoso gordo perum,
É meu suberbo presente;
Traz inda as pennas molhadas
C'o pranto da minha gente;
No sancto dia esperavam,
Quebrando antigo jejum, *
Cravar inexpertos dentes
N'este primeiro perum;

* Offerecendo um perum em casa, aonde todos os domingos davam ao auctor este prato.

A ruça magra Josepha,
Ergueu queixume sentido;
Custou-lhe mais ésta ausencia,
Que a do defuncto marido.
O louro alvar galleguinho
Chegou aos olhos seu trapo;
Tinha vistas sôbre a carne,
E muítas mais sobre o papo.
Seu almoço requerendo,
Em luzindo a madrugada,
Na esquerda, grossa fatia
D'ambas as pártes barrada:
Na dextra, com branda cana
O seu pupilo guiava;
Em tenras publicas malvas,
Para si o apascentava:
Quando lhe mandei trazer-vos
O bom companheiro seu,
Pedindo-me coxos mezes,
Me disse « que o trouxesse eu. »
Eu o trago: a offerta é pura,
Mas a tenção a envenena;
Traz escondida uma usura,
Maior, que a da *meia sena*. *
Com um surriso acceitai
O atraiçoado convite;
Vem a morrer uma vez,

* Partida de jôgo.

Porque muitas resuscite.
Curai todos os domingos
A minha doença eterna:
Sôbre a meza milagrosa
Seja ésta ave, uma ave eterna;
De outra, que finge a poesia,
Trocae em verdade a peta;
E seja um negro perum
A phenis d'este poeta;
Na ondada pia toalha,
Co' a benção da vossa mão,
Seus frios despidos ossos,
De carne se cubrirão.
Consenti, que este oco peito
Ao prodigio se consagre;
E que dentro em si colloque
A mor parte do milagre.
Quanto ao padre prégador,
Meu voto é não convida-lo;
Porque ha de comer o assumpto,
Muito melhor que préga-lo.

CARTA II. *

Domingas, debalde queres,
N'esse canto da cuzinha,
Vencer a invencivel teima
Da rebelde carapinha:
Em vão te arripia a frente,
De que zomba o deus de amor,
Alvo côto de pomada
Furtado do toucador:
Debalde tufado laço
De atadeira fita Ingleza
Te asombra a leveda popa
Riçada per natureza.
Debalde alteias as ancas
Esguias e enganadoras,
Com as velhas algibeiras
Que vão deixando as senhoras:
Amor, fingindo dotar-te,
Te poz, com traidora mão,

* A uma preta, que pretendia que a obsequiassem.

Juncto dos dentes de neve,
Faces tinctas de carvão.
Indaque ancião pesado,
Desprézo teus vãos intentos;
Debaixo de murchas cans
Nutro altivos pensamentos.
Vejo a quebrada madeixa
Ja tornada em gêlo frio:
Tudo o tempo me levou,
Mas não me levou o brio.
Debaixo da zona ardente
Jurar-te-hia amor e fé;
Mas não teem culto na Europa
As deidades de Guiné.
Se ás vezes te ponho os olhos,
Não é de amor signal acerto;
São desejos de levar-te
Á casa de João Alberto.*
A engomada casaquinha
Te descobre novas faltas:
Para outro corpo foi feita;
Dizem-no as feições mais altas.
Ja n'outros pés teus sapatos
Soffreram do tempo o açoite:
Cançada fendida seda,
Mostra dedos côr da noite.
E poisque a amor queres dar-te,

* Comprador,

Eu te aponto um chafaris,
Onde aches dignos amantes
Assentados em barris:
Acharás o pae Francisco,
Homem a bulhas contrario,
Ja duas vezes juiz
Na irmandade do rozario:
Acharás o forro Antonio,
Que o tabaco e vinho enjoa;
E tem nos calmosos junhos
Caiado meia Lisboa:
Verás esbelto crionlo,
Dado ao vento o peito nu,
Levantando airosos saltos
No manejo do bambu:
Que ávidos cães enxotando,
Tem, com braço arregaçado,
Nas ermas praias do Tejo
Cem cavallos esfolado.
N'estes, vaidosa Domingas,
Assenta bem teu amor:
Chovam settas de teus olhos
Em peitos da tua cor.
Vai da janella da escada
Acolhêr, com doce agrado,
Os suspiros que te enviam
Ao som do londum chorado:
E deixa de atormentar-me
Com tuas loucas ideias;

Tambem sinto dôres proprias,
E escuto pouco as alheias.
  Sim, Domingas, nós marchamos
Na mesma infeliz estrada;
E do amor, que eu te não pago,
Assás estás bem vingada.
  Tu pozeste em mim teus olhos,
E eu fui pôr em Marcia os meus;
Que me paga mil extremos,
Assim como eu pago os teus:
  Marcia, que em alçando os olhos,
Mil settas n'ésta alma crava;
E em cuja casa tu tens
A dita de ser escrava.
  Tens-me a mim por companheiro;
Temos o mesmo senhor;
Tu por casos da fortuna,
Eu por castigo de amor.
  E poisque eu não posso amar-te,
Seguirás melhor esteira,
Se de meus ternos suspiros
Quizeres ser messageira;
  Em vendo que ella está so,
Vai-lhe expor a paixão minha:
Eu peço a Amor, que entretanto
Tome conta na cuzinha.
  Amor lavará teus pratos
E escumará a panella,
Em quanto tu a seus pés

Dizes « que eu morro por ella »
Teus grossos trombudos beiços,
Lhe vão expôr meus cuidados;
Hão de ser melhor ouvidos,
Que sendo per mim contados.
Pinta-lhe as lagrymas tristes
Em que meu rosto se lava;
Por um infeliz captivo
Peça uma ditosa escrava:
Dize-lhe, que não se assuste
De meu cabello nevado;
Jura-lhe que não são annos,
Mas penas que me tem dado.
Que a causa das minhas rugas
É o seu desabrimento;
E vai da minha velhice
Fazer-lhe um merecimento.
Ah Domingas! se em seu peito
Me fazes achar piedade,
Tambem eu juro fazer
A tua felicidade;
E poisque o teu coração
Somente é baixo e grosseiro,
Em preferir liberdade
A tam feliz captiveiro;
Por amor serei mesquinho;
Meus gastos verás cortar
Para ajunctar-te quantia
Com que te passas forrar.

Cheia de teus beneficios
Minha mão agradecida
Te irá pôr, em larga praça,
Rendoso modo de vida.
E assentada em novo estrado
De fasquiada madeira,
Ondeiando ao som do vento
Trémulo tecto de esteira;
Teus negros airosos braços,
Chocalhando um assador,
Encherão famintos peitos
De castanhas, e de amor:
Terás bojudas tigellas
Sôbre incendidos tições,
Onde fervam em cardumes
Saborosos mexilhões:
Teus doces sonoros echos,
Sem mentir apregoarão
O azeite de Santarem,
O cravo do Maranhão.
Domingas, segue este rumo;
Que teu amor reloucado,
Sem te fazer venturosa,
Me deixa a mim desgraçado:
E se sem dó dos meus ais,
Teimas nos projectos teus,
Fallando nos teus amores
Em vez de fallar nos meus;
Trocando boa amisade

Por entranhado rancor,
Vou descubrir teus intentos
A teu austero senhor:
 Que em zêlo honroso inflammado,
Sem ser preciso atiçallo,
Vai a casa do Lagoia *
Trocar-te por um cavallo.

* Comprador.

CARTA III. *

Poisque o talento inquieto
Até em poesia provas,
E queres ás mais desgraças
Ajunctar desgraças novas;
Poisque em galantes cantigas
Teu rival pozeste raso,
E coroado de trovas
Vas entrando no Parnaso;
Quero em trovas avisar-te,
Que ha baixios n'ésta barra;
Vou ser prégador trovista,
Vou ser um novo Bandarra.
A occupação de poeta
É nobre per natureza;
Mas todo o officio tem ossos,
E os d'este são, a pobreza.

* Aconselhando a um cabelleireiro, que não continuasse a fazer versos.

Os dentes do bom Camões
Sejam fieis testimunhas;
Muitas vezes esfaimados
Não acharam senão unhas.
Depois que seus frios olhos
Se fecharam no hospital,
Logo as filhas da Memoria
Lhe ergueram busto immortal.
De que serve honra tardia?
Bem sei, que o rifão vem torto;
Mas faz lembrar a cevada,
Que se deu ao asno morto.
So as Musas o choraram;
E o entêrro devia ser
Como hoje nos pinta o Lobo
O de João Xavier.
Homero, o divino Homero;
Honra de antigas idades,
Por cujos inuteis ossos
Brigaram sette cidades;
Doces versos recitando,
Pela Grecia discorria,
Tinha os thesouros de Apollo;
E esmola aos homens pedia:
Mas se de auctores antigos
Tens tido pouco exercicio,
Eu te aponto um bem moderno,
E até do teu mesmo officio:
Foi este o famoso Quita,

A quem triste fado ordena,
Que a fome lhe traga o pente,
E da mão lhe tire a pena.
  Em quanto na çuja banca
Pobre tarefa tecia,
Seu espirito sublime
Sôbre o Parnaso se erguia:
  Cosendo sôbre o joelho
Em dura falsa caveira,
A sua alma conversava
Com Bernardes e Ferreira.
  Mil vezes travêssas Musas
Da baixa obra o desviam;
E mostrando-lhe o tinteiro,
Pós e banha lhe escondiam.
  Mas de que servem talentos
A quem nasceu sem ventura?
Vale mais, que cem sonetos,
A peior penteiadura.
  Amigo, vamos errados;
Escolhemos muito mal;
É o fado dos poetas
Não professarem real.
  Péga no pardo baralho,
E sôbre a cama assentado,
Fisga as biscas conhecidas
Ao parceiro descuidado.
  Matando boçaes tafues,
Vai mexendo os papelinhos;

Nem poupes no cadafalso
As gargantas dos sobrinhos:
  Em lhe vendo uma de seis,
Arma-lhe os laços viscosos,
Antes que lhe caia a xina
Na ceira dos laparosos.
  Imita ondados cabellos
C'o rubro lapis na mão:
Éstas pinturas dão xina;
As da poezia, não.
  Se emroda de louras nymphas
Gyram emtórno teus ais,
Em quanto lhe deres versos,
Acharás sempre vestais.
  Fallo, como exprimentado;
Fallo com peito sincero:
Póde uma vara de fita,
Mais que a Iliada de Homero;
  No sonoro bandolim
Fortuna as armas te deu:
Não ha dama, que resista
Á moda do *Melibeu;*
  Toca-lhe mil contradanças;
Mas se não tiverem dom,
Entre ellas não sevandijes
O fidalgo *Cotilhom*;
  N'éstas cousas é que eu creio;
Poesia é malfadada;
Assenta, amigo Luis,

Que nunca serviu de nada.
  Poucas damas a conhecem;
Se a pedem, e se a festejam,
Gostam do que não intendem;
Pedem o que não desejam.
  Indaque per moda querem,
Que lhes repitam versinhos,
Teem por modas de mais gôsto
Convulsões e josézinhos.
  Uma Venus me pediu,
(Por quem inda eu hoje peno)
Que lhe fizesse um soneto,
Indaque fosse pequeno.
  Dinheiro, invicto dinheiro,
So em ti é que eu me fundo;
Tens o direito da fôrça,
Es o tyranno do mundo.
  Amigo, escolhe um peralta,
Corpo esbelto, perna teza,
O chapeo tocando as nuvens,
As fivellas á Malteza:
  Ornem-lhe louros canudos,
Pendentes com igualdade,
Tenras faces, onde moram
A saúde, e a mocidade:
  Chegue á boca rubicunda
Cheiroso lenço anilado;
Dê bilhetinho discreto,
De uma novella furtado;

Põe da outra parte um Ginja,
Fivella de ouro no pé,
Bom vestido do lemiste,
Boa meia grudifé;
Com oculos no nariz,
Mas com a penna na mão,
Assignando vinte lettras
Para Londres e Amsterdão;
E dize-me, qual assentas,
Que será o mais querido?
Aposto que as damas todas
Cuidam que o velho é Cupido?
Amigo, tenho acabado
O meu comprido sermão:
Préguei-te as altas verdades,
Que trago no coração.
Abre mão das poesias,
Que nenhum prestimo tem;
E cuida em solidos meios
De ganhar algum vintem.
Se dizes, que contra os versos,
Em verso uma *carta* ordeno,
E que aqui me contradigo,
Practicando o que condeno;
A teu forçoso argumento
Respondo com Fr. Thomaz;
« Faze o que o prégador diz,
Não faças o que elle faz. »

MEMORIAL A SUA ALTEZA.

Senhor, senão é injusto,
Que um triste afinando a lira,
Entre esperanças e susto
As cançadas cordas fira
Ante vós, Principe Augusto:
Nos sons que ella der ao ar
Irão meus ais de mistura;
E dignai-vos de escutar
Desconcertos da ventura,
Que Vós podeis emendar.
Em nada á verdade falto;
A dor me aviva a memoria;
E por não entrar de salto,
Deixa, Senhor, que ésta historia
Tome o fio de mais alto.
Entre faixas de pobreza
Meus tristes paes me involveram;
Desde então em crua empreza,

Contra mim as mãos se deram
A fortuna, e a natureza.
Da terna mãe abraçado,
Fui em silencio profundo
Com triste pranto banhado;
Ja antevia, que o mundo
Tinha mais um desgraçado.
Meu bom pae debalde quiz
Enxugar-lhe o pranto ardente,
Que ella, alçando-me, me diz:
—« Vem, ó víctima innocente,
De um amor casto e infeliz:
Toma os tristes cabedais,
Em que teu fado te lança;
Toma pranto e inuteis ais;
Entra na funesta herança
De teus desgraçados pais. »
Mas, Senhor, é pouco aviso
Reaes ouvidos magoar;
Mudar de estylo é preciso:
E se a dor me der logar,
Unirei pranto com riso.
Depois que plano caminho
Ja meu pe trilhando vae,
Pobre alfaiate vizinho,
De um capote de meu pae
Me engenhou um capotinho:
Talhando a obra, maldiz
A empresa que lhe incumbiram,

Fez nigromancias com giz;
Sette vezes lhe caíram
Os oculos do nariz:
  Sua obra se consagre
No portal das Barraquinhas
Com grossas lettras de almagre:
Tapou geiras, passou linhas,
Fez um capote e um milagre.
  Colchete no cabeção,
Saí novo Adonis bello,
Figa no coz do calção,
Carrapito no cabello,
E um biscoutinho na mão.
  Sôbre sisudo gallego,
Que vása barril fiado,
Ja aos trabalhos me entrego;
E em triste pranto lavado,
Á porta de um mestre chego.
  Debalde o bom mariola
Dourava razões pequenas:
Minha dor não se consola;
Presagio talvez das penas
De outro tempo, e de outra eschola.
  Entre mêdos e violencia
Entrar no latim ja posso;
E jurei obediencia
A um clerigo, que era um poço
De tabaco, e de sciencia.
  D'entre o sordido roupão,

Com a pitada nos dedos,
E o Madureira na mão,
Revelava altos segredos
Do adverbio e conjunção.
Era em grammatica abismo;
Honrava o seculo nosso;
Porêm de tal rigorismo,
Que poz na rua o seu moço,
Por lhe ouvir um solecismo.
Entre o jota, e o I romano,
Que differença se achasse,
Trabalhava havia um ano:
Obra, que se elle a acabasse,
Feliz do genero humano!
Em quanto a minha alma emprego
N'éstas cançadas doctrinas,
A'dourada idade chego
De ir ver as vastas campinas
Que banha o claro Mondego.
Co'as cabeças mal compostas,
Vejo entre gostos e medos,
Mãe e irmans á adufa postas:
Choviam cruzes e credos
Sôbre as minhas bentas costas.
Ja em rapidas carreiras
Calcava a real estrada,
Sem chapeo, sem estribeiras:
Ja a catana emprestada
Cortava o vento, e as piteiras.

Curta embrulhada quantia,
Que ao despedir me foi dada,
Espirou no mesmo dia;
E fui fazendo a jornada
Quasi com carta-de-guia.

Mas ja vejo a branca fronte
Da alta Coimbra, fundada
Nos hombros de erguido monte:
Ja sôbre a areia dourada
Vejo ao longe a antiga ponte.

Povo revoltoso e ingrato
Dentro em seus muros encerra;
Em vão de adoça-lo trato:
É um titulo de guerra
A chegada de um novato.

Pão amassado com fel,
E involto em pranto, comia:
Levei vida tam cruel,
Que peior não a teria
Se fôsse studar a Argel.

Soffri contínua tortura;
Soffri injurias e acintes;
Lancei tudo em escritura;
E nos novatos seguintes
Fiquei pago, e com usura.

Da bolsa os bofes lhe arranco
No fresco pateo de Cellas,
Pedindo com genio franco
Doces gratuitas tigellas

Do famoso manjar-branco.
  Sette annos de verde idade
Fui mettendo a déstra mão
Em multas d'ésta entidade:
Chamou-se boa feiçaõ;
Mas era necessidade.
  Achava-me sempre o dia
No tecto os olhos pregados;
A sagaz economia,
Revocando nos telhados,
Ao conselho presidia.
  Gemer em segredo pude;
Que o bom pae, falto de meios,
Quanto cheio de virtude,
So mandava nos correios
Novas da sua saude.
  Quiz de taes ondas sair,
E algum bom porto aferrar;
Quiz ao publico servir;
E mandaram-me ensinar
As regras de persuadir.
  Triste enganosa sciencia!
Dão-lhe louvores, mas falsos;
Dizem que póde a eloquencia
Ir tirar dos cadafalsos
A perseguida innocencia:
  Que chega do peito ao fim;
Que arranca forçado pranto;
Mas, Senhor, naõ é assim:

Ésta arte, que louvam tanto,
So me faz chorar a mim.
Pende da hora opportuna;
Sem ella verá rasgadas
As sôltas velas que enfuna:
Arrasta véstes douradas,
E é escrava da fortuna.
Não a vejo em mim frustrada,
So porque pouca me coube;
De si mesma é mal fadada:
A lingua que mais a soube,
Foi em Roma retalhada.
Déseseis annos gastados
Ja no ingrato officio vão:
Tristes versos, mal limados
Puz na vossa Augusta Mão,
Em dor, e em pranto forjados.
N'elles, Senhor, vos contei
As minhas longas fadigas:
Hoje o mesmo não direi,
Nem co'as lagrymas antigas
Os vossos pés banharei.
Para nova e justa dor
Peço hoje a vossa piedade:
Prestae-lhe ouvidos, Senhor:
Funda-se na humanidade;
Merece o vosso favor.
Rotos os laços do mundo,
Entre palavras truncadas,

Que bem mostram d'alma o fundo,
Orfans, em pranto banhadas,
Me entrega o pae moribundo.
— «Filhas, ja o sprito cae;
Ja o sangue gela e cança;
Meus frios olhos cerrae:
Ahi tendes a vossa herança,
Ahi tendes o irmão, e o pae.»
Eu, entretanto, suspiro;
Sôbre o pranteiado leito
D'entre os braços o não tiro:
Quebrou juncto do meu peito
O seu último suspiro.
Senhor, de meios sou falto;
Mas do pae, que aos ceos subia,
Em nada aos preceitos falto:
Debaixo da campa fria
As cinzas me falam alto.
Vai com mão igual cortado,
Entre os irmãos infelizes,
Pão com lagrymas ganhado;
Que sem os fazer felizes,
Me deixa a mim desgraçado.
So nos officios se approva
Haver augmento e progresso;
Não haja tarifa nova:
Não seja o meu duro accesso
Da cadeira para a cova.
Antes que me adorne a fronte

Barrete felpudo e denço;
E ao sol no alpendre do monte,
Esfregando o crespo lenço,
Casos do meu tempo conte:
 Antes que as fôrças se vão,
E que eu viva agasalhado,
Boldrié sôbre e roupão
N'uma botica sentado,
Vendo jogar o gamão:
 Antes que entre vis sequazes,
Sendo víctima irrisoria
De mil galopins vorazes,
Em logar da palmatoria,
Dê c'o bordão nos rapazes:
 Tende dó do meu lamento,
Poisque benigno o escutaes:
A piedade, e o acolhimento
São dos Corações Reaes
O mais honroso ornamento.
 Pobres chorosos irmãos,
Que em mim tem debil coluna,
Não ergam desejos vaõs;
Vejam na minha fortuna
A obra das vossas maõs.
 Proteger a causa honesta,
Ter dos tristes dó profundo,
Trocar-lhe a sorte funesta;
Senhor, a glória do mundo,
Ou a não ha, ou é ésta.

Mas ja longa narração
Vai levando longe a meta ;
Ja parece , e com razão ,
Mais que papel de poeta ,
Ou testamento , ou sermão.

Minha dor me fez fallar ;
Fiz queixas assás compridas ;
Dignae-vos de desculpar ,
Que mostre o enfermo as feridas
A quem lh'as póde sarar.

NICOLAU TOLENTINO.

EPISTOLA I.*

So conheço de ti grandeza e nome,
Magnanimo Pombal; ** jamais teus olhos
Com doce amavel usual brandura,
De meus destinos a humildade honraram:
Sempre fortuna, do meu mal sedenta,
Vedou que, em teu louvor pulsando a lyra,
Arremessasse o canto além dos tempos,
E em prémio fosse de te dar meus hymnos
Comtigo reluzir na eternidade:
Declive spaço, que entre nós se esténde
Froxo alento abatia ao vate ancioso,
Quando apenas tentava o cume excelso,
Onde, recta uma vez, não caprichosa,
Te ergueu, te amima, te laureia a Sorte.

* As bellissimas *epistolas* dirigidas aos marquezes de Ponte-de-Lima, Abrantes e Pombal, serão um eterno testimunho dos talentos de Bocage, e da sua desgraça.

J. M. DA C. E SILVA.

** O marquez de Pombal.

Hoje, porêm, senhor, que má ventura
Golpes e golpes sôbre mim desfecha;
Hoje que ferrea lei de negros fados
Me esmaga o coração, me enlucta os dias,
Ao desmedido espaço a dor se arroja,
Lenitivo benefico implorando,
Vence o longo intervallo, a ti se eleva.
Dá-me tam alto jus tua alta fama,
Minha tribulação tem juz tam alto:
Perante as almas, que a virtude accende,
É grave intercessor a adversidade:
O mortal infeliz, o desvalido
Invoca o generoso, o pio, o grande;
O grande, o pio, o generoso abriga
Das furias do destino o malfadado.
Carcere umbroso, do sepulcro imagem,
Caladas sombras de perpétua noite
Me anceiam, me suffocam, me horrorisam.
Não rebelde infracção de leis sagradas;
Não crime, que aos direitos attentasse
Do solio, da moral, da natureza,
N'este profundo horror me teem submerso.
A calúmnia fallaz, de astucias fertil,
Urdiu meus males, afeiou meu nome;
Mil e mil vicios extrahiu do Averno.
Minha fama, senhor, que, honrada, illesa,
Vagava o seio de Ulyssea altiva,
Foi pelo estygio bando assalteiada:
Bramindo, lhe ennegrece a tez lustrosa,

Torna-lhe a nivea côr da côr do abysmo:
Donra zêlo impostor paixões damnadas;
Delatores crueis com arte involvem
Vis interesses no exterior brilhante
Da razão, da justiça, e da verdade:
Cai a innocencia, víctima da inveja;
Dos Zoilos o rancor de mim triumpha.
Eis-me vedado ao sol, vedado ao mundo;
Eis a reminiscencia apenas traça
O quadro do Universo á minha ideia,
Que, se aos olhos illusos dera assento,
Julgara que inda os ceos, que inda as estrellas
Não tinham rebentado á voz do Eterno;
Que a antiga escuridão, que o chaos informe,
No que hoje é natureza, inda reinava;
Que na mente immortal do rei dos fados
Inda em mudo embrião jazia a terra.
Memoria e dor minha existencia provam;
Porêm dor e memoria o ser me azedam,
E a desesperação, desfeita em pranto,
Inutil vida aborrecendo, anhela
A paz, e o somno do insensibil nada.
Sôbre meu coração tormentos fervem;
E pela phantasia exacerbados,
Se embebem no pavor da morte horrenda.
D'um lado em traje infame a vil Affronta,
Sordido espectro, me affogueia o rosto;
A doce Patria de outro lado afflicta
Um doloroso adeus me diz carpindo:

Aqui e alli mil pallidos phantasmas,
Prole do mêdo, com visagens feias,
Serie me agouram de amargosos damnos.
N'estes horrores a existencia pasma;
O exercicio vital em ócio fica;
Sentidos, fôrças o terror me absorve.
Tal é, Genio preclaro, a ordem triste
De meus funestos nebulosos dias;
Dias marcados no volume eterno
Pela torrida mão da Desventura.
Ah! do maligno seculo corrupto,
Em que o duro egoismo abrange a terra,
Inda restam, senhor, ao desditoso,
Benignos corações, que se repartam,
Que para os seus prazeres so não vivam,
Que sintam, que venerem, que practiquem
Lei no altar da Razão per Jove escripta;
Lei na infancia do mundo ao mundo imposta:
—*O homem favor e asylo ao homem preste;*
—*Mutua beneficencia os entes ligue.*—
Teu grande coração colheu taes dotes
No thesouro, onde os zela a natureza,
Mesquinha de seus dons co' a terra ingrata.
Além da condição o heroico exemplo
Em teu peito arreigou feliz semente,
Da qual se ergueram generosos fructos.
O varão providente, o pae da patria,
O assombroso Carvalho, o luso Atlante,
Cuja vista mental descortinava

Os sumidos arcanos tenebrosos,
Onde sagaz política se entranha :
O decantado heroe, que d'entre as cinzas,
D'entre os dispersos lugubres estragos,
Effeitos de fenomeno terribil,
Mais ampla fez surgir, surgir mais bella
A vasta fundação dos Gregos duros ;
Que de suberbas tôrres magestosas,
De ingentes sumptuosos edificios
Os hombros carregou d'alta Lisboa :
O politico excelso, a cujo aceno
Vinham, prenhes de fulgidos thesouros,
Alterosos baixeis arfar no Tejo;
E a risonha abundancia dadivosa
Da fausta Lusitania enchia os lares :
O zelador fiel do altar, do throno,
O escudo, o creador das leis, das artes;
Aquelle, emfim, senhor, que, o véo soltando,
Em que etherea porção luzia involta,
Vive nos corações, nos ceos, na fama;
Teu memoravel pae te abriu a strada,
Per onde foste ao Pólo, em que es luzeiro.
Nos Elysios curvada a sombra illustre,
Olhos fitos em ti, de la te acena ;
De la te influe espiritos sublimes,
Prestante emulação, com que o renovas.
Heroe, fructo de heroes, protege, ampara
Ente oppresso, infeliz, que a ti recorre ;
Lava-lhe as manchas da calúmnia torpe :

Ao throno augusto da immortal Maria
Com lamentosa voz dirige, alteia.
Do misero Bocage os ais, e as preces:
Desfaze a treva, que lhe espanca o dia;
Rompe as correntes, cujo som medonho,
De Phebo os gratos sons lhe descompassa,
Tremendo ao feio estrondo a voz, e a dextra.
Ja tocaste, senhor, da glória o cume:
Socios (indaque raros) tens comtudo:
D'elles póde isolar-te um grau mais alto;
Grau onde o fado occulta o bem, que imploro.
Das avarentas mãos sóbe a arrancar-lhe
O defeso penhor, minha ventura.
N'isto é virtude transcender o extremo:
Remindo um triste de oppressão tam crua,
As balisas transpõe da heroicidade.

EPISTOLA II.*

Se aos miseros, senhor, não é vedado
No abysmo, em que os confunde a desventura,
Seus males exprimir, chorar seu fado:
Minha consternação, minha amargura
Vai demandar em ti sagrado asilo,
Acolheita efficaz em ti procura.
Teem as angústias enfadoso stilo;
Mas tu, attento ás leis da humanidade,
Tu não te has de enojar, senhor, de ouvilo.
Outros querem louvor, eu so piedade;
Piedade, que a perder o gôsto á fama
Até ja me ensinou a adversidade.
De ethereo dom, que spiritos inflama,
A chamma nos suspiros se evapora,
Ou se apaga nas lagrymas a chama.
Dos louros, que cingi, não cuido agora:

* Ao marquez de Ponte-de-Lima.

É meu unico objecto o lenitivo
Da tenaz afflicção, que me devora.
Em carcere, a que o sol medroso, esquivo
Seu lume bemfeitor jamais envia,
E onde somente a dor me diz que vivo:
Na ideia, com que apenas sei que ha dia,
Encarando, senhor, tua grandeza,
Tua alma generosa, affabil, pia:
D'entre as sombras da noite, e da tristeza
Vendo luzir mil dons, com que a ventura
Se uniu por gloria tua á natureza:
A sorte se me antolha menos dura;
Pondero o teu favor saudavel porto
Contra os horrores de procella escura:
Per vil calúmnia moralmente morto,
Á physica extincção darei o alento,
Se imaginario for este conforto:
O rumor, que me ultraja, é fraudulento;
Senhor, meu coração não jaz corruto,
Corrupto não está meu pensamento.
Detesto o falso, o ingrato, o dissoluto;
Do triste, do infeliz não ólho ao dano
Com ferreo desamor, com rosto enxuto.
Vejo a cópia de um Deus no soberano;
Curvo-me ás aras; em silencio adoro
D'alta religião o eterno arcano.
Sim, erros commetti, mas erros choro,
Não com pranto sagaz, que a vista illude:
Da abjecta hypocrisia ardis ignoro.

O brilhante character da virtude,
Arma contra os asperrimos destinos,
Tem cultos meus : o imparcial me stude.
Na quadra das paixões, dos desatinos,
Se deixei de cumprir, fiel e exato
Preceitos veneraveis, sãos, divinos :
Não sou para com Deus so eu o ingrato;
Muitos, que me ennegrecem, que me afeiam,
São talvez meu modêlo, ou meu retrato.
Remorsos devorantes não me anceiam :
Mais fraqueza do que indole, meus vicios
As fôrças da razão me não sopeiam.
Eis, senhor, porque espero achar propicios
Teus influxos comigo, e que derrames
Por minhas afflicções teus beneficios.
De mordazes insectos vis enxames
Me ferem, me envenenam, vão lançando
Sôbre o character meu labeos infames.
Embebe o coração flexibil, brando
Na maviosa dor, que em mim suspira,
Que em mim por teu socorro stá chamando.
O Deus, a que um so ai remove a ira,
O Eterno, o Bemfeitor, o Omnipotente
Doce clemencia na tua alma inspira.
Se apraz aos ceos um ânimo innocente,
Tambem é grato aos ceos o arrependido :
Uma lagryma extingue o raio ardente.
Deixa pousar, senhor, no attento ouvido
A queixosa tristissima linguagem,

As súpplicas, e os ais de um perseguido.
Do susto, da oppressão, do horror, do ultrage
Sólta, restaura com piedade intensa,
Os agros dias do infeliz Bocage:
Teu braço, teu podêr, meus fados vença,
Como átras nuvens de vapor maligno
Rebate o sol co' a fúlgida presença;
Ganha-me a compaixão do heroe benigno,
Do Principe immortal, que em nós impera,
Não so de um throno, de mil thronos digno:
Tolhe-me ás furias da calúmnia fera,
Que o prémio singular, prémio sublime,
O que mundo não dá, nos ceos te spera:
Teu peito de meus males se lastime;
Erros tenho, não crimes commettido;
O êrro exige perdão, castigo o crime.
Indaque da ventura es tam querido,
Indaque o ceo te ergueu a excelso stado,
Mais é valer, senhor, ao desvalido,
Mais é tornar feliz um desgraçado.

EPISPOLA III. *

Tu, de antigos heroes progenie excelsa,
Ramo, de régia planta derivado,
D'accodir ao pequeno, ao desvalido
Tens, benigno marquez, dever sagrado.
Depois de conferir-te um grau sublime,
Ainda não contente a divindade,
Une-te á posse de inclyta grandeza
O sancto ministerio da piedade:
Occasião te dá para exerceres
Affabil, paternal beneficencia
Na estancia da oppressão, ca onde o crime
Caminha par a par com a innocencia.
Afferrolhada miseravel turba,
A quem cinge o grilhão, e a fome abate,
Ja cuida que te ve na mão prestante
Dadiva pia e próvido resgate.
Qual per ermos incognitos perdido

* Ao Marquez-de-Abrantes.

O lasso caminhante o dia anhella,
Deseja d'entre sombras triste chasma
Ver luzir teu favor nos males d'ella.
  Do número infeliz, que te suspira,
Lastimosa porção me fez a sorte,
Lançou-me em feio abysmo, onde parece
Que entre seus cortezãos preside a morte.
  Que é morte? solidão? silencio? trevas?
Tudo isto occupa o lugubre aposento:
Silencio, trevas, solidão me abrangem,
E horrores multiplica o pensamento.
  De atroz perfidia as nodoas não me infamam;
Remorsos me não fervem na tristeza;
Em barbaras acções, em negros crimes
Não tenho profanado a natureza:
  Com ferro abominabil entre as furias
Impio golpe não dei no patrio seio:
Sempre a cauta razão me tem sostido
Reluctantes paixões com util freio.
  Desventurado sou, não sou perverso;
Ao jugo de altas leis o collo inclino;
E no humano podêr contemplo, adoro
Augusta imagem do podêr divino.
  Torpe invejosa perfida calúmnia,
Monstro devorador da honra alheia,
Não me prostra o valor de todo ainda,
Com vê-la tam cruel, com ser tam feia.
  Os damnos, que me urdiu, baldar-lhe spero,
Nos sentimentos meus, e em ti fiado;

Tu, grande, tu, benefico, tu, forte,
Emprende a glória de vencer meu fado:

Protege a causa do infeliz, que invoca
Teu nome, o teu fervor, tua piedade;
Guia os suspiros meus, e as preces minhas
Ao throno, onde reluz a humanidade.

A' grandeza e virtude asylo imploro;
Tu gozas da virtude, e da grandeza:
Estes brilhantes dons comigo apura,
Terá mais um triumpho a natureza.

EPISTOLA IV.*

Ao gran' vate Salicio, o vate Elmano,
Como elle devedor á natureza,
Mas não como elle devedor ao Fado,
Ca dos lares tristissimos que habita,
E onde quasi evaporo em ais o alento,
Se é que a póde enviar, saúde envia.
Acolhe, doce amigo, ás musas dado,
Acolhe ingenuos sons de afflicta musa,
Que entre flôres outrora, entre delicias,
Entre os sonhos de amor, verdade ás vezes,
Cópia do ceo, no candido regaço
De alvas fagueiras perigosas Lilias,
Passou dias de glória, instantes de ouro,
Do Tejo transparente á margem bella
Cantando a vida, como o cysne a morte.
Comtigo fallo, que do Pindo houveste
O solemne idioma, o tom dos numes,

* Ao Illustrissimo senhor Sebastião Botelho.

A voz, que longe vai, que longe sóbe,
Que soa além do mundo, além dos tempos;
Fallo comtigo, a ti, que tens na mente
O thesouro brilhante, inexhauribil,
O igneo foco de altivolas ideias,
Em que Jove reluz, qual é no Olympo:
Fallo comtigo, a ti, que tens na mente
Podêr de eternizar, e eternizar-te.
Estranho não será nos teus ouvidos,
(Aos milagres da lyra, e do estro afeitos)
Que, ufano do que foi, blasone um vate,
Ja, claro como tu, nos dons de Phebo.
Contra a nobre altivez, que em mim resurge,
Uive o Zoilo mordaz, injúrias ladre;
De rôjo pela terra a vil serpente,
D'aguia, que arrosta o sol, deteste os vôos;
Sejam no tribunal do vulgo inerte
Sombra o fulgor, o enthusiasmo insania;
Veja olhados d'alli, qual ócio inutil,
Seus mil suores o immortal de Smyrna:
A cega opinião, que reina em tudo,
Ponha embora a nivel Marões e Bavios;
Que eu, tu, e alguns, (quam raros!) ja vingando
Cumes e cumes de entrepostas serras,
Trilhâmos fadigosa strada immensa
Que vai da natureza á eternidade.
Dignamente de nós fallar podêmos;
Não se ata o desar nosso ao nosso alarde:
Quem de celestes dotes se gloría

Honra menos a si do que honra os numes.
E se a turba sem nome, avêssa aos vates,
Este firmado orgulho em mim condemna,
Bem da minha altivez meus ais a vingam;
Bem descontado stá nos meus desastres,
E nos tormentos meus a glória minha;
Tormentos que me agouram tenue resto
Ao que é mais duração do que existencia.
Entre os damnos de amor, e os da ventura
Quasi lenho agitado em altas ondas,
E entre negros tufões, que oppostos bramam,
D'um lado, sôbre nuvem côr do Averno,
Ólho a deusa do mal, do horror, do pranto,
Vejo o que tu não ves, nem ver mereces,
(E nem eu mereci) vejo a desgraça,
De ameaço no rosto, a mão no raio,
A meu peito assestando o tiro, a morte,
Mas sem de audaz vigor despir meu peito.
De Ulina ingratidões, eis d'outro lado
Contra mim, como furias, arremetem.
Aqui cerradas trevas me apavoram,
Esmorece o valor, naufraga o siso,
Sossobra o coração: para a minha alma
Nas procellas de amor não ha Santelmo.
Prêsa a tantos martyrios a indigencia,
Os apura, os irrita, os desespera:
É ella, caro amigo, é mais que Phebo
Quem me arranca do spirito enluctado
O metro carpidor em que a deploro,

Qual nas margens do Tibre ao Venusino.
  Tuas virtudes, teu character grande
Na patria, que honras, a experiencia aclama:
Mas tenho a meu favor para invocar-te
Jus mais alto : es feliz, sou desditoso.

BOCAGE.

EPISTOLA I.*

Em quanto cem poetas, caro Amigo,
Levam de rôjo com desdouro eterno
Pelos profanos córos as divinas
Canções das castas musas, mendigando
Aos pés dos cortezãos fortuna e nome;
Tu sobranceiro a tudo, ó gran' poeta!
Canta so cousas dignas d'alta estima:
Nem tu pejes a lyra d'ouro fino,
Que do Permesso te doara Apollo,
Co' assumptos baixos de lisonja insana. **
Se heroes queres cantar, té ás estrellas
Alça em teu canto os nomes sublimados

* A Almeno.

** Não ha nação culta, cuja poesia presentemente seja mais digna de desprêzo pelo futil de seus exemplos, do que a Portugueza; a qual vemos quasi reduzida ao *soneto*, e á *decima*: *annos* e *glosas* futeis os argumentos mais debatidos.

F. D. Gomes.

D'esses mortaes que ao homem bem fizeram.
Sonoroso clarim á fama entrega,
Que todo o mundo discorrendo leve
Do Pólo austral ao congelado Arcturo
Os nomes immortaes que os deuses amam,
Do divino Platão, do Stagyrita,
Philosopho profundo; dos dous astros
De Tusculo, de Cordova. Mais alto
Se inda queres subir, ás musas manda
Que em claro metro aos deuses alevantem
O claro Atheniense que primeiro
Chamou dos ceos a san verdade á terra,
E a mostrou aos mortaes, pôstoque ingrato
Povo lhe désse em galardão funesto
Copo de morte. Nem tu deixes outros,
Que mais perto de nós mil bens fizeram
Ao homem, e á razão: um hymno sacro,
Croada a fronte d'amarantho eterno,
Sôbre as estrellas lucidas consagre
O famoso barão de Verulamio,
Que o nexo e ordem das sciencias vira,
E fatidico vate adevinhara
Não-trilhadas veredas, que aos vindouros
Suas vastas ideias abririam.

Eis a razão por que muitos vèem primeiro a morte de suas obras, que ellas o fim de seus scriptores.

J. F. Barreto.

Ás extremas do mundo leva ufano
Em eterno pregão a nobre fama
Do sabio Locke, que a razão aclara,
Do docto Malebranche, que descobre
As nossas prevenções, os nossos erros.
Que voz sublime te não stá pedindo
O excelso Newton, que a natura alcança?
Poz n'ella os olhos d'alto lume accesos,
E a noite escura, que a cubria, abysma,
E faz raiar a clara luz do dia.
Estes, Almeno, são os que merecem
Um eterno padrão de jaspe e bronze;
Uma státua sublime que honre a praça;
Um nobre quadro do famoso Apelles:
A estes taes de juro é que pertencem
Os sagrados poemas, almos hymnos,
E o harmonico som da eburnea lyra.

EPISTOLA II. *

SÔBRE OS PRAZERES INNOCENTES DA VIDA.

A pompa, e a escravidão á côrte deixa,
E aos philosophos vaõs, que se debatem,
Sua louca ignominia, e seu orgulho:
Deixa ao avaro o ouro, que amontoa,
Que hade largar á borda do sepulcro:
Deixa aos homens crueis o vil cuidado
De enganar a innocencia, deixa tudo,
Ó meu Nogueira! ** ó honra da amizade!

* Em quasi todas as *epistolas* de Antonio Ribeiro, transpira a mais pura e san philosophia. Este sabio scriptor não seguiu a vereda trilhada pela mor parte dos modernos vates lusitanos (cujas poesias applicadas a objectos de pouca monta) raramente instruem os leitores. Os assumptos que elle escolheu requeriam vastissima e apurada leitura antiga e moderna. Eis a razão porque as suas obras so viram a luz quando elle contava avançados dias.

** O doctor Nogueira.

Se claro ves, o que é o mundo, busca
N'elle aomenos viver, fiando pouco
De quanto te apresenta: poucos dias
Ja nos restam da vida incerta e fragil,
Que longas esperanças nos defende:
Cuidemos de passar alguns ainda,
Em quanto duram, em prazer honesto.
Amigo, o são prazer somente vive
No seio de uma casa sem tumulto,
Sem requerente, sem creder á porta;
Sem mor cuidado do futuro incerto,
Que poucas provisões da vida pede:
Vive no tracto dos fieis amigos;*
Nas prácticas suaves, que entretenham
Nosso ávido sprito em ledas horas;
Na lição de bons livros, bons poetas,
Nas chronicas, que os grandes feitos guardam,
Que as varias scenas d'esse antigo mundo,
Melhor do que este nosso, nos amostram:
Vive o prazer tambem no honesto jôgo,
Limpo de int'resse, de mil graças rico;
No passeio per sitios deleitosos,
Livres de gentes; per um campo ameno,

* *Is est amicus, qui in re dubiâ, re juvat, ubi re est opus.*

PLAUTO.

Vulgare amici nomen, sed rara est fides.

PHEDRO.

Onde te assentes, comoquerque apraza,
Ou sôbre um alto outeiro, d'onde vejas
Vergeis e prados, d'onde o mar descubras;
Ou ja sob a copada faia ou olmo,
D'onde te cantem aves sonorosas
Cantigas naturaes de seus amores:
Vive na fresca veiga, matizada
De boninas gentis, de belvederes,
Juncto á matriz da resonante lympha,
Que excita leves somnos saborosos;
Sob o docel das parras, d'onde estende
O roixo Baccho os pampanos frondentes;
N'uma meza, não parca, não sobeja,
Mas simples e frugal, singela e limpa,
De so dous convidados rodeiada,
Que te brindem a ti, a quem tu brindes
Com sobria taça do liquor divino,
Que esforça o coração, remoça a vida:
Vive a par do fogão no frio hinverno,
Que os tremédores gelos afugente:
Entre os zephyros vive que bafejam
Frescor das azas no calmoso estio:
Pousa no molle somno em brando leito,
Onde não chegam pallidos terrores;
Em fortuna mean, que não se inveje,
Que te dê, quanto baste á vida breve,
Sem fausto, mas sem míngoa, e sem cuidados.
Se isto tiveres es um deus na terra:
Eu desejo estes bens, e t'os desejo.

EPISTOLA III. *

OS CAUSTICOS.

Amigo, s'eu podesse ter sobejo
Tempo, que te screvesse longa carta,
Uma screvera em verso, qual desejas,
Como outrora ja fiz: porêm não posso;
Tomam-me o tempo mil cuidados duros,
Pensões da vida pública pesada,
Que ja me cançam nos cadentes annos.
Mas tudo fôra menos, tudo houvera
De soffrer, se não fossem uns teimosos,
Uns causticos cervaes, que me não deixam,
Qu'em apontando, as musas estremecem,
E quaes aves, que vêem falcões rapaces,

* Ésta *epistola* (em que o auctor imita a Horacio e a Boileau) é admiravel pelo modo como elle zurze certos importunos, que (sem respeitarem o util emprêgo que os sabios fazem do tempo) vão molesta-los com seccantes e insípidas prácticas. Todas as ex-

Batem azas presto, e vão fugindo:
Geração imprudente, infesta praga,
Que nas horas mais de ócio, ou de trabalho,
Me véem pejar o tempo, sem piedade.
Um, qual gusmento ganso vagaroso,
Com voltas e rodeios longa historia,
Per incidentes varios balbucia:
Conta o que fez, e quantos passos dera,
Per onde foi, quem encontrou, que disse,
Que nada d'isso serve ao fim da historia.
Outro refere, não ja cousas novas,
Saborosas de ouvir; porêm ja velhas,
Ja soadas notícias per mulheres,
Que as não póde aturar um peito d'aço:
Este toca de docto, e so profere
Frias empôlas, leves maravalhas:
Aquelle seus serviços que asoalha,
Que tem feito sem prémio; e ja descendo
A' vida alheia, que me nunca importa,
Falla de uns taes, que não valiam nada,
E comtudo comendas conseguiram:
E eu, ó deuses! ouvindo disbarates,
Mais mudo do que státua taciturna!
Poisque te hei de dizer de uns pegamaços

pressões teem aquelle cunho classico, aquella elegante propriedade e pureza, que este illustre Magistrado bebera na lição dos bons scriptos do aureo seculo lusitano.

Que ainda ao despedir se me atravessam
No patamal da escada, aonde enfia
O negro Bóreas, que constipa o peito,
E alli revezam novas vans arengas,
Que estoiro de os soffrer, e fico morto.
Ja te ouço repor-me, um pouco iroso,
—« Porque lhe fallas, porque não te negas
A gente tam tenaz e pegajosa ? »
Nego-me uma e mais vezes; mas não basta:
Se saio de passeio, ao recolher-me
Dão-me caça, e de encontro me abalroam:
Quando me safo d'elles; eis ja outro
A fugitiva espalda me insta, e destro
Vem-me no encalço, e colhe-me de involta,
Põe-se logo a la par, e vem comigo:
Um outro, quando eu passo, da janella
Mal me vislumbra, qual soldado hardido
Do tope das ameias brada: — « Á tarde
La sou comvosco. » Se á janella chego,
Outro apparece, salva-me da rua,
E me empraza mofino, e vou soffre-lo:
Mas é peior ainda um mais manhoso
Que me screve com grandes comprimentos,
E uma hora certa de fallar me pede,
E que lhe heide fazer? safa-te d'estes.
Amigo, basta: dá remédio a isto;
Ensina-me a fugir d'éstas ciladas,
Que será arte nova, se a descobres,
Que fico seja a mor das artes todas:

Eu prometto studa-la, e ser um dia
Discipulo o melhor da tua schola,
Que livre ja de causticos pesados
Com verso inda melhor, do que este agora,
Lhe darei fama, e exaltarei teu nome.

EPISTOLA IV. *

A DESIGUALDADE DOS PRÉMIOS E FORTUNAS.

Tu lamentas, amigo, muitas vezes,
Quam mal os bens da vida se repartem,
Que uns la gemem na misera pobreza,
Outros no seio da abundancia dormem:
Não me espanta comtudo, não me espanta
Ésta desigualdade: este é activo;
Aquelle inerte; est'outro ingenho e arte
Recebeu ao nascer, e sabe destro
O campo cultivar, que os ceos lhe deram:
Aquell'outro porêm, a quem não coube
Dom algum da natura, em vão se esforça,
Que quanto mais trabalha, menos lucra.

* Com razão deplora, e se indigna n'ésta *epistola* o nosso philosopho contra a mor parte dos homens, que, hallucinados pelas apparencias, menosprezam o cidadão util á patria, e vão extasiar-se e rojar ante esses entes indolentes e nullos á sociedade,

Mais me offende (se devo abrir meu peito)
Outra maior diff'rença, que eu ca vejo :
Vejo muitos poltrões, ao estado inuteis,
Em brilhante fortuna ; e muitos vejo
Que teem servido a patria com seus braços
Sem nenhum galardão. Como é possibil
Que quem nas artes próvidas trabalha,
Viva em desprêzo, pobre, e sem ventura,
E quem descança, em ócio vil sentado,
Em pródiga riqueza stê nadando ?
Não ves como, rompendo o alvor do dia,
Vai o obreiro amanhecer na obra ;
Em quanto o cortezão, a somno sôlto
Toda a manhan em torpe leito dorme;
Nem se ergue a mais, que a profanar o resto
Do almo dia, e a consummar seus crimes ?
Mas um que galardão recebe ? o outro
Que affronta, que castigo ? A noite desce
Em sombras, d'altos montes despenhada,
Sôbre os tectos das villas e cidades ;
Cançado o obreiro do trabalho cessa,
Recolhe os instrumentos, e caminha,
Suado o rosto, ao denegrido alvergue,
E que acha n'elle que o console ? Apenas

os quaes intumecidos de suberba e egoísmo, so para si vivem. As ideias conteem grande provisão de moral para os que fojem de incensar esses idolos frageis e caducos.

A afanada mulher, e os rotos filhos
Em tosca banca sôbre o lar fumoso
Lhe apresentam do alho a sorda esquiva,
Ou salgada sardinha de mistura
Com pão de soborralho; e muitas vezes
Nem isto lhe quer dar a escassa meza:
Porém emtanto o cortezão suberbo *,
Sem officio, sem arte, sem trabalho,
Vive em descanço, em ócio vil prostrado;
Em sumptuosas ceias ceva a gula;
E em bacchanaes regalos se apascenta.
Se a razão, n'outro tempo do Universo
A rainha, outra vez voltasse á terra,
Que rico prémio não daria áquelle,
Que em quentes bagas de suor banhado,
Os seios abre da fecunda terra;
Que o duro ferro na bigorna dura
C'o possante martello vai batendo;
Que as pedras corta, que altos lenhos fende;
Que apascenta lanígeras manadas;
Que lança as redes sôbre os bravos máres,
E arranca ao fundo pego a turba immensa

* Se abrisse a Natureza o grande reposteiro, e amostrasse a verdadeira árvore genealogica d'estes *empaturrados*, que galante comedia para as gentes de juizo, que coque da clava de Hercules para certas cabeças fofas! Que paes lacaios, mouros, judeos, etc. etc. não teem dado descendencias nunca

Dos escamosos peixes nadadores;
Que tece o branco linho, e as lans do gado;
Que c'os braços da indústria trabalhando
Os homens alimenta, os homens véste!
Porêm a ti, ó cortezão inerte!
Que inutil pêso ao mundo, a ti so vives,
Qual rocim mazellado te arrojara
La no almargem deserto, onde acabasses,
Sem ca ficar de ti memoria ou rasto
De existires na terra. Ó meu Barroso! *
Eu ia agora longe e arrebatado,
Não sei, não sei como perdi meu tino;
Fallei a puro esmo, em quanto disse:
Torno-me a mim, e a ti, que ja deixara;
E poisque ja não tem remédio o mundo,
Soffr amo-lo; paguemos-lhe calados
Ésta alcavala e foro. O ceo te guarde.

suspeitadas? Quando stou de pachorra, mando representar entremezes d'ésta laia no theatro da minha imaginação, para rir á custa d'essas bexigas inchadas de ar fedorento.

Francisco Manuel.

* O doctor José Barroso.

EPISTOLA V.*

JORNADA QUE O AUCTOR FEZ DA CIDADE DO PORTO A VALLONGO.

Pedes novas de mim, e saber queres
Como fiz a jornada: ora eu t'o digo
Em breves termos, que logar não tenho
De screver mais de spaço: concordamos
Eu, o João, o Conego, e o Sampaio
Em ir de calvagata até Vallongo
Por fazer a vontade ao nosso Marques.
Eis raia o dia, e cadaqual, as botas
Calçando, cuida de se pôr mais prompto
Que um gamo na carreira: ja com brio
O vermelho Sampaio se apresenta
N'um formoso ginete bem montado,

* Com as tinctas mais frescas e agradaveis, bosquejou o auctor n'ésta bella *epistola* um d'aquelles passatempos, que os Portuguezes muito estimam.

Qual leva o Delio Apollo com gran' fausto
Nas Pythonicas festas galopando:
João n'uma bestinha mansa e linda,
Que inveja foi das damas cavalleiras:
O Conego no seu rocim, nascido
Nos curtos dias do engelhado hinverno:
E eu, que sabes sou como um rabaça,
N'um esgalgado macho de Vallongo,
Que o bom do Marques me mandou por peça.
Monto, tremendo, na escaldada sella,
E benzo-me tres vezes mal-seguro,
E aos lombos d'alta bêsta me encommendo:
Logo ao saír comigo deu em terra,
Não sem motetes dos amigos: subo
Outra vez ao gigante em novos sustos;
E assim tal e quejando * fui meus passos
Atrás de todos co'a poeira em rosto:
Mil vezes me lembrei de D. Quixote,
E mil de Sancho n'ésta cavalgata;
Mas elles iam ver formosas damas
Filhas do Sol, e eu o padre Marques.
Depois de varios trances e paradas,
Alfim chegamos a Vallongo: o Marques
Com mui grandes salás e folias desce

* *Que tal.* Tambem usou d'este termo Francisco Manuel na sua versão das fábulas de La Fontaine, tomo I, pag. 34:

Logo na obra se ve *quejando* é o obreiro.

Á porta a receber-nos, rindo muito,
E tomando pitadas de tabaco.
Apenas da fadiga descançamos,
Eis nos dá c'o jantar na meza prompta,
Adevinhador da fome que ja todos
Trazia-mos : no meio se apresenta
Verde alguidar vidrado d'alto brio
De açafroado arroz arrebentando,
Que elle so bem podera em grandes bodos
Fartar per dias dés todo o Vallongo.
Um gran' prato de vacca, a quem-faziam,
(Que era muito de ver) brilhante escolta
Um lamegal presunto e quatro paios,
Valentes capitães de almogavares.
Geme c'o pêso enorme a velha meza,
Que steve a pique de arrasar per terra
A toalha, o comer, baixella e copos,
E banhar de bom vinho o pavimento.
Per remate do splendido banquete,
Um atacado prato de altas bordas,
Suberbo com dourada sopa, chega,
Que des o albor do dia arregaçadas
Duas môças esbeltas trabalharam,
Mais guapas e gentis, que as cyprias rosas,
Que as cerejas de maio mais coradas,
Por quem dous Faunos namorados morrem.
Findo o banquete pela tarde fomos
A ver os Fojos, decantado monte,
De que muito se falla : alli talhadas

Em viva fragoa, dura penedia,
Concavas casas vimos, não sem susto;
Que ainda foi maior, quando avistámos
Rotas cavernas, temorosas furnas:
Pedras lançámos dentro, que troando
Com medonho fragor per largo spaço
Iam caíndo no profundo abysmo.
O vulgo julga ser obra moderna
De Mouros incantados, quando Cale
Era em podêr das Agarenas tropas;
E o fero Aboazar, fronteiro em Gaia,
Regía as margens do paterno Douro:
Outros porèm com melhor tino intendem
Que ja foram mineiros, que se abríram
Per sagazes romanos, que romperam
As entranhas da terra, cubiçosos
Por ouro e prata, stímulos do crime,
Que natura escondêra em estygia sombra.
Tu julgaras, que alli do escuro Averno
Eram as fauces horrorosas: creras
Que per alli entrara o pio Eneas
Co' a tremenda fatidica Sybilla
A ver Anchises dos elysios campos;
E o Grego astuto a visitar Laerte:
Se t'eu quizesse, amigo, per miudo
Contar tudo o que vi, tu clamarias
Que te contava fábulas, patranhas
De Esplandiano, ou de Amadis de Gaula;
Mais isto basta: o mais direi outr'hora.

EPISTOLA VI. *

Assim é, assim é, ó Serra amigo!
Homens desnaturaes, filhos ingratos
Ao leite que mamaram, desmandados
Despeitam nossa lingua veneranda:
Querem deixá-la á rustica gentalha,
Ou qual velha entrevada aposenta-la
No hospital dos invalidos. Não fallam
Ja nossos moços portuguez, so parlam
Ou linguas estrangeiras, que mal sabem,
Ou um dialecto informe, nunca ouvido,
De portuguez, e de francez meado.
Assim se educam no collegio os moços;
Assim se falla em público theatro;
Assim nos véem de fóra parolando
Mancebos viajantes, que aprenderam
Quatro termos da moda, vinte phrases
Do estrangeiro romance mal trazidas.

* A Francisco José da Serra.

Se assim se desaforam, certo embreve
Acaba o luso idioma: nem mais podem
Intender-nos a nós, nem nós a elles.
N'este transtôrno, em que isto vai, depressa
Ficará a mesquinha lingua, outrora
Tam tractada em civil cortejo e rica,
Ora pobre e deserta e montesinha,
D'urzes e tojo e cardos abafada;
E cêdo em seu logar ja so veremos
O fanado nazal francez reinando: *

* A'lerta, álerta, amigos! ôlho vivo:
Corramos a aprender melhor linguage;
Dêmos côres da moda e secio trage
Ao albernoz do portuguez nativo.
No francez se acha tudo: até a lingua:
Haja vista ao Telemaco capado;
Que tendo o Bluteau bem fôlheado
So deparou com aspereza e mingua [1].
De nobres, de espaneficos doctores
Que dizem *massacrar*, *rango*, *conducta*,
Affrôso, *afferes* venha devoluta
A cópia, a ornar os vates e oradores.
Ponhamos Barros, Souza, e o bom Ferreira
No cadoz de sediças livrarias,
Que enraivem lá das guapas bizarrias,
Do fallar culto d'um cabal Faceira.
Este se a esmo leu livro francez,
Tem de verter lições de lingua lusa:

1 Assim m'o affirmou mui de véras o traductor.

Que stranha servidão! se ainda agora
O cabelludo Godo dominasse
Sôbre o throno de Hespanha, se inda agora
O feroz Agareno nos pizasse
As frescas ribas do sagrado Tejo,
Fôra menos desar tomar a lingua
Dos fortes vencedores; porêm sendo
Nós outros livres de nações estranhas,
Sendo senhores no solar nativo,
É mui grande sandice e desgovêrno
Pagar a estranhas linguas alcavala.
Mas tu, com alguns poucos amadores
Das cousas patrias, que ja poucos vejo,
Que conheces melhor, do que eu os dotes
Do lusitania lingua veneranda, *

E nós de ir á tal fonte encher a infusa,
Pexotes, que so lemos portuguez.

Vistos os progressos que vai fazendo a lingua dos tarellos, véem-me ância de trasladar as *Decadas* de Barros, e os *Lusiadas* de Camões em lingua da moderna moda, para mais clara intelligencia dos nossos Francelhos e Francelhas. É pena que steja eu ja tam velho, que não possa vir a cabo com a empresa. Atrás de mim virá algum ânimo compadecido, que remoce e ponha mui garridos á francelha os nossos zoupeiros classicos quinhentistas.

FRANCISCO MANUEL.

* Não te pareça trabalho sobejo intender tanto na propria linguage; porque se fores bem doctrinado

Sua riqueza e magestade e brios,
E o jus que tem a se manter no throno,
Farás, com teu exemplo illustre e claro,
Que ella seja mantida e respeitada
Nas doctas obras, que la stás compondo.

n'ella levemente o serás em as alheias. Este é o modo que tiveram todos os Gregos e Latinos : tomaram per fundamento saber primeiro o seu que o alheio.

Barros.

EPISTOLA VII.

OS PRAZERES DA VIDA.

Os prazeres, senhora, são diversos,
Como o são sempre as condições do homem:
Chamam-me godo, solitario e triste,
E sem prazer na vida; e eu vivo alegre.
A mim, e aos meus; e de mim so contente,
E d'aquelles que eu amo, estimo e prézo
Per cima das estrellas; que mais quero?
Um la se apraz, bemque vizinho á morte,
D'erguer palacio, que assuberbe a praça,
Alvo da inveja: aquelle so procura
Amontoar áttalicos thesouros,
Desbarato de prodigos herdeiros;
Este ja regalar com seus banquetes
A cortezãos vorazes, so constantes
Em quanto venta a splendida fortuna:
Aquelle cavalgar gentil cavallo,
Ou com veloz carroça de seis urcos
Atormentar as ruas de Ulyssea,

Com quem vão a la par duros cuidados.
Um folga de bater a mata umbrosa
C'os sabujos; varar c'o dardo as feras;
Prear as aves; e por so recreio
Tirar-lhe a liberdade ou doce vida,
Que, como a nós, natura lhes doara.
Outro ja de gastar o dia, e a noite
No ardido jôgo, em que o dinheiro perde,
Com que falta a si mesmo, á sposa, aos filhos.
Quantos ha, que em molleza e ócio inerte
Curam so de contar de seus maiores,
A que não se assemelham, feitos raros
Ou na paz, ou na guerra! Quantos outros
Ja vivem so de cortejar airosos
Com vagabundo amor garridas damas,
Como elles, infieis; ou de ir na noite
Consummar do mal-gasto dia o resto
No comico theatro, não pudíca
Eschola de costumes, de acções bellas,
Qual foi na Athenas, e qual ser devia;
Ver os Jonicos bailes devassados,
E ouvir de impuro amor mil garridices,
Que ver não podem sem corar de pejo
Graves donas e moços, castas virgens!

Eu ca vou n'outro bordo: outros prazeres
Me embalam dia e noite mui sereno.
Quereis saber, senhora, em que consistem?
Em gozar de meus lares, de meu predio;
Ter uma casa minha so, não d'outrem;

Não sumptuosa e grande, que se espantem;
Mas nem pequena, em que eu respiro largo,
Aonde tenho em camara risonho
Leito, tambem so meu, não compartido,
Sem cuidado de filhos, que me chorem,
E sem sustos, que emtôrno de mim voem,
E meu placido somno me quebrantem.
Onde tenho a banquinha testimunha
Fiel de meu pensar, de meus escriptos,
Que eu desejo, que suba aos astros, quando
Finar meus dias, feita clara estrella:
Aonde a boa fe, onde a verdade,
Lisura, quietação e paz serena
Moram comigo; aonde nunca chega
Um so credor, nem ja cruel demanda
Que venha perturbar meus doces lares:
Onde me assiste uma familia antiga,
Que me ama e estima, e me alivia em parte
O pêso dos domesticos cuidados:
Onde ha decentes moveis, não modernos,
Não splendidos, mas limpos e arranjados;
Pouca alfaia e baixella, mas que basta,
E nada deve a quem a obrou do preço:
Onde ha vinte paineis de mão de mestre,
Que quanto mais os vejo, mais me agradam,
E em longa sala estantes enfiadas
De bons livros da docta antiguidade,
Que ensinando mil cousas me deleitam
Sem risco de lisonja ou vil engano,

Tam geral entre os homens, que ora vivem.
Que vos direi do meu terrão campestre,
Do meu vergel, não um jardim vistoso,
Esteril a seu dono, que o cultiva,
Mas natural e util, que Pomona
C'o Pan Tegeu da Arcadia, e com Silvano,
De pomiferas árvores me crea,
Onde Baccho de pampanos frondente
Com o côro das Menades Thyrsigeras
Me véem tingir no deleitoso outono
De purpura luzente os racimosos
Bagos das vides; onde a ôlho cria,
Inda sem rega d'aguas fluctuantes,
As nutriticias plantas saborosas,
E odoriferas hervas, que temperam
Singelas iguarias n'uma meza,
Não lauta, não mesquinha, mas poupada,
Em que possa off'recer a meus amigos
Sobrio jantar de mil amores rico.
Nem me falta, se quero, a branda Flora,
Que seu almo regaço leda abrindo,
Per entre as verdes plantas me derrama
De mui vário matiz mimosas flôres.
Nem as doces toadas, que me enlevam,
Dos ledos passarinhos sonorosos:
Nem bafejos de zephyros suaves,
Que cruzam entre as árvores viçosas:
Nem debruçadas sombras d'altas parras,
Que dão frescura no calmoso estio.

Se ja fóra d'aqui lanço meus olhos,
Quantas vistas e scénas; quaes paízagens
Quam largos orizontes se apresentam!
D'aqui stou vendo sobranceiro o Tejo,
Famoso mais, do que o romano Tybre,
De undívagos baixeis suberbo e ufano,
Onde ainda diviso n'essas aguas,
Qual lactea via, impressa a grande esteira
Que abriu o Gama, desferindo as vélas,
Intrepido argonauta, o deus das ondas,
Desde éstas praias té o mar da Aurora,
Té o bêrço do sol, e fins do mundo:
Vejo d'aqui d'além do Tejo a croa
D'esses montes, em linha repartidos,
Da fronteira Almadem * da gran' Palmella
Que escala as nuvens co'a cabeça altiva,
D'onde o ceo commetter Typheu podera:
Da piscosa Cezimbra, da cimeira
Arrabida, de rubra gran vestida,
Que ja tingiu reaes purpureos mantos
De triumphantes Cesares romanos:
Os frescos valles das gentis villagens
Da frondosa Azeitão, ja n'outro tempo
Grato recreio a duques: d'essa antiga
Estatuaria Equabona ** inda suberba
Da via militar, que alli cursava

* Nome antigo arabigo de Almada.
** Coina.

Até a grande e imperial Salacia ; *
Per onde cuido, que inda vão marchando
Os lusos esquadrões do gran' Sertorio,
D'esse gran' Viriato, horror de Roma.
Quero subir mais alto em meus prazeres,
O sprito aos ceos ceruleos se remonta ;
Contemplo o pae da luz, auctor do dia,
Seve de fogo, que fecunda o Orbe ;
Contemplo n'uma noite magestosa
Essa filha do sol, argentea lua ;
E os bellos astros, tantos sóes brilhantes,
Que fulgem deredor de immensos globos,
Que n'esse spaço eterno vão gyrando,
Sem de seu curso desmentir um ponto ;
E cheio de tam altas maravilhas,
Das creaturas, que contemplo absorto,
Alço meu esprito ao Creador potente ;
E lanço-me n'um vasto mar profundo
Do Immenso-Ser, que todo o ser creara.
Dos astros, e de Deus, em que me abysmo,
Torno-me a mim : acho prazer interno
Em pensar so comigo na existencia,
O que fui, o que sou, o que inda espero
Que serei per mais tempo sôbre a terra,
Se assim prouver a meu Senhor, que eu viva.

* Via militar que corria desde Equabona, ou Coina, até Salacia, ou Alcacer-do-Sal, chamada antigamente *Cidade-imperatoria*.

Sinto grande consôlo, quando penso
Nas vivas energias de minha alma,
Que circulam meu corpo: quando penso
Nas affeições do coração sensibil,
Que não as deu debalde a natureza:
Na saúde, que tenho; nos sentidos,
De todo indą do tempo não gastados:
No desejo constante, e alegre e limpo
De fazer, s'eu podesse, bem aos homens;
De dar soccorro ao misero indigente;
De prestar meu conselho, a quem m'o pede;
De ensinar o caminho áquelle que erra:
Ao pensar n'éstas cousas docemente
Todo m'encho de mim, e mais do Nume,
Que me deu o ser, e que meu ser conserva.

Ésta *epistola* é d'um philosopho, que dando de mão a todas as futilidades e embelecos pelos quaes tanto se afanam os mortaes, sabe apreciar e desfructar aquelles bens d'onde emana a vera felecidade. O stylo, e os pensamentos respiram a mais sublime e christan philosophia; e é digno de notar-se o modo per que o poeta descreve a sua habitação; que realmente stá assentada em logar elevado e aprazivel, nos suburbios da capital, e d'onde se descortina a margem opposta do Tejo, e um bellissimo horisonte.

EPISTOLA VIII.*

Tu dizes que stou so , e vivo triste ,
Longe do tracto social ; mas chamas
Viver em solidão quem vive ledo
De Lucrecio , de Horacio , de Virgilio ,
De Sá , e de Ferreira acompanhado ?
Que conversa Camões , Menezes , Castro ,
E outros vates illustres d'alta Lysia
Aos Romanos iguaes , iguaes ao Gregos ?
Nas horas ao prazer so dadas entra
Ora um , ora outro : quantas cousas
Me contam que meu sprito me arrebatam ;
Quantas me mostram de belleza rara ,
Que os olhos prendem com suave incanto ?
Eis vem Lucrecio com sublime aspecto ,
E vem com elle em leda companhia
A casta Venus , mãe da natureza ,
Nobre como ella é , risonha e bella

* Ao. doctor Ricardo Raimando Nogueira.

Desdobra a deusa o rico véo que a cobre,
E a meus ávidos olhos espantados
Os divinos arcanos me descerra :
Como na mão tomando o faxo ardente,
Que tenebrosos mundos allumia,
Próvida desce aos penetraes sagrados
De toda a redondeza; é sacudindo
Vivas faiscas sôbre o Orbe inteiro
Fecunda o ceo, o ar, a terra, os máres
De infindos seres, que povoam tudo.
Outras vezes convérso gravemente
O sabedor Virgilio : elle me conta
Os altos feitos do varão piedoso,
Que deixando de Troia os abrasados
Muros, primeiro demandou a Italia,
E as praias de Lavinio; e me refere
Quantas cousas no mar, quantas na terra
Soffreu constante, entregue ao rancor diro
Da raínha dos deuses vingativa,
Até que edificasse a alta cidade,
E n'ella collocasse os patrios deuses,
D'onde descende a geração latina,
E os albanezes padres, e as muralhas
D'altiva Roma que deu leis ao mundo.
Umas vezes em dia mais sereno
O venusino Horacio me apparece
Risonho e festival: — « Anda comigo »
(Me diz) da mão me pega, e vamos ambos
Per um campo de flôres estrellado;

De passagem me leva a ver Glycera,
Que em viva chamma o coração lhe torra:
A ver Licymnia de fulgentes olhos,
E a mais que todas Lalage formosa,
Gentil de doces fallas, doces risos.
Quando quebra do ardor o sécco estio
Pelos altos Sabinos vou com elle,
Ora aos liquidos Baios sonororos,
Ora á fria Preneste, prazer doce
Dos antigos Romãos: ora aos cabeços
Da Herculea Tibur que se stá rindo,
Obra de Argêu colono: muitas vezes
Á antiga Alba concorremos ambos
E ao ameno Lucretil, onde Fauno
Costuma passeiar, e com semblante
Risonho visitar as tenras crias.
Outr'hora vamos ao Galeso, rio
Do laconio Phalante, e ás terras, onde
Não cede o mel a Hymetto, aonde a baga
Com o verde Venafro se debate.
Ora subimos Formiano outeiro,
E la onde as falernas uvas nascem:
Com que gôsto não vemos d'altas rochas
O Anio reluzente despenhado,
Que com aguas mais claras do que electro
Os campos rega, e a resoante Albunea
Onde steve Mecenas, onde Augusto!
Sentamo-nos alli; alli desfere
O vate a Lesbia lyra, e ao som divino

Canta as graças, e os jocos prazenteiros
Que emtórno voam da Acidalia deusa,
E os prazeres do deus, que a fronte cinge
Com o pampano verde : alli bebemos
Bojudas taças de purpureo vinho,
Que ja próvida mão tinha assellado
Desde o consul Metello : eis que no meio
Dos formosos festins que o estro excitam,
O vate illustre derepente se ergue;
— «Voa (me diz) De brancas azas logo
Me implama todo; ja com elle vôo
Á Rhodope cursada de pe barbaro
E á odrysia Thracia, em frio gêlo branca,
De la me mostra o Hebro prenhe de ouro,
O Caúcaso medonho, a Assyria praia,
Brava c'o ardor das aridas areias;
Mostra-me Baccho nas remotas fragas
C'os satyros capripedes emroda,
E ás auricomas nymphas ensinando
Canções divinas que nos ares sôam;
E em roda d'elle as Thyades protervas
As torneiras de vinho desatando.
Eis vou d'alli com elle arrebatado
Per sôbre as altas nuvens galopando :
Do Beotico monte a testa altiva
Sublime toco, vejo alli e adoro
Os divinos rochedos consagrados
Pelas musas Ladonides, e as aguas
Que das torrentes fezes de Hippocrene

A borbotões rebentam: D'alli vôo
Inda mais alto, os ceos afronto, e firo
Co' a excelsa fronte os radiosos astros;
Entro no Olympo, assento-me c'os deuses
Ás sacras mezas de diamante, e d'ouro.
Ves tu, amigo, quanto mundo corro
Quantos astros e ceos? Ves quantos numes
Tracto aqui, de Virgilio, de Lucrecio,
Do venusino vate so guiado?
Que te direi dos Lusos? Que formosa,
Que nobre companhia me não fazem
O docto Sá, e inclyto Ferreira?
Que solidas sentenças, que virtudes,
Que gran philosophia me apresentam?
Não essa de theoricas altivas;
Que ignotas regiões ínvias veredas,
Sem prumo e lastro vagabundas correm;
Mas practica e segura e certa guia
Na carreira da vida: quando os ouço,
Que conselhos, que maximas prudentes,
Que regras sociaes d'elles aprendo!
Tam alta, tam christau philosophia
Trasluz nas suas obras, nos seus dictos
Que outro em Lysia não acho mor, do que elles.
Depois d'estes se quero outra companha,
Quantos amigos não véem ter comigo!
Vem o terno Caminha mavioso,
Nascido para amar, e ser amado;
E uma a uma me conta as graças bellas

Da sua ingrata Lylia : vem Bernardes,
E em brando stylo do seu Lima canta
Ora gostos de amor, outr' ora mágoas.
Quantas vezes comigo ca practíca
O Lobo cortezão altos primores
Da vida social, e quantas outras
Pelos formosos campos discorremos
Do Lis e Lena, que inda agora levam
Ao som das mansas aguas os amores
Do Pastor peregrino que chorava
Os claros males da travêssa flecha.
Se quero variar, eis outros tenho
Perto de mim, amigos deleitosos,
Ora te ouço cantar, ó sabio Amphriso!
Co'a lyra igual á venusina lyra,
Da tua Laura bella as gentis graças,
Lumes dos astros que se accendem d'ellas.
Ora chega co'a cythara dourada,
De gangeticas perlas guarnecida,
O inclyto Fernão, e canta n'ella
Da Transformada-Lysia altas historias,
E segredos, que involve em variás flôres.
Que visita melhor, que companhia
Que se iguale a Camões? Camões divino
Não se peja de vir honrar-me a casa,
E em alto metro recontar-me como
Ceruleo Gama, destemido e forte
Arrancando a Neptuno o poderoso
Trisulco sceptro, insolita carreira

Abriu per máres nunca navegados,
Quantos cabos dobrara, quantas ilhas
Barbaras costas, descampadas praias;
Quantas gentes de estranho gesto e lingua,
Quantos ceos, quantos novos astros vira;
Até que póde vencedor dos máres
O bêrço registrar do sol luzente,
E os thalamos da Aurora, d'onde nasce
O radiante dia, sempre o mesmo;
Onde alçaram Pachecos, Castros fortes
Da nova Lysia o oriental imperio.
Após este véem outros, vem Menezes,
E a chrysea Malaca, empresa nobre
Do feroz Albuquerque, me apresenta,
Hoje emporio fatal do fulvo Belga.
Vem o Corte-Real, e em solto metro
Da sem-ventura Leonor me conta,
E do sposo infeliz os duros fados,
Que sôbre o horrendo tormentorio cabo
Entre trovões e raios crepitantes
O fero Adamastor vaticinara:
Nem me falta tambem o docto Castro,
C'o sagrado poema, em que elle sólta
Muitos sons varonis do vate Argivo
Do Mantuano vate: reina n'elles
Vencedor d'alta Troia, o vago Ulysses,
Que transpondo os limites que posera
No Calpe tingitano o forte Alcides,
Do tremendo Oceano as ermas ondas

Impavido afrontou, e sôbre o Tejo,
Que ve banhar-se o sol nas rubras aguas,
Ergueu aos astros a cidade altiva,
Raínha do Occidente, mãe dos Lusos.

ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS.

CARTA I. *

O BANQUETE.

Eu bem sei marquez ** preclaro,
Que tens o tempo occupado
Em reflexões e discursos
Tendentes a bem do Estado.
Vejo, illustre patriota,

* Do auctor d'ésta, e da seguinte peça, póde-se dizer o mesmo que disse Francisco Dias Gomes acerca do irmão do mesmo auctor Antonio Gomes da Silveira Malhão, e vem a ser: « Que metreficava com summa velocidade, póstoque conhecidamente abundasse em defeitos de metro e lingua; e forçosamente assim havia de ser; porque a poesia foi sempre em todas as linguas de mui custosa execução, polo grande número de difficuldades, que tem de vencer nas suas operações. »

** O marquez das Minas.

Que a todos serves d'espelho,
Quer nos ritos cortezãos,
Quer nas funções de conselho.
Mas, senhor, nem sempre a ideia,
Deve andar n'isto entretida;
Ha de haver um passatempo
Em desafôgo da lida.
Um arco atesado sempre,
De seus braços perde a força;
Depois sai-lhe a setta fraca
Por mais que a corda se torça.
Eisaqui, porque eu me atrevo
A pôr na tua presença,
Estes versos pequeninos,
Partos de musa criença.
Alcanço, que altos senhores,
D'altas camenas são dinos;
E so devem ser cantados
Pelos Pindaros divinos.
Mas o nosso João terceiro
Ouviu, com rosto sereno,
O Sá de Miranda antigo,
Cantando em verso pequeno.
Por isso a meus versos deves
Mostrar carinhoso aspeto,
E ja, que no mais o vemos,
Mostra n'isto que es seu neto.
E se eu não pude, senhor,
Entre muitos ir contente,

A beijar-te a mão piedosa
A cinco do mez corrente.
Sempre te quero contar
Nos meus versos pequeninos,
A festa que aqui fizemos
Eu, a mulher, e os meninos.
Apenas a roixa aurora
No dia quinto assomou,
E com seus raios, os raios
Das estrellas apagou:
Depois de ja ter gozado
Sonhos cheios d'alegria,
Como presagios felices
Da volta de tam bom dia:
Surjo da cama; a mulher
Me diz — « que espertina é ésta? »
Eu lhe tórno — « vai-te erguendo,
Que temos dia de festa. »
— « Festa! (diz ella) não sei
Se festeje sancto algum! »
— « Este sancto (repliquei)
É contra o nosso jejum. »
Dize-me, não me tens visto
Ás vezes, nas precisões,
Apparecer derepente
Esfregando alguns dobrões?
Não vistes quando queriam
Ir-me alguns ao gallinheiro,
Que milagrinho nos fez

O Pinete feiticeiro?
Não me chorastes sarnento,
Sem podêr ganhar real,
E vir da terra do enxofre
Correndo o louro metal?
Não sabes quem o mandava,
E mil vezes dado o tem?
Diz ella — « o marquez das Minas. »
Torno-lhe eu — « pois muito bem: »
Se reconheces o sancto,
Que me ampara n'estes danos,
Preciso é tambem que saibas
Que n'este dia faz anos.
Não sei, senhor, o que tem
Ésta arte de bem fazer;
Vi-lhe um pranto de alegria
O seu rosto humedecer.
Gritei-lhe — « Sai-te da cama,
Vai-te vestir e toucar,
E c'os fatos domingueiros
Os pequenos enfeitar. »
Assim se fez; e adornados,
Segundo o permitte o fado,
Todos quatro em procissão
Fomos ao templo sagrado.
Por tua saúde ouvimos
O sacrificio da missa;
E por teus annos rogámos
Ao Deus de summa justiça.

Pois de justiça é marquez
Que annos conte dilatados
Aquelle que se decide
A favor dos desgraçados.
Que os olha sincero e meigo,
E d'elles tem dó profundo;
Virtudes, que pouco a pouco
Vejo mingar n'este mundo.
E porque isto de semana,
Em mim não é mui frequente;
Ficou d'ésta acção, por boa,
Em cuidos bastante gente.
Julgaram que era promessa,
E n'isto não houve engano;
Que eu votei de o repetir
N'este dia d'anno em ano.
Tornado a casa, dei ordem
Á caroucha cuzinheira,
Que as fôrças me calculasse
Da despensa e capoeira.
Havia um pato durazio,
Duas frangas, um capão,
Um pinto ja d'evangelho,
E o gallo da geração.
Na despensa, que não viu
Jamais sortimento munto,
Restava um pe pendurado,
Que dizem foi de presunto.
Publiquei mortal sentença

Ás frangas, pato e capão;
E dei os cobres precisos
Para adubar-se a função.
Minha sogra, que isto ouviu,
E soube o dia, em que stava,
Deu um sueto á familia
Que deredor trabalhava.
Deitou polvilhos nas cans;
Poz seus pentes no topete;
Sentou-se d'alto embuçada
No seu roixo mantilete.
Assim stivemos deroda
Em quanto se preparava
Um banquete, que a pobreza
Com alegria temprava.
Eis minha sogra, que é velha,
Mas d'éstas que não lêem sinas,
Me rogou que lhe dissesse
— « Quem era o marquez das Minas? »
— « Para dizer-lho, senhora,
(Respondi) não sou bastante;
Mas vejamos se lhe mostro
Pelos dedos o gigante.
Polo que á vista nos toca,
É um fidalgo bem feito,
Bem dado com todo o mundo,
Sem que manche o seu respeito.
É d'estatura elegante,
Animado no seu rosto;

Visto, alegra a quem o avista,
E conversado dá gosto.
Tem os olhos prespicazes;
Suas palavras, são certas;
E as mãos, bem dignas d'um sceptro,
São para os pobres abertas.
Emfim, senhora, é aquelle,
Per cujo alto valimento,
Vossa mercê, em Val-Bemfeito,
Teve regio acolhimento.
E depois de pretenções
Vagas, diversas, immenças,
Per seu abrigo somente
Conseguiu as suas tenças.
Contente stava de ouvir-me
Muito attenta a velhazinha,
Quando de dentro se disse
« Que stava feita a cuzinha. »
Seriam ja duas horas;
Á meza fomos chegando;
E n'ella em grossa terrina
Se via a sopa fumando.
Tracalham * pobres colheres;
Oiço cadeiras puchar;
Uns tiram, outros assopram,
Outros vejo a mastigar.
— « Não te çujes, diz a mãe

* Tinem.

Ao filho desinquieto. »
D'outro lado a tia grita :
— « Menino , esteja quieto. »
Atam-lhe pelos pescoços
Em tufões os guardanapos,
Que lhes incham as bochechas
Dignas de mansos sopapos.
Nunca se viu um banquete,
Como o que eu fiz n'este dia ;
Nem tam falto de comida,
Nem tam farto de alegria.
O animal, que se chrisma
Quando lhe poem o cutelo ;
E depois de boi de canga,
In voce torna a vitelo :
Em largo prato de barro
Appareceu derepente,
Com couves, pe de presunto,
E toucinho competente.
Não lhes valeu a dureza,
Pois mal se viram trinchados,
Foram despojos da gana
Os seus ossos esbrugados.
Mandei aqui fazer pausa ;
E per um copo somente ;
Á saude de teus annos,
Fiz beber a toda a gente.
E cadaqual, quando tinha
O seu cabimento e vez,

Erguendo a taça, dizia:
—« A' saúde do marquez! »
Eu, que fui o derradeiro,
Disse, antes de ver-lhe o fundo:
—« Á saúde de quem tenho
De Deus abaixo, no mundo! »
E levantando-me em pe
Cheio de satisfação,
C'os olhos vermelhos, piscos,
Cantei os versos, que ahi vão:
Salve dia venturoso
Na leve roda marçado,
Para dar feliz remedio
A um poeta desgraçado:
Sempre teu te veja nascer
Per entre as nuvens rosadas,
Festejando a quem nos déstes
Por idades dilatadas.

Saudemos filhos
O heroe nascido,
Que de venturas
Nos tem enchido.

A cinco nasceu Afonso,
Terceiro de Portugal;
A cinco nos deu novembro
Um'alma, á sua alma igual.
Até foi quinto no sceptro;

Porque este número quinto,
Nas mesma Quinas do reino,
É entre os Lusos distinto.

De novo a taça,
Ledos chupemos,
Seus annos, filhos,
Ledos saudemos.

Quem viu seu rosto sereno,
Que não lhe ganhasse amor?
Quem lhe fez súpplicas justas,
Que não achasse favor?
O seu peito, em piedade
Sempre se ve abundar;
As suas mãos são mais francas,
Que as mesmas praias do mar.

Filhos, saudemos
Tam bello dia,
Fonte da nossa
Doce alegria.

Elle é cedro, cujas ramas
Tocar o ceo avistâmos;
E nós heras desvalidas,
Que so com elle trepâmos.
Elle é quem é; e mal póde
Quem o consulta dize-lo:

Ouso na lyra canta-lo,
Mas não chego a comprende-lo.

Ternos meninos,
Cheios d'amor,
Saudae comigo
Meu bemfeitor.

Aqui tens, marquez augusto,
O que estes pobres serranos
Fizeram no dia alegre
Dos teus venturosos anos.

CARTA II.

EM VISITA.

Doze vezes tem, compadre *
A lua enchido e vasado,
E umas trezentas e tantas
A Aurora o carro montado,
Des que nas praias do Tejo
As plantas não tenho pôsto;
Pois hoje so venho á côrte
Por precisão, não por gôsto.
Não quero mais tempo corra,
Sem que me torne mimoso
De beijar-te a mão sagrada,
A cujo aceno reposo.
Não sei se estás mal ou bem
Com teu compadre Malhão;
Se mal, para o meu castigo
Me entrego na tua mão:

* O principal Castro.

Se bem, para ser contente
Com teu rosto respeitoso,
E dar-te notícias frescas
D'um afilhado goloso.
É uma joia a criança!
Tem descripções e belleza;
Umas, que a gente lhe ensina,
As outras da natureza.
Dizem la os sabedores:
« Se o pequeno ávante vai
Hade na idade vindoura
Ser traste melhor que o pai. »
Alèm de lerja per cima
Os escriptos que lhe dão,
É um lince na bilharda,
É uma aguia no pião.
Mette a saque os do seu tempo;
Monta em cavallo de pau;
E estruge as tias, e a avó
A toque de berimbau.
Em tudo tem graça ás pilhas:
E em natural tentação,
Ja me arremeda rosnando
Com seu machete na mão.
So me afflige, porque rompe
Em tam pueris gravanas,
Botas novas em tres mezes,
Chicos em duas semanas.
Fina-se ja pela idade

De vir do Tejo ás campinas,
A ver de Lisboa a velha
As enfeitadas ruinas.
Deseja mais a jornada
A fim da mão te beijar;
E na tua protecção
Seu destino afiançar.
Pois ja que a sorte lhe deu
Um pae de fado mesquinho:
Augura o mudar d'estrella
Á sombra de seu padrinho.
Será mais, que sorte escura,
Se querem minhas desgraças,
Que fazendo o bem de tantos,
So d'este pobre o não faças.
Mas em quanto elle não sai,
Voa o pae em seu logar,
Qual ave, aos filhos implumes,
O sustento a mendigar.
A natureza me dicta
A precisa obrigação
De ir, per todo o meio justo,
Haver-lhe o vestido, e o pão.
E como não póde tudo
Do officio, que tenho, vir;
A ti, e aos da tua igualha,
Não me acanho de carpir.
Sei por isto me teem pôsto
O labéo de pedinchão;

Mas antes este mil vezes !
Que uma so-vez de ladrão !
Antes quero, que me vejam
Andar de capote roto;
Antes quero ás vezes fome
Do que ser rico e maroto.
Antes quero que meus filhos
Andem c'os dedos de fóra,
Que asseiados n'um pontinho,
E a fama da irman na nóra.
Tu, antes de meu compadre,
Ja meu caridoso amigo,
Stás na posse d'adjudar-me
A vencer o fado imigo.
Não te peze, continúa
A repetir-me o favor:
A maior glória do homem
É ser d'outros bemfeitor.

F. M. G. da S. Malhaõ.

CARTA.

DIRIGIDA A MEU AMIGO JOAÕ DE DEUS PIRES FERREIRA, EM QUE LHE DESCREVO A MINHA VIAJEM * PER MAR ATÉ GENOVA.

Meu Pires,

Despontava o dia em que a meus olhos, não sem saudade, havia por alguns mezes dasapparecer Lisboa,

> Que merece bem o nome
> De Bysancio occidental;
> Onde o saber pouco val,

* Ésta agradavel *viajem*, em que o auctor rivalisa com Chapelle e Bachaumont, occupará um logar destincto entre o pequeno número de obras estimaveis, que se leiem sempre com gôsto sem nunca enfastiarem.

Tem valor so prata e ouro;
Branco assucar, rijo couro,
É melhor *ter*, que virtude :
Polo menos assim pensa
Gente docta, e povo rude.

Dir-me-ha que de Londres, Amsterdam, Berlin, Vienna, se póde dizer que *sicut et nos manquejam de um ólho;* não duvido : de París por ora nada digo; espero as leis civís para ajuizar se fizeram n'ellas o que devem.

É então que a minha musa,
De cantar mais anciosa,
Ferirá de novo as cordas
De sua lyra saudosa.

Entretanto vamos ao ponto, que é a descripção da minha viagem até Genova. Per onde começarei ?

Cançada mimosa Aurora,
Para o leito se acolhia,
Em quanto Apollo açoutava

Os messageiros * do dïa.
  Em vão Pyrois retorcïa
As orelhas fumegantes,
E com rinchos dissonantes
Ethonte o ar aturdia;
  Porque Apollo enfurecido
Mais e mais os fustigava,
Vibrando a torta manopla
Com horroroso estampido:
  Vinte vezes foi ouvida,
Qual o vento, sibilar,
E nas ancas revoltosas
Dos gïnetes estalar
Per tal modo

que amanheceu emfim de todo. Confesso que é uma das manhans longas que se teem visto raiar sôbre o Orisonte: mas emfim amanheceu. Era de

* É bem singular a variedade que acêrca d'éstas desinencias, *em*, temos notado em algumas edições antigas: para exemplo citaremos as palavras *message* e *messageiro* que em Barros, Fr. Luis de Souza, e outros, assi se acham impressas, quando em todas as edições das obras de Camões achamos *mensagem* e *mensageiro*. Éstas palavras vindo-nos da lingua franceza que as formou das duas vozes lati-

esperar que, depois de tanto trabalho de Apollo, a manhan fôsse clara e brilhante: não succedeu assim;

> Porque densa escura nevoa,
> Per entre o freio, escumavam
> Os cavallos furiosos
> Dos açoutes que aturavam.

Se lhe não agrada ésta theoria, para explicar a origem das nevoas; saiba que em poesia ainda se não deu melhor; e se não é certa, aomenos é assás intelligivel para mostrar que a manhan foi nebulosa. Irra! que manhan! eu mesmo ja não sei como hei de chegar ao meio dia, a não ser de pulo. Saltemos pois:

nas. — *Missum gerens*, ou *qui missum gerit*, messager, — e *missum gestum*, message, d'ellas igualmente fizeram os Italianos *messaggio* e *messaggiero*: parece pois bem extraordinario que Camões, bom sabedor que foi não so das linguas grega, latina, e da nossa, que tanto enriqueceu; mas até da italiana, e da franceza, como no-lo certifica Fernão Alvares do Oriente (prosa VI, liv. 2, da *Lusit-transf.*) bem

Zuniu nos ares
O meio dia ;
Batel ligeiro
Ja conduzia
O Palinuro
De aspecto duro ,
Que promettera
Ser nosso guia.
Corpo pequeno,
Rosto tostado,
Magro , escarnado ,
De froxas rugas
Entretecido ;
De cans ornado ,
O mal burnido
Cabello preto :
Eis o retrato
D'este bisneto
Do gran'Neptuno.
Dizem que Juno

vesse de screver *mensagem* e *mensageiro* ; quando a propriedade de nossa lingua (segundo Duarte Nunes de Lião) e a prova constante da etymologia nas palavras derivadas do latim é fugir o *n*. Devemos imputar a amanuenses e impressores anamalia tam desarrasoada, e não a Camões, que certamente não teve a pretenção de adulterar tal palavra com sons nasaes, nas syllabas, primeira e última. Em quanto

Ja pretendera
Faz-lo spôso
De uma Sereia,
Que mal o viu,
De mêdo cheia,
A côr perdeu,
E entre gemidos
Emfim morreu.
Jaz sepultada
No fundo mar
Perto do estreito
De Gibraltar.

Mal garimpou sôbre o navio, deu tres passeios, mediu o ceo com os olhos, e de commum acordo,

As vélas se desfraldaram;
Dinamarqueza bandeira
Pelos ares ondeiava,

não apparecer algum authographo de Camões, d'essa, e d'outras poucas falhas em orthographia, que se acham na primeira edição dos *Lusiadas* de 1572, não lhe faremos cargo: e quando fôra possibil apparecer com ellas, diriamos que, alguma vez tambem, poude *dormitar*, qual outro Homero.

T. L. V.

Com apparencia guerreira :
Mas, ó caso nunca visto !
Ó maravilha estupenda !

Não se assuste : é pouco mais de nada : o Hiate do piloto da Barra tinha protestado n'aquelle dia desarvorar; e, sem ondas, nem vento que tanto podesse, desarvorou com effeito; e foi-se ámbora, deixando o bom piloto

Que passeia, a um lado e outro
Volve os olhos pensativo;
E ora froxo, ora mais vivo,
Tudo quer, tudo rejeita.
A buzina pede e emboca,
Gritos asperos soltando,
Ás inhospitas Muletas *
Piedade supplicando.

Quiz consola-lo, mas debalde lhe dizia:—«que elle ia ver as columnas de

* Embarcação de pescadores.

Hercules *, a victoriosa rocha ** d'onde, balas ardentes, disparadas a tempo, lançaram per terra projectos concebidos sôbre numerosas esquadras, e desatinaram generaes esperançosos: debalde lhe descrevia a alongada costa de Hespanha, o nunca assás temido golpho de Lyão, o prazer que teria de avistar-se face a face com a Serenissima Republica de Genova, que sem dúvida lhe forneceria todos os soccorros, que elle tivesse meios para pagar:

Tudo em vão lhe pintaria;
Pois n'aquelle duro instante,
Terno spôso, pae amante,
Da consorte só ouvia

* Hercules separou os dous montes Calpe e Abyla, e fez assim communicar o Oceano com o Mediterraneo. Suppondo que era alli o fim do mundo, plantou duas columnas, que depois se chamaram *columnas de Hercules*, e sôbre as quaes se suppõe que stava a pretendida inscripção: — *Non ultra.* —

** Gibraltar.

Os gemidos, e a saudade
Dos filhinhos que deixava,
E tam mimosos creava.

D'isto conclue V. m. muito bem, que o dicto piloto era casado, e tinho filhos. Apezar do que, sería obrigado a navegar té Genova, se não fôsse

Barco atrevido
Que ouve o clamor,
E condoido
Gyra aoredor,
Offerecendo
No alagadiço
Salgado bojo,
Doce hospedage.
Então descendo
— « Aqui me alojo »
(Disse) e entoando
« Boa viajem »,
Clamaram todos,
Dinamarquezes
E Genovezes,
« Boa viajem. »
Por largo tempo

Os tons dispersos
Se revezaram,
E retumbaram,
Amedrontando
De vagos peixes
Immenso bando.

Vendo-me so, e sem haver quem fizesse retinir a meus ouvidos.

Da lusitana lingua o tom canoro,

Resolvi-me restituir aos amigos, pelo modo possibil, o tempo que lhes roubava da minha companhia, de que tantas vezes pareciam fazer caso. Vieram-me então á lembrança os nomes de Bachaumont e Chapelle : *

Dous famosos bebedores
Que, intentando tornar fixas

* Este poeta francez nasceu na aldeia de *La Chapelle* perto de san' Diniz, em 1624, e morreu em Paris, em 1683. A sua *viajem a Montpellier* (na qual Bachaumont, trabalhou mui pouco) é uma obra prima de jovialidade, de finura, e de graça.

Do rosto as vermelhas cores,
Da *Champanha* bellicosa,
Do *Bordeus*, e da viçosa
San Borgonba visitaram
As adegas afamadas.
Àh! quantas vezes,
Sem se assustarem
De mil revezes
Que a historia aponta,
Guerra emprenderam
Contra esquadrões,
Em ala postos
De garrafões,
A que arrancaram
Rôlhas teimosas,
E despejaram
Nas sequiosas
Goelas vorazes;
Sem, um momento,
Ouvido a pazes
Quererem dar.
Depois tocando
Na docil lyra,
E descantando
Suas victorias,
Nos descreveram
Quanto beberam.
A viajar,
O Tejo e Nilo

Talvez bebessem
Se em vinho os rios
Se convertessem :
Pois ha quem diga
Que transportados
Em alegria,
E coroados
De verdes parras,
A Baccho um dia
Quasi estiveram
Para votar
Que o mesmo mar
Enxugariam;
Se as suas aguas
Baccho podesse
Vinho tornar.

Isto me resolveu a imita-los, não em beber, mas em referir a minha viajem. Bom será comtudo dizer, para não denegrir a reputação d'estes senhores, mais do que merecem, que elles não eram bebados, mas amadores de bom vinho. Se não intende bem a differença que ha entre éstas duas cousas, consulte a sociedade dos bebe-

dores, que diffundida per todo o Portugal, tem o Gran' Mestre em Coimbra.

Em espirito de vinho
Conserva os estatutos,
Que o liquor, ó cousa rara!
Respeita e mantem enxutos.
Ensopando a branca penna
No Carcavellos brilhante,
E no Porto fumegante
O Gran'Mestre os escreveu.
Montesquieu e Plutarcho
Longos annos revolveu,
Antes qu'ésta obra findasse,
A maior que o mundo deu!
Das Bacchantes toda a historia
Em tres regras decifrando,
Em outras tres, mil diversas
Novas cousas desenhando.
Encerra em pequeno espaço,
Quanto, na paz, e na guerra,
O magistrado, e o soldado
Necessita sôbre a terra.

Muito tinha a dizer sôbre ésta obra admiravel, se não fôsse a vozeria da

equipage, que me obriga a largar mão da penna para attender a um individuo, que nos põe a todos de mau humor, e a mim em susto.

Um Tritão todo cuberto
De marisco e verde limo,
Traz somente descuberto
O nariz agudo e frio.
Pelas ventas vem soprando
Vento *Leste* enregelado,
E dobra, de instante a instante,
Seu furor endiabrado.
Treme o mar encapellado,
O baixel torcido geme,
Mal segura o indocil leme
O mancebo debruçado.

Que hade ser de mim, meu Pires? em que lingua hei de fallar a este Tritão para abrandar a sua cholera? portuguez, italiano, latim, francez, inglez, é de que eu sei alguma cousa: mas quem póde adevinhar a lingua dos Tritões? Experimentemos; vou fal-

lar-lhe em todas ellas, talvez que intenda alguma:

> Basta ja, senhor Tritão,
> *(Não intende.)*
> Per pietà, Tritone amato,
> *(Menos.)*
> Triton, I can no more,
> *(Tempo perdido.)*
> Prudence, seigneur Triton,
> *(Peior.)*
> Ó Triton, esto pacato
> Corde, animo, naso e ore.

Com effeito a ésta última lingua fez um leve aceno; e é indubitavel, que até os Tritões veneram a antiguidade; mas ou seja perrice, ou tenção anticipada, cada vez se accende mais em íra:

> Eis que as bochechas engrossa;
> Ai de mim, onde esconder-me!
> Parece querer no abysmo,
> De um so sôpro, soverter-me.

Boa vontade tinha de lhe pintar aqui

uma tempestade; não faltará occasião: entretanto imagine serras, montanhas, ondas, máres, ceos, abysmos, Bóreas, Austro, Leste, Oeste, e toda a caterva dos ventos; ajuncte-lhe quatro adjectivos e tres verbos para os unir, e terá uma tempestade completa. O peior é que não se applaca a que me persegue: vou de novo supplicar o Tritão na lingua que parece intender... Bravo! começa a adoçar-se, aplacou-se de todo; vai-se embora,

Depois de roncar seis vezes
Com medonho horrendo ronco,
E de sorver outras tantas,
Por ser um Tritão mui porco,
O limoso verde monco;
    Escorregando
    Contradançando
    Ligeiramente
    No fundo mar
    Em lisa grutta
    Foi-se obrigar.

Bravo! bravissimo!

Baixa do Olympo
Terna Alegria,
Meigo surriso:
De companhia
Ás lindas Graças
De braços dados
Picantes Dictos
Venham ligados.

Entretanto começa a appareeer o Estreito: delicioso espectaculo! incantadores momentos! o vento tempestuoso tornou-se em um zephyro agitado: o mar embravecido apenas se move assás para impellir o navio. Quanto é bello contemplar o Auctor da natureza! (se este nome adoravel póde repetir-se entre as frivolas pinturas da minha penna) dando leis ao Oceano para estreitar-se derepente e correr ameaçando em vão as costas de Barbaria e Hespanha, ao longo das quaes lhe manda que se estenda lambendo-as, e deixando aos homens ha-

bitações, que cultivem e fecundem com facil trabalho.

Meu senhor e meu Deus,
Como ao longe se estende sôbre a terra
De vosso nome a glória!
Disseste, e logo rebentou, no seio
Do informe *nada*, creadora fôrça.
Onde stavas, ó homem!
Quando a luz entre as trevas resurgia,
E qual suberbo spôso,
No leito nupcial erguendo a frente
Banhada em mil prazeres,
Assim raiava de esplendor cercado,
O sol, para emprender sua carreira?
Com gigantesco passo
Desde um Pólo a outro Pólo se abalança
Da terra que alumía
As geladas entranhas animando
Com celeste calor, prenhe de vida.
Em que mata embrenhado
Orgulhoso gemias, quando tudo
Ao aceno cedia
Do Soberano-Ser, que tudo impera?
De lucidas estrêllas se adornava
O firmamento altivo,
De verdes plantas se vestia a terra,
E sôbre os eixos seus se equilibravam

Os mundos que lançara,
Com mão omnipotente sôbre os ares.
Meu senhor e meu Deus,
Ah! cante a minha voz, antes que eu morra,
Um hymno de louvor ao vosso nome,
Ao vosso nome sancto!

Não cuide porêm, querido amigo, que ficamos no Estreito, e que o navio, n'elle grudado, finda derepente a sua derrota: vou ja dar ordens para caminhar ávante.

Holá piloto!
Ja, ja soltar
As vélas todas,
No mesmo instante
De Gibraltar
A dura rocha
Quero evitar.

Obediente piloto! eis Gibraltar, sítio de marcial fortaleza, e de poetico furor:

Salve suberbo rochedo,
Tropheu do valor Britano,

Onde as fôrças se quebraram
De todo o podêr Hispano.
Elliot, eu te saúdo;
O teu nome não esquece,
Não cuides que o homem dece
Todo inteiro á sepultura *.

Defronte assoma sobranceiro ao mar o celebre castello de Ceuta, que me faz correr pelas veias enthusiasmo patriotico; lembra-me João I°, e a sua familia heroica.

Aqui, ó musa! prepara
Novas cordas, novo canto;
Escutae cheios de espanto,
Mortaes, meus sublimes versos.

Stava quasi emprendendo uma ode; mas quando me lembra que éstas empresas militares dos Lusitanos tinham por origem ou pretexto, persuadir os Mouros, com a espada na mão, pa-

* *Non omnis moriar.*

Horacio.

ra abraçar uma religião adoravel que ensinava a morrer polos Mouros, para os converter, não a mata-los; esfria-se-me todo o enthusiasmo. Passemos pois adiante, se o consentir

Calma ociosa
Que, espriguiçando-se,
Vai estirando-se
Per entre as vélas.

Triste figura tem o tal sujeito do sexo feminino chamado *Calma*.

Quasi sempre bocejando,
Se abre um ôlho, fecha e outro,
Pela boca respirando
Pestilente ingrato alento.
Tem por noivo o inerte somno,
Que a dormitar a acompanha,
Com tregeitos se arreganha,
Quando fino quer fallar-lhe.
Vive roncando
De noite e dia,
Adormentando
Tudo á porfia.
Dos pés lhe sobem,

Quaes trepadeiras,
Mil domideiras
Emtórno ao corpo.
  Sorve em uma hora,
Com grande asseio,
Quintal e meio
De opio Indiano.
  Froxo se estende
A dormitar,
Vinte e tres horas,
Sem acordar.

Que spôso tam commodo! Quantas mulheres da nossa terra desejariam um marido que dormisse vinte e tres horas per dia; Deus me livre d'ellas; temo-as mais que peste, fome e guerra:

  Qual soldado em dura guerra,
De feridas retalhado,
Como morto abandonado
Sôbre o chão de imiga terra.
  Se depois no pobre albergue,
Chega em paz a agasalhar-se,
Sente o sangue congelar-se,
Ouvindo o som dos tambores:
  Assim eu que em mil batalhas

De amor cego fui ferido;
Ai de mim! e das feridas
Vivo mal convalecido.
Tremo e perco a côr do rosto,
Ao lembrar-me do inimigo,
Que me fez per tantas vezes
Desprezar mortal perigo.
Disse pouco, inda a belleza
Mais feroz é do que Marte,
Apezar do ferro e fogo
Que o seguem per toda parte. *
Se o soldado graça implora,
E se rende prisoneiro,
Marte abranda o ardor primeiro,
Perde a raiva que o devora.
Não assim n'esse combate
Que o homem chamou Amor,
Seduzido da doçura
De um veneno enganador.
Se curva os froxos joelhos
O captivo miseravel,
Cada vez mais se lhe torna

* E não *per toda a parte*. Os classicos quasi sempre omittiam o artigo *a*, tanto em razão da euphonia, como por evitarem o hiato *a a*.

Cantando espalharei per *toda parte*,
Se a tanto me adjudar o ingenho e arte.
CAMÕES, *Lusiadas*, *cant. I*, *est.* 2.

Seu destino insoportavel.
So se alegra a vencedora,
Rasgando a torpe ferida,
N'ella mais, e mais cravando
Da flecha a ponta embebida;
E triumpha quando em gritos,
Ve fugir espavorida
A melindrosa innocencia
Que val mais que e mesma vida.

Mas ai de mim! quem me acode? Ah! que aparece de novó o diabolico Tritão; maldicto! em tam pouco tempo vir desde o cabo de San' Vicente até o golpho de Malaga; e para maior desventura não vem so, com elle vem um exército de Tritões!

Uns a cavallo,
Outros nadando
Véem manejando
Armas que callo;

E callo com razão por serem de um uso raro e difficil, e algum tanto sordidas. Não me obrigue a dizer-lhe que são odres.

Onde cerrados,
Os ventos rugem,
E tudo estrugem
Assim liados;

Que será abrindo-se, e concedendo-se saída franca? Ah! que se abriram tres derepente; para que logar heide fugir? vejo o navio, o ceo, e as ondas:

Ja de assustado
Todo estremeço
E desfalleço
Quasi sem tino.
Tritão mofino,
Vai-te em má hora;
Ah! não te encare
A meiga Aurora
Com brando rosto,
Quando mimosa
Occupa o posto
Do louro Phebo.
Fervente cebo
Te abrase a gruta
Onde recolhes
A mal enxuta
Face musgosa.
Nunca te encontre
Doris formosa,

E perra um dia
De furor cega,
Na costa fria
Da Noroega,
Sem te escutar,
Te mande altiva
Que vas morar
Onde não vejas
Nadante nympha,
Que as tuas lagrymas
Possa enxugar.

Ja nenhum odre vejo por abrir; ai de mim! pobre de mim! coitado de mim! Eu bem queria ir per algum outro mar que não fôsse este mar Mediterraneo, infestado per tantos naufragios; pelo qual ha mais de mil annos, nenhum homem de juizo devia navegar; pois não ha n'elle um so porto a que os habitantes da Europa não possam ir per terra, se exceptuarmos algumas ilhas, que podiam muito bem ficar desertas. Triste mania é ésta de andar pelo mar!

Dos ventos toda a fôrça unida bate
Na solitaria véla que guarnece
O misero baixel; duro combate,
Em tanto, o mar bramando lhe offerece.
De instante a instante as ondas agitadas,
Umas sôbre outras com furor rebentam,
E quaes medonhas bombas, remessadas
Per inimiga mão, tudo amedrentam,
Assim quebrando no navio estalam,
E os nautas todos com temor se calam.

Chama-se a isto o principio de uma tempestade: se tiver outra para contar-lhe, receberá o meio; e na terceira o fim: inveje quem quizer o destino dos que vingam o cabo de Boa-esperança, para ir trocar patacas por pagodes, e amontoar fortuna e bens; eu por mim, de boa vontade lhes deixo toda

A preciosa canella
Da mal-segura Colombo;
De Bengala a rica e bella
Musselina tam gabada.
É melhor viver sem nada,

Que abrir-se perfido rombo
Na vistosa caravella
Que surca as ondas ousada,
E que do mar a braveza,
Faz com furia deshumana,
Ir dar com dono e riqueza
La no reino de Pantana.

Ésta desgraça é o que eu tremo que nos aconteça, com a tempestade horribil, que sobrevem no golpho de Valença. É tanto mais lastimosa, quanto fórma um durissimo contraste com a ideia, que eu faço do clima doce e ameno d'ésta região, do character e ventura de seus habitadores, e dos ferteis campos, que elles cultivam. Apezar d'isto,

Quaes montanhas escarpadas
Erguem-se os máres raivosos,
Sopram ventos ás rajadas,
Sempre e sempre mais irosos.
Sôbre as nuvens quasi sóbe
O navio mal seguro;
Desce logo derepene

Té do abysmo ao centro escuro.
Balanceia a um lado e outro,
Per mil partes estalando;
Rouca a voz, ja mal se intende
O piloto commandando.
Suor frio banha o rosto
Não somente ao passageiro;
Corre até pelo semblante
Do robusto marinheiro.
Cambaleia o corpo todo;
Falta o pe escorregando;
Ja parece que nas veias
Vai-se o sangue congelando.

Agora é muito serio; a tormenta ameaça sossobra-nos, e ja se tracta de fazer actos de contrição. Direi eu hoje um adeus eterno aos meus amigos? Será de veras

Que, sem piedade,
Intente a morte
Tragar-me agora?
Nenhuma idade
Contra ella é forte;
Fere e devora,
Em um momento

Ó macilento
Velho teimoso,
E o corpolento
Mancebo airoso
Que em verdes anos
Se confiava,
E so de enganos
Se apascentava.

Paciencia! morrerei, e ficarei sumido no abysmo, sem haver mão que possa ir lavrar um epitaphio sôbre a minha sepultura. Mas debalde eu vejo o susto pintado sôbre o rosto de um antigo piloto d'estes máres; debalde as trevas da noite acrescentam um horror de morte ao espectaculo temoroso que os ventos, e as ondas apresentam; debalde tudo me faz estremecer; ainda a esperança me não fugiu de todo, ainda me stá dizendo,

Muito em segredo:
« Não tenha medo, »
Inda verei

Os meus amigos,
Estes perigos
Lhes contarei,
E a catadura
Horrenda e dura
Da morte fera
Lhes pintarei.

Se eu aomenos soubesse nadar, per ventura me furtaria á morte que me stá imminente. Como é louco e barbaro o systhema de educação que os Europeus teem adoptado! Tomaram dos Gregos, e dos Romanos o que estes tinham de peior; aprenderam a fazer-se pedantes, e esqueceram-se de fazer-se homens. A adolescencia, idade preciosa, gasta-se em grangear vicios, e decorar cousas muitas vezes inuteis. Depois de muita fadiga, um rapaz europeu finda a sua educação nos collegios, e nas universidades, quando tem acquirido um corpo effeminado ou doente, e um spirito

vaidoso, frivolo, recheiado mais de nomes que de cousas, e tam extraviado do caminho das sciencias, que ordinariamente nunca mais atina com elle. Como stou serio! como stão sisudas todas as minhas ideias! e que excellente cousa sería o star para morrer, si se quizesse compor um bom tractado de politica ou de moral! Até ja não sei fallar em verso; e se a tempestade não amaina, ficarei fazendo eternamente prosa. Que me diz ao tempo, meu amigo? la estalou e fez-se pedaços * a vêrga do mastro grande.

Ah! se Homero navegasse,
E de Ulysses a jornada,

* *Fazer-se pedaços* em vez de *fazer-se em pedaços*, é locução usada pelos nossos scriptores de bom seculo. Exemplos:

Quanto mostra de amor pequeno effeito
Uma alma a quem a dor não *faz pedaços*.
BERNARDES, *Rimas*, pag. 36.
Os corpos deixam *feitos mil pedaços*.
J. CORTEREAL, *Cêrco de Diu*, cant. V.

Pelos máres contrastada,
Curioso acompanhasse;
Se o navio ameaçasse
Nos rochedos sossobrar,
E toda a pobre equipage
Entre as ondas sepultar:
Póde ser que não contasse
Do astuto Grego a víage,
Ou que aomenos, ao canta-la,
Muitas vezes gaguejasse.
As musas pintam a morte,
Mas tremem so de avista-la;
    E la no Pindo,
    Castello forte
    Teem levantado,
    Onde subindo
    Nada receiam
    Do vento irado.

Ja se ouve menos motim, e dizem que o vento quer serenar; boa notícia que apparece com o romper do dia. Serenou com effeito, e nunca mais a proposito se applicaram aquelles magestosos versos de Camões:

« Depois de procellosa tempestade,

Nocturna sombra, e sibilante vento,
Traz a manhan serena claridade
Esperança de porto e salvamento.» *

Que prazer! que alegria brilha em todos os rostos! não conhece o prazer aquelle que nunca steve a pique de naufragar, ou que per algum outro modo não viu a morte acenar-lhe de perto. Como tudo, variou em um momento!

Viva aquelle que accrescenta
Novos riscos de morrer;
Porque tambem multiplica
Novas causas de prazer.
Ja não quero maldizer
O mortal aventureiro

* A pobreza da lingua de nossa poesia anterior a Camões não tinha côres para traçar uma pintura com vivacidade de colorido tal como ésta, que se nos mostra desenhada com tanta bizarria, facilidade e harmonia, que em vão se procurára outra similhante em toda a immensidade da poesia Toscana, etc.

F. D. Gomes.

Que sôbre as ondas primeiro
Arriscou tudo perder.

Para que é maldize-lo, pois lhe devo estes instantes de alegria? Quero antes largar a penna, e ir considerar os ultimos enfadamentos do mar, quando começa a desagastar-se. Ainda faz bulha; mas a sua íra ja não mette mêdo: parece mais bazofia do que íra, e faz-me lembrar uma bella passagem de Virgilio:

Qual a languida setta,
Da mão velha e cançada
De Priamo em furor arremessada,
Nem levemente enceta
As armas do inimigo embravecido;
Antes, mal fere o ar, cai ja sem fôrça:
Tal inda o mar se esforça,
E lança algum bramido;
Mas sem vigor, e lento
As ondas ergue e abate
Em o mesmo momento,
E no navio bate,
Ja quasi sem alento.

Desafio agora todos os Tritões, todos os ventos do mundo, não os temo, porque depois de escapar d'ésta tormenta, não ha modo de conseguir que eu pereça naufragando.

Invulnerabil
Sôbre elemento
Tam implacabil,
Que privilegio!
Não concedido
Nem ao Collegio
Dos Eleitores
Que em Ratisbona
Imperadores
Vam coroar.

Se D. Quixote pilhasse este privilegio, vê-lo-hia-mos talvez arremessar sôbre as ondas o seu Rocinante, e com a lança em reste ir atacar tubarões e baleias, e pôr em convulsão todo o reino de Amphitrite. Em Hespanha nasceu a imaginação feliz que desenhou este homem extraordinario, e com elle a engraçada familia dos Panças.

Não conheço quem legasse
Tal porção de attico sal,
E aos vindoiros preparasse
Um prazer que tanto val.

Se, no afinamento alegre em que stou, podesse haver á mão o Cervantes, e lê-lo;

Sôltas risadas,
Com todo o peito
As gargalhadas
Eu largaria,
E a gente toda
Convidaria
A pôr-se emroda
Para escutar.
So de o pensar,
Ja estou rindo
Sem descançar.
Mas onde stamos?
Qual é a costa
Que navegamos?
Espere um pouco;
Vou perguntar:

Stamos defronte da Catalunha.

Provincia indomita
Triste presagio
Que algum adagio
Promette á Hespanha !

Declaro, para que este quarteto seja intendido, que *adagio* aqui significa o contrário de *allegro*; e se assim mesmo me não intenderem,

Bem pouco importa :
Fico saltando,
Sempre brincando
Co'as louras filhas
Do claro Apollo,
Que desde o berço
No meigo collo
Ja me afagavam,
E me ensinavam
Altos segredos
Com que, algum dia,
Troncos, rochedos
Abalaria.
Como risonhas
Me véem buscar !
Deixam o Pindo
Por me afagar.
Eis Terpsicore !

Um beliscão
Pretendo dar-lhe
Na linda mão.
Foi muito forte;
Ficou queixosa,
E de mimosa
Se fez mais bella.
Euterpe a lyra
Traz sobraçada,
Pede que seja
Per mim tocada:
Ah! vai-te Euterpe,
Não posso agora:
Sem alto stylo
E voz sonora,
O grande Pindaro
Quem imitasse,
Melhor sería
Que se lançasse
No fundo mar;
Onde um concêrto
Co'os surdos peixes
Fosse entoar.
Vem ca Thalia;
De fina graça
Vem salpicar
Os lindos versos
Que vou cantar.
Mas caprichoso,

Ja não te quero :
Rosto severo
Pareces ter;
Queres discursos
Longos fazer?
De fel amargo
Meu peito encher?
Foge depressa,
Desaparece,
Engana a quem
Mal te conhece.
E tu Calliope
Impertinente
Mandas que intente
Uma epopeia?
Galante ideia!
Que me faria
Perder de todo
Minha alegria.
Como é possibil
Ó Melpomene!
Que o mar serene
E o vento abrande
E nem assim
Teu rosto acene
Algum prazer?
Sempre a verter
Pranto de dor,
E de furor

Scenas traçando,
Punhaes e mortes,
Vives, sonhando.
Hoje á porfia
Todas damnadas,
Para enfadar-me,
Vindes ligadas.
Deixae-me embora,
E do Parnasso
No monte escasso
Ide habitar.
Sois nove doudas,
Ó nove Irmans!
Envergonhae-vos;
Ja tendes cans.

Foram-se embora, deixaram-me todas, e muito a proposito; porque entramos no golpho de Lyão que banha as costas de França; em materias de França, *chiton*. Éstas musas são falladoras, e se ficassem, podiam inspirar-me alguns versos *Catonicos*: o que sería cousa mui arriscada. É melhor pacificamente

Entrar em Genova,

Onde engolphado,
Vivo no Estado
Das *Senhorias.*
D'aqui vagaram
Per toda Europa;
E vento em popa
Tudo inundaram.
De hispanos *Dons*
Gyram cercadas,
Que lhes preparam
Ricas pousadas.
Palacios, casas,
Hospicios tem,
Onde endoudecem
Gentes de bem.
Té do Mondego
Na van cidade,
Possuem grossa
Famosa herdade.
Feliz o dia
Em que a nobreza
Do *tu* romano
Hade outra ves,
Da *Senhoria*
Do *Dom* hispano,
A van grandeza
Ver a seus pes!

Quem achar que reprender n'estes

ultimos versos, não tem razão; porque eu fallo n'este ponto, não como politico, mas como orador e poeta, que se zanga muitas vezes de sacrificar energicos pensamentos á prolixa etiqueta dos tractamentos. Em todo o o caso ainda quando por encurtar a lingua e obsequiar os oradores, se tirassem os *dons* ás meninas de Lisboa; as *senhorias* aos cavalheiros de Provincia, e aos juizes-de-fóra; as *excellencias* ás morgadas do Minho e Tralosmontes, e ás mulheres dos negociantes do Porto; não vejo que d'isto se seguisse grande mal, nem que as leis do reino fossem por isso menos bem observadas. Agora é bem justo que eu leia o que tenho scripto. Li e confesso que não sei como é possibil achar uma cabeça assás disparatada para combinar, entre cousas sérias, tantas cousas frivolas. Descubro porêm

uma ideia que é de molde para a nossa terra, e que póde sugerir a alguns dos sabios que n'ella habitam un *in-folio* similhante a outros que compoem a nossa litteratura. Fallo do meu dialogo com o *Tritão*, que lembra tam naturalmente uma obra que tivesse por titulo: — *De Antiquitate à Tritonibus venerata* — obra immortal so pelo titulo: e que aperfeiçoaria o edificio de nossa *immensa*, e quasi sempre *inutil litteratura lusitana*. Se algum padre *Caetano* lhe ajunctasse a genealogia dos Tritões, ficara uma obra completa e digna ao depois de ser commentada per todos os que fazem prologos em linguage de *seiscentos*, ou mesmo de *quinhentos*; e nunca na que convem para o nosso *seculo*. Stava quasi traçando alguns capitulos para ésta obra, mas começo a cançar, e é melhor guarda-los para outra carta na qual

sei, meu querido amigo, que hade ler, sempre com gôsto particular, o protesto ardente e sincero com que sou.

O seu Caldas.

CARTA I.

Hoc maxime officii est, ut quisque magis opis indigeat, ita ei potissimum opitulari.

CICERO.

Et tant que quelqu'un manque du nécessaire, quel honnête homme a du superflu?

ROUSSEAU.

De que vem, Mathevon, * que poucos hoje
Teem liso o coração? teem a alma limpa
De ambição, de malevolas invejas? **
Nascemos para amar e ser amados;
Servindo, *** ser-mos uteis uns aos outros:
E o nosso amor so jaz, e o bom serviço
Nas doces fallas, no chapeo cortez.

* O Senhor Antonio Mathevon de Curnieu.
** Invejas ha de tantas côres e feitios!
*** *En ce monde il se faut l'un l'autre secourir;*
Il se faut entr'aider, c'est la loi de nature.
LA FONTAINE.

Que o rancor lavra dentro, lavra a astucia
Para rasgar a fama, e a innocencia,
Para roubar os bens do cortejado.
Quam poucos vi, no meu desastre duro,
Lastimar-me sinceros, dar-me alívio,
Com mavioso seio, amiga sombra!
Os mais se deslembraram... talvez folgam
Que os satellites torvos da calúmnia
Me despojem.... dos olhos seus arredem
Um padrasto, que lhes travéssa a vista; *
Um exemplo d'aquella antiga e rara
Lealdade e franqueza bemfeitora,
Que na alma, que no rosto bem parece;
Um reflexo sem mácula e singelo
Do são merecimento, e sau virtude,
Sem desdem, sem vanglória, — que reprende
C'o puro obrar, as fe perjuras ** fallas
Do vício, do amor proprio occulto e torpe,
Que tanto com me ver se desprazia. ***

* *Invident ei, qui virtutem capere potuit, et inique ferunt id habere aliquem quod ipsi non habent.*
LACTANÇIO.

** Damião de Goes, Chronica d'el-rei D. Manuel.

*** *Invidiæ prætereà multitudinis, atque ob eas, benemeritorum sæpe civium expulsiones, calamitates, fugæ.*

Urit enim fulgore suo, qui prægravat artes
Infra se positas; extinctus amabitur ipse.
HORACIO.

Disseras, que os cortejos, e os protestos
(Douradura bem falsa de alma iniqua !)
Eram perfida aragem, que ajunctava
Nuvens e dava fôrças á tormenta,
Que desparou depois com raios, pedra
No misero baixel, que navegava
Descuidado, inexperto, em mar de leite,
Entre infidas voragens e cachopos.
Ei-los contentes! Derrubou-se a rocha
Que aos olhos lhe empecia: desterrou-se
A lisura, que os peitos lhes cançava. *
Como podes tu ver, tractar taes monstros
Abrochados, de vêsgo engano cheios,
Tilheiros de traições, vasos de infamia!
Porque com nevoa espessa e feia sombra
Deus encubriu dos homens mal-guardados
O escuro livro dos fataes destinos?
Se uma hora so, na vida, aos mortaes fosse
Concedido o podêr de abri-lo, e le-lo;
Eu so quizera, com lembrados olhos,
Nas páginas vedadas ler os nomes
Dos amigos fieis, e os dos fingidos. —
Quando, as vélas soltando, a foz do Tejo
Ja atrás de si deixava o pio lenho,

* *Expedit enim vobis neminem videri bonum; quasi aliena virtus, exprobratio delictorum vestrorum sit.*

Seneca.

Que os Fados meus, comigo carregava;
Subindo á tolda, e o tres-noitado corpo *
Encostando ao debrum das amuradas,
Para a fugiente Elysia os longos olhos,
Estendendo ás moradas dos amigos,
Comigo debuxava a saúdade,
Que lhes anceiava os peitos pesarosos;
E pela minha dor, medía a sua.
Ja dizia entre mim: Agora junctos,
O meu funesto caso deplorando,
E os sobresaltos, e os bebidos sustos,
Se consolam, no meigo pensamento,
Que ás mãos da Tyrannia, e Inveja cruas,
Salvou-se illesa a victima votada.
Da Virtude a Amisade é companheira;
De si, como a virtude é esteio, é prémio:
Opposta ao vício, como a luz ás trevas,
Não entra em corações, que o vício enfusca.
E é chrysol da amisade o desfortunio,
Que as fezes do interêsse apura e queima.
No lance estreito o amigo sobresai,
Disfere o vigor da alma, expõe o peito
Ao pelouro que silva, á setta hervada,
Por cubrir o, que jaz per terra pôsto,
Caro amigo, que os tiros derribaram.

* Nos onse dias que stive homiziado, nunca o socego de spirito foi tam sobejo, que désse largas ao somno.

Então no rijo encontro, nas refregas,
No assomo de accodir com fôrça e brios
Ao prostrado valor, aos golpes dados
Pela mão da ferrenha Desventura; —
Então o fórte amigo, ao rijo assôpro
Que lhe espalha as quietas mudas cinzas,
Lança a chamma de luz, que lhe dormia
Nas brazas da feliz seguridade. *
C'o raio da esperança bonançosa
Corre, allumia, aquece, anima, esperta,
Do desvalido amigo descorçoado
O lastimado peito escuro e frio.]
Taes no embate das ondas verde-negras
Alastradas de escuma sonorosa,
De entre os horrendos roncos da tormenta,
Que estala, que assovia, que ensurdece,
Se erguem, no irado mar, amigos lumes, **
Que vão pousar nas assustadas vêrgas;
Annúncio alegre aos marinheiros lassos,
Que fraqueia a borrasca, e cede em pouco

* Vid. Addison's Cato. Act. II. scen. 4.
The Gods, in bounty workup storms about us that give etc., etc.

** O Spirito-sancto lhe chamam os marinheiros; outros lhe chamam San'telmo.

Concidunt venti, fugiuntque nubes,
Et minax. . . . . . . ponto
Unda recumbit.
Horacio.

O equoreo campo * á placida bonança.
Oh dom do ceo! delicias dos humanos,
Amisade Divina, as tuas chammas
Ateia em corações virtuosos, limpos,
(Raros, por nosso mal, no esquivo mundo!)
Homens humanos, dignos de os prenderes
Com regalado cinto de venturas:
As opulentas mãos sôbre elles vérte
De almos jucundos fortunosos dias. **
Quando da Elysia os tectos alterosos,
Co' a fuga do baixel, vão abatendo,
E da alva Cynthia o pedregoso pico
Apenas mostra, em mal-distincta sombra,
A verde fralda de aspera espessura,
Té que inteiro se esconde em roixas nuvens,
Que o sol pintava, entrando saúdoso
No humido seio do inquieto Océano:
Outra nuvem de lobrega tristeza
Os olhos me abafou desconsolados,
E sôbre o peito me pesou escura.
Então, a mim tornado, revolvia
Todas as folhas da loquaz Memoria,
E com prazer interno repassava
As fallas, as caricias da Amisade;
Prazer puro, na sequidão da ausencia,
Irmão da Saúdade, e seu alívio;

* *Æquora campi.*
** *Amen! Amen!*

Prazer puro, que so deleita almas egregias,
Que em seus braços prendeu mutua virtude.
Ateiado no fogo que ella sopra
Nos peitos bem-formados, dignos d'ella,
Tómo na alegre mão a prompta pluma,
E, na folha estendida, fiel lanço
Rapidos nomes, que efficaz lembrança
Em rondão de seus cofres me entornava.
Aqui meu gôsto, sem-igual, pendia
Da leitura das cartas, das respostas
Tecidas de reciprocas saudades,
Com que enchesse da ausencia as horas longas.*
Que quadro tam formoso me eu pintava
De constancia fiel, vivaz lembrança!
Que obras me promettia generosas,
Abonadoras dos sentidos peitos
Dos Lusitanos Pilades e Orestes;
Iguaes das abundosas esperanças,
De que trazia o seio inchado e rico!
N'ésta doce lisonja embellezado;
Quando entrei em París, novo horisonte
De brilhantes douradas ventoínhas

* Quando eu screvia estes versos, tinha ainda debaixo do borrador a lista, que então tracei mui cuidadoso, na firme sperança, que teria mais de duzentas pessoas, que me screvessem..... Vinte e seis annos ha, que screvi a lista, e outros tantos ha, que me é inutil, sôbre penosa.

Se me abriu ante os olhos; e corados
Os grossos véos do sobranceiro susto,
Mais puro o ar, o ceo mais radioso,
Se retratou á cubiçosa vista.
Que é mui forçoso o incanto da esperança,
Quando vem refinado nas promessas,
E adubado de prosa lisonjeira....
Por moeda de lei o toma e guarda,
A Amisade, encostada em sancta crença
D'um innocente coração singelo,
Limpo de ambiciosa torpe nodoa;
Que per genio obra bem, e bem spera.
Ah! quanto em meu conceito errei o prumo!*
Quanto aqui descontei do largo sonho,
Que acordado tracei na mente ingenua!
Que mal dos homens conhecia o peito
Avarento, esquecido, refolhado,
Quando, por este meu, os seus media!
Então sondei ao justo a differença,
Que corre entre a esperança lisongeira:
E o tardo obrar, esquivo e descontente.
Sim, Mathevon, a tarda Experiencia,
Quando, c'o dedo mostrador, me aponta
As gravadas figuras do passado,
Me inteira bem da sua vera effigie.

* *Pro superi! quantum mortalia pectora cæcæ*
Noctis habent!

Ovidio.

Vejo o nosso esperar, como um menino
Mui formoso, mui louro e boqui-rubio,
Borbotando assomados appetites;
Nada tem por defeso, nem custoso;
Quanto c'os olhos cérca, audaz cubiça,
E a abrango-lo c'os braços prompto accode.
Da-lhe uma cana: ufano cavalleiro.
Vai campeiando airoso, e se contenta
Dos regos, que lavrou pela poeira.
Pendurado do altivo papagaio,
(Senhor dos ares, precursor dos Globos! *
De vê-lo remontar tem regosijo,
Então lhe sólta mais folgadas redeas,
Por que se entranhe pelas cegas nuvens,
E em perde-lo de vista se recreia.
Não assim nosso obrar. Pintam-no um velho
De alva melena raro-semeiada,
Que ronceiro e pesado tira a rôjo
Ora uma perna resequida, ora outra;
Curvo o corpo, e em muletas derreiado
Traz perdida a vontade, os olhos turvos,

* É certo que ninguem preconisou aos homens, que algum dia peregrinariam pelos ares. Todavia ja os papagaios lhes tinham apontado o caminho: assim elles attentassem bem no modo, com que o ar sustentava materias mais pesadas que elle. Mas o acaso ensinou sempre aos homens, o que as Universidades ignoravam.

Froxas as mãos, gelados os sentidos;
Sóbe um monte empinado, pedregoso,
De intricado silvedo abastecido,
Para ir colhêr das pontas dos pinheiros
Duro mesquinho aperreado fructo.
E como bem senti quanto discordam
Esperanças e obras! Quanto amargo
Me verteu pelo seio ésta experiencia;
Quando, assaltado de improvisos golpes
Do pungente pezar desmerecido,
Envidou contra mim a sorte crua,
De suas íras a atraiçoada fôrça!
Bem poucos dos amigos se lembraram,
Que desterrado em França era Philinto;
A quem, quando presente e venturoso
Protestaram sinceros pensamentos.
Poucos que (em rara scripta) breve prazo
D'elle buscaram desleixadas novas:
Os mais.... (Nem que o miserrimo Philinto
Das cruas Parcas fôra ja despojo)
A Amisade enterraram com a Ausencia
Na mesma deslembrada sepultura.
Víram com seccos olhos, — e com surdas
Orelhas despiedosos escutaram,
Que um innocente amigo, alvo das settas
Da Inveja pertinaz, e do Ódio injusto,
N'um tam prolixo hinverno * rigoroso,

* Não ha memoria que se sentisse em Paris tam

Vasia a bolsa, a guardaroupa nua,
Passou, sem lume, as noites desabridas,
E os dias com mesquinhos alimentos,
De acerbissimas lagrymas molhados.
Homens ingratos, infieis amigos
Souberam com desdem — mais que descuido,
Que sôbre as minhas cans desemparadas
Rodou tres lustros o tardio Tempo
O carro de pesados infortunios;
Que fome e frio, e roedor cuidado,
Desdouro e desvalidas esquivanças
Foram manjar usado em meu destêrro. *
Viram—e ouviram—Mathevon honrado,
Este fio tam longo de desditas, **
Sem dar um passo, sem criar no peito
Um so desejo de amansar o rijo

rigoroso frio. Publicas são as desgraças e mortes que elle causou; e signalou o Thermometro 18 graus abaixo do gêlo.

* *Is locus officio, cum cessant prospera cumque*
Dura ad opem fortuna vocat. Nam læta fovere
Haudquaquam magnanimi est decus.
Silio Italico.

** *En ego non paucis quondam munitus amicis*
Dum flavit velis aura secunda meis,
Ut fera nimbosis tremuerunt æquora ventis
In mediis lacera nave relinquor aquis.
Ovidio.

Tesão da minha estrella deshumana. *
Nem que eu, de homens, e numes execrado
Sanguento malfeitor, facinoroso
Roubara aos cidadões os bens, e a vida,
E os ossos de meus paes aos cães lançara!
Dae credito aos cortejos, ás promessas,
A lisonjeiras cavillosas fallas
De amigos, sôbre ingratos, esquecidos!
A vossa ingratidão, feio desprêzo
Apenas que eu a sinto, ou que eu o alcanço
Gravados na lembrança vingativa,
Quizera ser remorso, e a cada instante
Morder-vos da alma as barbaras medullas;
Que, nem de abutres esfaimados, Tytio
Devorado no inferno, padecesse
Intima dôr iguál ao cru remorso.
Amigos infieis, e ousaes sem pêjo
Profanos proferir o sacro sancto
Nome da fidelissima Amisade?
Envergonhae-vos!—Se ella as alvas nuvens
Rasgando, aqui baixasse a criminar-vos....
Cuido, que ouço bater azas de Genios
Nas campinas dos ares, e de entre elles,
Descer á terra o numen da Amisade....
Cuido, que ouço romper-lhe a voz do peito,'

* *Oh quantum caliginis mentibus humanis objecit magna felicitas!*

SENECA.

E ultrajada de vós, de vós queixar-se,
Exprobrando esse duro esquecimento:
— « Ja da memória vos caiu Philinto,
Aquelle, a quem chamaveis *caro amigo*,
Sincero observador de meus preceitos,
Objecto de cortezes rendimentos,
De festejos annuaes, em quanto a aura
Lhe soprou da ventura; que hoje (oh infamia!)
Objecto é de descuido e desemparo;
C'os bens que ahi perdeu, perdeu amigos? *
Acaso esperaes vós, que venha a Morte **
(Que as tristezas lhe apressam, lhe aguilhoam)
Cortar-lhe com a fria fouce o laço
De maviosos dias malogrados; ***
Para acudir-lhe com tardio amparo;
Como ao vate Camões, ja n'outras eras,
Ingratos a deshoras accorreram?
Como tendes de o pôr sôbre as esterllas
Quando morto de angústia, e de miseria,

* Tendo respeito so a vivo interêsse.

** Inclinação perversa dentro escondem
Nos peitos attestados de malícia;
Amigos mostram ser nas apparencias.
J. Côrterbal.

*** *Heu nefas!*
Virtutem incolumem odimus,
Sublatam ex oculis quærimus invidi.
Horacio.

Do pêso do soccorro vos descargue?
Como haveis, entre os gabos da amisade,
Mostrar, na mão ufana, a ode impressa,
Com que decora o vosso ingrato nome! —
E vivo — (oh ingratidão!) não teve abrigo!
Erguei olhos aos meus altares puros,
Onde as amigas leis estão sculpidas;
Lede o desdouro vil, as sevas penas,
Que ameaçam a amigos negligentes;
Meditae figurados os exemplos,
Pelas paredes de meu Templo illustre,
Aqui por seu Orestes aventura
O seu amigo, a todo o custo, a vida:
Alli Theseu, por outro amigo, desce
Do Inferno ás profundezas temorosas....
Quanto efficazes sempre, quanto activos,
Vos devera encontrar o desditoso!
Sempre abertas as mãos, aberto o peito;
Ellas para aparar no broquel de ouro
As settas da Pobreza, e da Desgraça,
Que ao são merecimento o Ódio atira;
Este para acolhêr com meigo affago,
A dor, o pezadume do affligido....
Amigos insensiveis, animae-vos;
Á fervida amisade abri o seio,
Té-qui cerrado com ferrenhas portas,
De quem Philaucia torpe as chaves guarda;
Imitae os dous * unicos amigos,

* *Vix duo vel tres de tot superestis amici*

Que hoje de tantos, tam promettedores,
Fieis conserva; a quem com toda a íra
De sua atroz e negra catadura,
Não pode afugentar iniqua estrella.
Por elles põe Philinto, noite e dia,
Nas aras de meu Templo, agradecido,
Sagrados votos de perenne affecto;
Porque lhe sejam taes no curso escasso
Dos dias, que cançados mal-espera,
Quaes té-qui os sentiu, leaes e honrados,
Nas ímprobas refregas do infortunio. »
Não posso mais. *—O frio as mãos me gela,
E põe atalho ao despenhado rio,
Que da alma despeitoso se despenha!
Não t'o encareço: o frio é desmedido;
O vento corta a cara, e pica no osso;
Brancos os tectos, brancas as campinas,
São as ruas um gèlo, o rio é strada,
É praça, é corro de homens, de carroças. **

Cætera Fortunæ, non mea turba fuit.
OVIDIO.

* A Amisade ainda ia com a ladaínha per diante; mas eu fiz-me surdo, e metti as mãos debaixo dos braços. — *Apage!* Cresceria a *carta* alèm da medida de san' Christovão.

** Diante de mim, quando o atravessei, ia uma berlinda com um Bispo dentro, e atrás d'ella um carro de pipas de vinho: stava o gèlo tam duro per

Como novo Moyses, a pe enchuto,
D'uma á outra ribeira atravessando,
Deixo, com sêcco passo, o duro Sena,
Mais que o mar roixo nomeiado e visto.
E tu poderás crer, que me alvejava
Nas pestanas e embuço do capote,
O bafo, que recúa ao desferido
Açoute do Nordeste arripiado?
Ainda agora ao pe de dous tições,
Que se beijam na morna chaminé,
C'os engelhados dedos, que sacudo,
Que esfrego uns pelos outros, por que aqueçam,
A mão entorpecida traça a troncos
Éstas barbaras linhas, e c'o pallido,

baixo, como uma pederneira, e per cima c'o rodar das carruagens esmiúdava-se em poeira.

Amigos meus me affirmam que grangeei com a minha *carta* acêrca da pureza de nossa lingua, muitos inimigos. Não o posso crer. Eu achei ridiculo que quatro Tarellos, porque se enlabuzaram no Francez, mettam á queima-roupa, phrases d'um idioma, que elles intendem mal, n'uma lingua como a Portugueza, derivada da latina, onde phrases taes nem a murros entram. Virem-me dizer que doctos Jurisconsultos, eloquentes Prégadores, elegantes Cortezãos se amuaram comigo, é dar-me a ler o dictado de — *quem se queima alhos come* — É possivel que esses senhores ignorem, que para o officio, que teem, é principal encargo saber bem a propria lin-

C'o mal-tepido sôpro ; a tincta prêsa,
Na inerte pluma descoalho e sólto.

gua, se não querem que os que a aprenderam, d'elles zombem!

Sans la langue, en un mot, l'auteur le plus divin,
Est toujours, quoiqu'il fasse, un méchant écrivain.

Deverão por seu bem calar-se, engulir a pirola, studar os Classicos, e fallar depois como compate ao seu stado; — agradecer-me o aviso, em vez de se amuarem, e dar exemplo aos outros, para que nos intendamos todos.

CARTA II. *

O sabio * doctrinou-o a Natureza :
Os filhos d'Arte, garrulos prolixos,
Frustradas gralhas grasnam
Olympia a ave de Jove.
PINDARO.

Ingenium cui sit, cui mens divinior, atque os
Magna sonaturum, des nominis hujus honorem.
HORACIO.

Tu dizes, que meus versos são mordidos **
D'um, e d'outro censor, que marca á unha
« Este que é duro, a ideia é mal-atada,
O sentido é difficil por escuro. »
Dizes, que as damas fazem meigo aprêço

* Ao Senhor***

** Pindaro dá aqui o nome de sabio (*sophos*) por excellencia ao poeta lyrico, o qual no seu parecer, é o que tem uma imaginação capaz de produzir, sem studo, um grande número de ideias inteira-

Dos molles versos do affectado Mevio,
E da prósa rhymada de Medaço;
E enraivas d'esse aprêço, e d'essas unhas?
Com bem pouco te ferve na alma a íra!
Por versos criticados te apaixonas?
E por versos não-teus?—Os pobres versos
Meus filhos são, amigo, e eu não me dôo
Dos golpes, que lhes dão.—« São d'um amigo:
São versos (dizes tu), que achei moldados
Nas regras, que deixou o Venusino,
E magoa-me o ver, que os abocanham
Os enfrestados dentes d'um Tareco. »
Espãnca essa amargura despeitosa,
Philosopho Avellar, desfranze a testa;

mente novas, e dignas dos deuses e heroes. Os que á fôrça de leitura e arte, fazem odes, recitam poemas alheios que decoraram, ou dão, polo assim dizer, somente um novo verniz ás ideias poeticas de outros, não são outra cousa mais do que uns garrulos atrevidos, cujos versos ou canto, Pindaro compara aqui, por desprêzo, ao grasnido frustrado, que levantam os corvos contra a poderosa voracidade da aguia.

Critiquer, selon eux, c'est ne pardonner rien,
Grossir toujours le mal, et déguiser le bien;
Qui, faux aigles, et vrais butors,
S'imaginent, dans leur aveugle ivresse,
Planer sur les eaux du Permesse,
Dont ils n'ont jamais vu les bords.

PIRON.

Mira-te ao bom espelho, a que eu me miro,
Quando alimpo da crítica as mascarras:
Bebe da fonte, d'onde eu bebo á fio
O almo licor da jovial Pachorra.
Invejas não me agastam, dão-me riso:
Inveja, antes que lástima, procuro.
Fôrça é subir, co'a inveja sempre ao lado,
Do immortal Templo a alcantilada rocha.
A vida é curta, se as paixões a rallam.
Zomba do Zoilo, zombarei comtigo.
Que ha muito n'este arrimo estou seguro:
— *Imita os bons, se queres iguala-los.*
Despreza o Zoilo de empestada lingua. —
Paixões não são de lucro: as paixões nossas
São pratos, com que os críticos engordam.

Eu quando os screvi, esses, que agora,
Versos mordem (meus filhos mal-fadados)
Foi porque quiz dar folga a muita ideía,
Que na pejada testa borbolhava;
Quiz abrir campo á gratidão, aos justos
Louvores da benevola amisade;
Quiz ornar meus poemas com os nomes
De Lindana, de Marcia, e de Delmira.
O Prazer os gerou, não a vanglória:
Que bem sabes quam pouco os julguei dignos
Do traslado, ante quem sempre os compunha,
Minhas delicias, meu prezado mestre. *

* Horacio.

Sem sossôbro soltava então os diques
Á corrente apollinea despenhada,
Sem temer unhas, sem buscar louvores,
Como quem d'uns, e d'outras se surria.
O verdor juvenil, o sancto lume
Que as Musas põem no sprito digno d'ellas,
E o fogo, que Amor lança nas estranhas,
N'essa idade viçosa e presumida,
Rompeu na labareda, que em *sonetos*,
Em *odes* campanudas saiu fóra.
Mas não tam fóra, que deixasse o claustro
Das gavetas do vate, ou dos amigos;
Onde com mêdo do profano vulgo,
Quaes virgens pudibundas se encerravam.
O Prazer os gerou, hoje a Penuria *
(Mau fado o quiz assim!) os põe na rua.
La vão desemparados, sem valias
Correr tormenta entre os baldões, e as mofas
De mil versejadores assanhados.
Que navalhas, ** que gumes não se affiam
Contra o innocente buço barbi-louro
De meus coitados versos? Zoilos, comprem-mos,
Comprem-mos; e critiquem-mos embora.
Dinheiro, e não louvores necessito.

* *Paupertas impulit audax ut versus facerem.*
HORACIO.

** *Molem et montes.* VIRG., por *montes magnæ molis.*

Qual, na Guiné, o negro os filhos vende,
Em tanto amor gerados e nascidos, *
Para manter a mãe; muito que saiba,
Que hão ser açoutados e pingados
Das brutas mãos do squalido mineiro.
Tanto póde a fatal necessitade!
—São duros. ** Costumadas as orelhas
Ao molle Albano, á molle Damiana,
Ao molle semsabor de ternas glosas,
Não podem supportar guerreira tuba,
Um som alto, uma furia sonorosa,
Qual Camões a pedia á sua Musa. —
Se temem, que as orelhas se lhe estraguem
Co'a dureza dos meus..... Ah! não os leiam:
Que eu c'um vate direi: « Não leio os seus***.
Contentar-me-hei com poucos de bom siso,
De studo, de criterio delicado,
Que os leem, sem lhe arranharem os ouvidos.
O molle cortezão, que veste hollandas,
Que traja tafetas, calça pellicas,
Fraqueia ao morrião, geme no ferro
Do rebatido arnez, prendem-no as grevas,
De sopesar a grossa lança, sua.

* Camões.

** *Duri chiama i miei carmi*
Ma che? son duri, e pur son belli i marmi.
TASSO.

*** Garção' *Satyr I.*

Versos molles, ensossos e aprosados
Nunca do Pindo entraram nas balizas;
C'um latego nas mãos, Pindaro, Horacio.
Das fraldas da montanha, os afugentam.
Não soffre'as altas Musas * *meanmente*
Serem tractadas. Rojarás ** per terra,
Por pouco que da altura te desvies.
Muitos (pelo adoçar) suam, tres-suam,
Roendo o triste verso, como traça,
Sem sangue o deixam. Muito mimo
Empece á tenra planta. Qual é a lingua
Que em bem-nascido verso prove os fios?
Verso primeiro vem, que ás vezes tanta
Natural graça traz, que uma das nove
Deusas, parece, que o inspira e canta.
Ferreira, Oh bom Ferreira! bem te queixas
D'estes juizos cegos, que igualmente
Gostam da Musa doce e Musa fria.
Eu amo o verso brando e torneado,
(E alguns se acham talvez em meus poemas)
Quando o requer o assumpto. Quando acaso
Sentado na sombria e verde margem
D'um limpido ribeiro saúdoso,
Olindo canta ao som, ao murmurio
Da branda veia as mágoas d'uma ausencia.

* Ferreira, liv. I, *carta* 8. a Pero d'Andrade Caminha.

** Horacio, na *Arte-Poetica*.

Quando Tyrso ós auritos arvoredos
Contente narra a chamma doce e pura,
Que lhe accendeu no peito um olhar meigo
Da formosa Amaryllis. N'outro assumpto
Sempre terei em mofa e menosprêzo
Mulher caiada e verso delambido.
Quero nos versos, que gostoso leio,
Valentia de phrase, e de sentença,
Robustas côres no formoso rosto,
Meneio marcial, d'onde respire
Antes cheiro de polv'ra, que de almiscar.
Outros prezam melhor versos de alfeloa: *
La tem o Chagas, chupem-no, regalem-se
C'os seus doces romances de ovos molles:
E se inda o acham duro, teem o Zuniga,
Que em seus versos de fofo caramelo,
Não tem *Lunar*, ** não tem *Simul-cadente*
Simul-soante, ou verbo, que não venha
Na Cartilha do padre-mestre Ignacio.
La ressumbra uma nodoa, que segundo
O parecer dos doctos meus censores,
Que apprendem portuguez pela Gazeta;
Uma nodoa é, que afeia os meus scriptos,

* *Quam citò id, quod valde dulce est, aspernatur et respuit.*

CICERO.

** Vid. a approvação das obras de Domingos dos Reis Quita.

Que enxovalha o melhor das minhas *odes*.
Termos *novos* ou *droguas* da *antigualha*,
Que se acham so em Barros, em Lucena,
Velhos Sebastianistas, que este mimo
Do fallar Luso-Gallico não provam:
Termos, de que jamais na Academía
Usou tanto auctor sabio e respeitavel,
Que tam vastos volumes compozeram
Da estampas régias, de opulenta margem.
— « Um auctor de *folhetos* (dizem elles)
Por quatro *odes*, que fez, mal-alinhadas,
Quer mais auctoridade ter, mais pêso,
Que tam dignos varões? Melhor lhe fôra
Escrever como nós. * O sapateiro
A rascoa, inda o mais boçal mochilla
Intendem nossos versos, e os decoram:
Os seus, so o Diniz, so o Pereira,
Ou algum d'essa récova os descifra.
O Mattos nunca usou de *sotto-postos*,
De *aferrolhar*, de *nitidos*, nem *fulgidos*,
Nem d'outros termos vis, avelhentados,
Carcomidos nas trovas Afonsinhas. »
— « Teem razão (lhe dirás) dirás comigo;
Para esses meus senhores nunca screvo,
Nem para quem decora taes refugos.

* *Ecrire en vers pour les faire mauvais est la plus haute de toutes les sottises.*

VOLTAIRE.

Escrevo para mim, para Dorindo,
Para ti, Avellar, que sem piedade
Aqui cortas o ramo mui-viçoso,
Alli o pêcco, o escuro me esclareces,
« E o baixo e vil, me dizes que levante. »
Assim Virgilio, Horacio poetavam
Para Augusto e Mecenas, para Vario,
E com chufas aos Mevios respondiam.
Os que como Diniz, * Garção, Ferre ire
Meditam, folheiando noite e dia **
Os Gregos e Romanos de alto preço,
E dão moldados versos n'estes cunhos,
Dignos de entrar ne Templo do Bom-Gôsto;
São os que estimo so ***, de quem recebo
Com gôsto, e com respeito o bom reparo. ****
Que muitos ha, que studam com proveito;

* *Pindarici fontis qui non expalluit haustus.*
HORACIO.

** *Neque concipere, aut edere partum mens potest, nisi ingenti flumine litterarum inundare.*
PETRONIO.

*** *Cæteri autem aut non viderunt viam quâ iretur ad carmen, aut visam timuerunt calcare.*
PETRONIO.

**** *Cette flamme qui brûle au sein des grands auteurs,*
Doit être le flambeau qui guide les censeurs;
Il faut également que le ciel les inspire,
Les uns pour critiquer, les autres pour écrire.

Mas faltos de escrever (ja de medrosos,
Ja de esquiva priguiça avassallados)
Como campos não tem, nem tenras vinhas
Que o saltante granizo lhes pedreje *,
Zombam das sêccas, zombam dos negrumes,
E do pobre rendeiro, que anda á espreita
Do soão, da tormenta furiosa,
Que lhe creste os botões, lhe arranque os troncos:
Não temem nos escriptos tempestade,
Despiedadamente nos mais ferem.
Por mui severos, estes os recuso; **
E aos que não lêem, por criticos rejeito;
Que são cegos, de côres não distinguem.
E quem não sabe d'arte, não a estima ***
Quem escreve: quem sabe o quanto é arduo
Vestir de rico trajo a ideia nobre,
Com que appareça honrada entre esse vulgo,
Que, mais que na virtude e modo honesto,
Repara na riqueza, e no vestido: —
Que é penuria todo o ouro d'uma lingua,

* Dizemos *junctar*, *sentar*, *levantar*, e *ajunctar*, *assentar*, *alevantar* — *pedrejar* e *apedrejar*. — Ponho ésta nota, porque não sei com quem fallo.

** *Cæteros pudeat, si qui ita se litteris abdiderunt ut nihil possint ex his neque ad communem afferre fructum, neque in aspectum lucemque proferre.*
CICERO.

*** Camões.

Se alma e feições dar queres ao conceito :
Que se estranhas , antigas novas vozes
No taboleiro escolhes , uma apenas
Acha graça em teus olhos rabujentos. —
Que ésta no verso é longa , aquella é curta ,
Chocha não soa , ou ritinindo estruge. —
Esse orna so c'o merecido louro
O verso cheio de uteis pensamentos,
Novos * na phrase, novos na substancia;
Esse arroja da banca studiosa ,
(Costumada a leituras escolhidas)
Dourado livro de garridos versos ,
Cuja dicção trivial , ouca harmonia **
Brilhou ja nos corrilhos do Erario ,
Ou trouxe-a do Brasil fofa e confeita ,
N'um barril de melasso , um Carioca. ***
Esse da banca arroja os (per alcunha)
Do *Sentimento* deslavados versos,

* *Summendæ voces a plebe summotæ, ut fiat.*
Odi profanum vulgus, et arceo.
PETRONIO.

** *Fabula nullius veneris, sine pondere et arte,*
Versus inopes rerum, nugæque canoræ.
HORACIO.

*** Sei que ha muitos Brasileiros de bons studos, que desprezam os momos e affectações de quatro bandalhos, que por ellas campam : com esses não fallo; antes os louvo , e os estimo.

Que das paixões não veem, que não véem da alma
Nem põem á luz, em quadros falladores,
De bem-sentido affecto os vivos rasgos:
Versos, que Apollo condemnou á queima,
Por frios e enfeixados em má prosa,
Que a Moda, e não as Musas inspiraram.
Que thesouro não cumpre ter aberto
De opulenta linguagem: ante os olhos,
O grandiloquo vate, ás Musas caro;
Ou que serras não corta, minas rompe,
Sangrando ricas veias de ouro puro,
Com que releve e enfeite a *ode* altiva,
Emuladora da aguia ali-potente,
Que fita o sol na fulgida carreira,
E na nuve enrolada esconde o vôo;
Ou, franqueiando estreitas leis, devolve
Dithyrambo atrevido, embriagado,
Dos outeiros do Menalo ruidoso,
Rodeiado da Ferulas, de Thyrsos,
De capripedes satyros saltantes?
Aqui os transes são, aqui da fronte
Do trabalhado vate corre em fio
O suor, que reluz na roixa face:
Aqui... mas la lhe traz do verde Pindo
Meigo soccorro o affabil soberano
De altos versos.... La franco lhe concede *

* Geralmente foi dada boa licença
A's linguas; umas a outras se roubaram.
FERREIRA.

Cartaz para a plebeia, que ennobreça
Com foro e moradia; a peregrina *
Naturalize, e cidadan se chame;
Assente em tribunal (entre as modernas
Barbi-louras) a antiga; ** veneranda
Pelas honradas cans, grandes serviços;
Ou junctando em travado matrimonio
(Estremado dizer lhe chama Flacco) ***
Duas bem-conhecidas, forme a nova
Com cunho portuguez, embora vinda,
Com que a si, com que aos seus mais enriqueça.
Mas ca me vem dos brejos de Aganippe
Um grasnido **** rouquenho do vulgacho
Arruinador dos *ados*, *idos* e *osos*, *****

* *Amat peregrina verba....*
Latio *fonet cadant parce detorta.*
HORACIO.
Na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a Latina.
CAMÕES.

** *Multa renascentur quæ jam cecidêre.*
HORACIO.

*** *Dixeris egregie, notum si callida verbum*
Reddiderit junctura novum.
HORACIO.

**** *Clamore nequicquam procaci*
Rauca crepant crocitantque corvi
Contra ministrum fulminis alitem.

***** *Si par hasard, en cherchant une rime, on*

Que o verso estimam so, que os consoantes
Sacode, como guisos na colleira.
— « Não ha um consoante n'essas *odes*,
N'esse escuro delirio. Abate o vôo.
Desce do Pegaso. Ata as tuas trovas,
Que não lhe achâmos ponta, nem atilbo. * »
Musa, que me prendaste com a lyra
Que Horacio pendurara d'um loureiro,
Do sacro bosque, em frente do aureo throno,
Em que Pindaro e Orpheu estão sentados:
Musa, que sôbre as cordas sonorosas,
Quando a mão me adestravas, e influías
Canto divino em minha voz grosseira,
Me dizias mormente: — « Novo alumno,
Foge, foge do humano humilde idioma,
Que nascido na terra, a terra busca,
Prêso caminha, prêsa ao lodo a ideia.
Tu estuda o fallar dos altos numes,
D'onde te vem o sprito, o raio puro
Que gera o vate, gera alados versos,

trouve une pensée, on renonce souvent à employer une pensée vive, délicieuse ou sublime, faute de pouvoir l'incruster dans les bornes du vers, ou de la faire sonner par le grelot de la rime.

Voy. Phil.

* — *Mihi* nunquam
Bilem, sæpe jocum vestri movêre tumultus.

Horacio.

Que pelos soltos ares, soltos voam
A chegar-se, nos ceos, á sua origem.» *
Que mandas, Musa, que responda agora
Aos baldões, que em meu nome, a ti disparam?
Permittes que o segredo lhes descubra;
Que a vereda escondida patenteie
Per onde voa o remontado vate,
Quando em conselho radioso os Numes
Vai escutar, e c'o elles gosta o nectar,
Na fatidica taça do alto Apollo?
Qual pallido na Eleusis treme e jura
Guardar o Grego os mysticos arcanos;
Tal eu jurei, nas tuas mãos mimosas,
Guardar o arcano dos sublimes versos,
Que me trouxeste da morada olympia.
Assim jurou o teu Rousseau divino:
E bem (como eu) vexado per pedantes,
O vedado segredo encerrou na alma.
Ouvi, como este vate mais-que-humano,

* *Majores ego spiritus*
Gestans, sub pedibus degenerem metum
Projeci, et sola deserens
Ad cœlum rapior plenus Apolline:
Indoctisque reconditos
Fontes AEmoniæ visens gestiens,
Magnum, crudus adhuc senex,
Flaccum pone sequar per nemora invia.

J. B. D. S. R.

Tomado do furor que Apollo inspira,
Cresce no sprito, e ufano se agiganta:
Subindo ao cume do partido monte;
Aos detractores do estro sublimado,
Aos criticos pygmeus abate o orgulho,
E sem que estrague o honrado juramento,
Os esconsos juizos vexadores
Co'a rocha do desprêzo esmaga e enterra.
Ou qual Perseu no alado bruto monta,
E descubrindo a anguifera Gorgona,
C'o terrífico escudo assombra, impedra
Esguios Zoilos de franzida fronte.
—«Fraco esprito * que a torta senda ignoras
Do Pindo, e medir queres c'o de Euclides
Compasso, o devaneio de meus versos,
Aprende, que iguaes raptos deu Virgilio
Ás Sicelides musas. Tu so podes,
Feliz delirio, eternizar o canto
Dos mestres da alta lyra.» — Emmudeceste
Marreco grasnador? Comtigo falla,
Comtigo, que ves tudo escuro e sôlto,
Se não t'o poem á porta em taboleta,
Ou qual ramal de peros enfiado.
Quererás tu, que Pindaro ruídoso,
Quando mais ferve, e da profunda boca
Delirado desata a gran'torrente
Per fragas, per barrancos despenhada....

* Ode ao nascimento do duque de Bretanha.

Aqui alaga, alli violento arranca
Rochedos e pinheiros... va a tento,
Com uma arte na mão, * costeando as regras
D'um etico roteiro de aprendizes,
Por não te molestar o çafio ingenho?
Pisco censor, que perdes de olhos a aguia,
Quando desprega as implumadas fôrças,
E acommette dos ceos a azul barreira;
Não canta para ti Pindaro altivo.
O sprito segue a Apollo, a ovelha o trilho.
O estylo impetuoso de uma ode
Atropella, não piza; esconde a esteira,
Que talhou despedida, a turvos olhos.
Os que criou Calliope divina
Em seu inclyto seio; os que nascendo
Bafejou Phebo com ardente sôpro,
Podem sos, com a vista, rastreá-la.
O Venusino, imitador do cysne
Dirceu, que em alvo cysne ** transformado,

* *Non enim res gestæ versibus comprehendendæ sunt.... Sed per ambages, deorumque ministeria, et fabulosum sententiarum tormentum præcipitandus est liber spiritus; ut potius furentis animi vaticinatio appareat, quam religiosæ orationis sub testibus fides.*

PETRONIO.

** *Jam, jam residunt cruribus asperæ*
Pelles et album mutor in alitem.

Maior que inveja, deixa Roma em baixo,
Para estender o vôo até os Pólos:
Que lidas, que suor * não deixou prestes
A Salmasios, a causticos Lambinos,
Quando o laço escondeu d'ésta Ode egregia :
— « Ao varão justo e firme em seu proposito
Não lhe abalam a mente incontrastavel
Injustas ordens de assomado povo,
Nem de tyranno o rosto resoluto,
Austro, revolto rei do Adria inquieto,
Nem de Jove tonante a mão ingente.
Caia, sôbre elle, espedaçado, o mundo,
Feri-lo-hão, mas impavido as ruínas.
Pollux n'ésta arte, e o vago Alcides fixos,
Os alcaçares igneos alcançaram :
Entre elles bebe, com purpurea boca,
Augusto o nectar recostado; n'ésta
Benemerito, Oh Baccho! pae, teus tigres
Te rodaram, tirando o indocil jugo;
N'ésta arte fixo Romulo se escapa,
Nos cavallos de Marte, do Acheronte. » —
Aqui punha Scaligero as balizas,
E o fim á *ode*: outra *ode* lhe era o resto.

Invidiaque major
Urbes relinquam.
Horacio.

* *Quantus adest sudor!*
Horacio.

Não viu, não c'o elle viram muitos outros;
(Com que te envergonharas pôr-te á barba,
Tu que enojosas críticas arrojas)
Que a soltura apparente, que o delirio,
Que subito se apossa do poeta,
Não se deixa colhêr de olhos vulgares:
Poucos, que Apollo amou, em cuja mente
Poz throno, poz morada; e correr podem
(Bemque de longe) a strada Venusina,
Véem o fio e vereda do sentido.
—«Muito sei (diz) que é peça de obra-prima *
A poetica falla, onde contra Ilio
Juno disfere o seu rancor inteiro;
Onde (mau grado seu) toda a grandeza
Ja, dos Romanos, ante-diz, futura.
Mas onde prende, onde é que está o laço,
Que ésta falla ao princípio entronca e une?
Eu não o vejo ** »— Horacio bem o via;
Que via mais que tu, mais que Scaligero,
Que os seus netos em crítica, e os bisnetos.
Mas vem comigo ainda, aguça a vista,
Para veres prodigios mais occultos.
Ve se os listões distingues, com que Pindaro

* *Chefe-d'obra* lhe chamam alguns.

** M. le Fevre, pae de madama Dacier, foi quem primeiro descobriu o sentido, e o nexo d'ésta ode. Os que não teem as obras d'este erudito, podem ver as notas, que seu genro M. Dacier fez a Horacio.

As estrophes liberrimas enlaça,
Quando se iguala ao rei, * que illustre off'rece,
Na taça nupcial micante orvalho
Do rubido Lyeu, ao genro egregio.....
—« Assim brindo eu, c'o a taça, os vencedores,
Do almo nectar da Fama trânsbordando,
Doce fructo do ingenho, dom das Musas.
Rhodes, noiva do Sol, de Venus filha,
Que longe-reinas nos cavados máres,
Teu filho canto, coroado Athleta
Do Alpheu nas ribas e Castalia fonte.
Quero pregoar no Orbe, que em Alcides,
Por Tleptolemo entronca o nascimento.
Quanto error pende sôbre o peito humano! »—
  Censor, que buscas nexo, que investigas
Os fios, com que o vate urde o delirio,
Segue a Pindaro agora extraviado
Per longes terras, per prolixas ondas,
Prêso aos fados do invicto Tleptolemo.
Do fatidico Apollo eis busca as aras:
Eis peregrina a essa ilha afortunada,
Onde Jove choveu os floccos de ouro,
Quando, da frente, per Vulcaneas artes,
Pallas lhe rebentou, gritando: « Á l'arma!
Á l'arma! » que abalava os ceos, e o mundo.
  —« Então o deus, que os Orbes allumia
No carro chammejante, aos caros Rhodios

* Pindaro, *Olymp.* vii.

Manda erguer aras á guerreira filha,
Do ouri-chuvo deus: Minerva grata
Arte e ingenho esparzia com mão profusa;
E as, que, státuas nas praças lhe respiram,
Dão largo nome a Rhodes no Universo.» —
Enfezado malsim do verso escuro,
Espreita o ovante Pindaro, que bate
Ás esculpidas portas da Memoria:
D'ésta Ilha illustre os titulos consulta;
Alli ve qual partilha os deuses fazem
Entre si, das cidades que protegem;
Como o Sol (vindo tarde) é desherdado:
Mas Jove, juiz recto, ao Sol concede
Uma Ilha, que (correndo a méta usada)
Brilhar víra * nos seios de Neptuno.
—«Sóbe Rhodes á flor da azul campina;
O Guia dos ignívomos ginetes
D'ella ha sette mancebos (desposando-a)
De gentil rosto, de estremado siso,
De sette altas cidades fundadores.
Poz termo a seus errores n'uma d'ellas
Tleptolemo, e das gentes, por virtudes,
Por trabalhos, qual deus é adorado.» —
Canta depois as croas, as victorias,
Que Diagoras válido ganhara:
Despede a Jove poderosos rogos;
Que dê fôrça e virtude ao seu Athleta

* Apollo.

Ólha de longe o grato regosijo
Da vencedora patria, o empenho alegre
Dos Rhodios cidadãos, e fecha o canto.
Onde a trama ves tu, onde a urdidura
Da bem-tecida, bem-bordada téla?
Se da croada Élide avistar-te,
C'os teus *atilhos*, c'o teu *claro* e *doce*,
Pisco pygmeu, se Pindaro podera,
N'este arredado seculo mesquinho,
Cuidas, que para ti baixando o vôo,
Iria passo a passo pela estrada
Contando pelos dedos os successos,
Qual nos conta apoucado gazeteiro
Os navios que entraram pelo Sunda?
—«Que tenho eu ca com Pindaro (respondes)
Que Grego para os mais, para mim Turco,
Me falla desvairada algaravia?
Digo, que quero ler versinhos claros,
E que os teus não intendo, por escuros.»
Tambem eu no Camões, no bom Ferreira
No princípio alguns li, sem que colhesse
Logo o sentido: mas releio e estudo,
E o que era escuro, claro se me torna.
Toma este meu costume por conselho,
E não serás por nescio reprendido.
Mas se de sprito bôto e vista curta
Te amuas contra Pindaro e Horacio,
Contra mim, que de longe os sigo e canço;

Não quero porfiar, façamos pazes.
Comtigo assás zombei; assás fui duro.
Somos amigos; consolar-te quero.
La vejo vir, com rosto prazanteiro,
Minha gorda Pachorra, amiga velha;
Se ella adjudar-me quer a dar-te gôsto,
Não desconfio de compor-te uns versos
Claros, molles, versinhos para Freira,
Recheiados de affectos, de finezas,
De frautas, de surrões, e de cajados,
Atados com brilhantes maravalhas,
Sonoros, bem farfantes, campanudos,
Com cascaveis de guapos consoantes;
E assucará-los-hei com palavrinhas
De muito não-sentido *sentimento*, *
Com que, lendo-os, de mim sejas contente,
E eu, compondo-tos deite uma can fóra....
  Longe de mim, medrosos consoanteiros,
Flegmaticos na fragoa dos furores,
Que dictaes, per capitulos, as odes:
Phebo seu fogo vos negou avaro.
Amo o poeta, que embocando a tuba:
—« Não sou mortal (me diz): Apollo, Apollo
Me revolve as ideias, m'as escolhe,
E ordenadas á lingua m'as envia. »
Que assim cheia do deus a Pythia alheada
Pela boca exhalava o vapor sancto,
Que da tripode ao peito lhe batia,

E insano lhe lavrava nas entranhas.....* !
Não tens tu, Avellar, que eu sou ja longo,
E que a minha priguiça enfastiada
Boceja e quer dormir, de ver o serio,
O estomagado texto d'uma *carta*,
Que comecei por mero desfastio ?
Pois, boa noite: adeus**, que vou deitar-me.

* — *Ubi vaticinos concepit mente furores*
Incaluitque Deo, quem clausum pectore habebat.
OVIDIO.

Alguns amigos me dizem — « que eu não faço bem em citar tanto os auctores; e que é desluzir os meus pensamentos, o apontar as palavras de outros, que ja o tinham dicto »: mas eu que n'essas trovas, me não dou nunca por talento divino, que diz com sublimidade o que ninguem antes d'elle disse, allego o auctor, se elle me lembra, e as trovas irão como poderem, á eternidade — ou á tenda para embrulhar adubos. Outros amigos se enfastiam de que eu dê tanto cavaco. — « Tens 84 annos; tens dado mais de 2000 satisfações, citando em teu abono, auctores e approvadas razões. Ou teus leitores confiam em ti, ou não. Se confiam, basta de cavaco; se não confiam, 40,000 cavacos pouco valeriam. »

** *Trop paresseux pour abréger,*
Trop occupé pour corriger,
Je vous livre mes rêveries.
. . . .
J'abandonne l'exactitude

Aux gens qui riment par métier.
D'autres font des vers par étude,
J'en fais pour me désennuyer.

GRESSET.

EPISTOLA.*

DEFEITOS DA PHILOSOPHIA.

On a banni les démons et les fées ;
Sous la raison les graces étouffées
Livrent nos cœurs à l'insipidité.
VOLTAIRE.

Em quanto nossos paes, nossos avós,
Encostados na fe do padre-cura,
Criam fadas, duendes, criam bruxas,
Quam felices que foram! Que socêgo
Lhe adormentava então o intendimento!
Não lhe davam tormento as barafundas
D'esse fiscal esprito, que aforoa
Que examina hoje tudo, e que amplos gostos

* Ésta *epistola* foi offerecida ao Snr. José Bonifacio de Andrada, naturalista então enviado pela raínha N. S. a França, Allemanha, etc. etc.

De enfeitadas chymeras afugenta.
Juncto do lar ardente, em curvo cêrco,
Baixas as testas, corpos bem cerrados,
Toda a familia nos serões do hinverno
Embellezada n'éstas ventoinhas
Inquilinas do mundo imaginario,
Não sente o como ronca, esbravejando,
O vento pelo tremulo arvoredo;
Nem como a telha-van remeche e grita
Per saltante pedrisco fustigada.
Apenas, quando vai o conto em meio,
Arreda do leitor, um tanto, os olhos,
Para dar um meneio á frigideira,
Ou virar o bom lombo que re-pinga.
Um cavalleiro, que a viseira cala,
Embraça o seu broquel de amante mote,
E vai correr o mundo, confiado
Na aguda lança, e na talhante espada;
Que acommette arriscadas aventuras
Por livrar incantadas formosuras
De mimosas princezas; de esquecidas
Masmorras retirar ao claro dia
Um Montesinos, guapo cavalleiro
(Saúdades da misera Balerma!) *
Que para o conquistar, em campo afronta

* Haja vista ao minuete de *Balerma misera*, que vem nas operas do Judeu. Creio que é (segundo minha lembrança) na opera de D. Quichote.

Gigantes, malandrins, dragos, duendes,
E de toda a refrega sai com brio. —
Descrever (como digo) essas proezas
Era o talento d'uma *sábia pluma*
Estimada na côrte, e na cidade;
Farta leitura de villões e nobres,
Que enchendo-lhe a alma de gostoso enlêvo,
Criava nos guerreiros mais sabidos
Campanudo valor, cortez agrado.
De Carlos Magno o folheado livro,
C'os doze Pares de esforçado pulso,
Pariu mais valentões * á nossa Elysia,
Que não darão (nos seculos vindouros)
Embrulhos para as tendas, as fidalgas
Folhas d'um certo auctor la dos Algarves
Nos copiados seus bastos volumes. **
Em duros corações que ternos golpes
Não deram sempre as lagrymas pudícas,
Os saxifragos rogos da formosa
Lastimada Floripes? Qual foi nunca
A dama bem-nascida, bem-creada,
A donosa donzella bem-fallante,

*Vêde na *Côrte-na-aldeia*, discurso primeiro, o soldado da India, que ouvia nos quarteis ler livros de cavallarias.

** É auctor a quem a composição d'um volume custa o esforçadissimo desvelo de trasladar d'outro volume.

Que lendo na novella os altos feitos,
Galhardias de justas e torneios
Ás bellas dedicados, e vencidos,
Não bebesse vanglória e bons desejos
De correr similhantes aventuras,
A desconto d'um susto em negro bosque,
D'um assalto de amor em leito de ouro?
Conversando, sonhando (aomenos) n'ellas,
Em quanto de as correr não chega o dia,
Quantas horas com gôsto se não passam?
Não assim esses livros engoiados,
Com que hoje enguiçam guapas livrarias;
Cartapacios de linhas, de figuras
Nigromanticas, barbaras, insolitas,
De algebrías, de chymicas, de phósphoros,
De syntheses, de analyses, *et reliqua*;
Com que tantos ingenhos parafusam,
Com perda de papel, perda de tempo,
Sem deleite do auctor, nem dos leitores.
Ah! quanto o bem merecem (muito fólgo!)
Lhe venham no garupa as escoimadas
Críticas finas, caústicas censuras,
Bichos desconhecidos nos bons tempos
Do bom siso dos nossos bons maiores.
Que cousa ha hi nos matos espinhosos
D'essa magra e subtil philosophia *

* *La poesia cava ben più partito da un'illusione interessante, che da una verità fredda.*
CASAROTTI.

Que emparelhar se atreva c'um bom conto
De fadas, c'o condão d'uma varinha?
N'uma volta de mão, c'um leve toque
D'essa bemdicta vara milagrosa,
Vos faziam saír la das entranhas
Da terra obediente, altos palacios
De alabastro, com seus capiteis de ouro
Engastados de fina pedraria,
Sumptuosos jardins, fontes, passeios
Que recheiam, que servem, que afermosam
Mil pagens cortezãos, mil nymphas bellas.
D'uma casca de noz caír a rôdo
As perlas, em chuveiro, as esmeraldas,
São prodigios, que pasmam, que divertem
O mais triste fidalgo embezerrado
De não ter conseguido uma comenda
Por cançados serviços, por vinte annos
A fio ter cursado os venerandos
Tijolos de palacio, e feito airosas
Nos beijamãos as sólitas mesuras.
Nem conto os mimos, musicas e amores
Surdindo da caverna mais escura,
Que as princezas amantes, pensativas
Na solidão maviosa deleitavam.

Oh rico Ariosto! oh vate nobre e farto
De brilhantes ideias variadas!
Um cento de palacios de alabastro
Nunca te custou mais que quatro rasgos
Da riquissima pluma creadora.

Não sem razão a sapiente Crusca
Te dera sôbre o Tasso a primazia.
Oh ricas fadas ! rico incantamento !
Enleio dos sentidos agradavel,
Com que saudade crua, e com que pena
Vos chóro de entre nós afugentadas,
Per esses maus philosophos, esquivos
De todo o bom saber, toda a delicia
De entretida lição, de util estudo !
Assim, amigo Andrada, a minha musa
Em seu ócio sagrado divertida;
Com desenfado um dia assim traçava
Esse embrião de ensossos destemperos,
Acceitos com desdem, ou com surriso,
Segundo te achem lepido ou trombudo.

55666028